



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (PRPG)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA (PPGECM)

MARTA CEZARIA DE OLIVEIRA

Afroternidade: análise das práticas científicas como cuidado entre
mulheres negras

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
GERÊNCIA DE CURSOS E PROGRAMAS INTERDISCIPLINARES

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

MARTA CEZARIA DE OLIVEIRA

3. Título do trabalho

Afroternidade: Análise das práticas científicas como cuidado entre mulheres Negras

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Anna Maria Canavarro Benite, Professor do Magistério Superior**, em 13/06/2025, às 08:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marta Cezaria De Oliveira, Discente**, em 13/06/2025, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5438615** e o código CRC **7D198C7C**.

MARTA CEZARIA DE OLIVEIRA

Afroternidade: análise das práticas científicas como cuidado entre
mulheres negras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Goiás (UFG), para obtenção do título de Mestra em Educação em Ciências e Matemática.

Área de concentração: Qualificação de professores de Ciências e Matemática.

Linha de pesquisa: Educação em Ciências e Matemática e Meio Ambiente

Orientadora: Prof^a. Dr^a Anna M. Canavarro Benite

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Lucely Morais Pio

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Marta Cezaria de

Afroternidade [manuscrito] : análise das práticas científicas como cuidado entre mulheres negras / Marta Cezaria de Oliveira. - 2025. 176 f.

Orientador: Profa. Dra. Anna M Canavarro Benite; co-orientadora Dra. Lucely Moraes Pio.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Pró reitoria de Pós-graduação (PRPG), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, símbolos, gráfico, tabelas, algoritmos, lista de figuras, lista de tabelas.

1. mulheres negras. 2. saberes ancestrais. 3. afroternidade. 4. conhecimento científico. 5. ensino de ciências. I. Benite, Anna M Canavarro , orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

GERÊNCIA DE CURSOS E PROGRAMAS INTERDISCIPLINARES

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata da sessão de Defesa de Dissertação de MARTA CEZARIA DE OLIVEIRA, que confere o título de Mestre(a) em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, na área de concentração em **Qualificação de Professores de Ciências e Matemática**.

Ao/s **03 dias do mês de maio de 2023**, a partir da(s) **14:00**, no(a) Auditório do LEPQI - UFG e VIDEOCONFERÊNCIA, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “Afroternidade: Análise das práticas científicas como cuidado entre mulheres Negras”. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) ANNA MARIA CANAVARRO BENITE - UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) NILMA LINO GOMES - UFMG, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) MARIA NILZA DA SILVA - PUC-SP, membro titular externo, Professor(a) Doutor(a) TÂNIA FERREIRA REZENDE - UFG, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) ANNA MARIA CANAVARRO BENITE, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **NILMA LINO GOMES, Usuário Externo**, em 23/10/2024, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anna Maria Canavarro Benite, Professora do Magistério Superior**, em 23/10/2024, às 13:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tania Ferreira Rezende, Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2025, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4921334** e o código CRC **281CB479**.

Referência: Processo nº 23070.019134/2023-71

SEI nº 4921334

À minha família.

À minha família estendida pelo amor, afeto coletivo.

Às mulheres que trilham e trilharam caminhos de ternura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas ancestrais pela luta, entrega e resistência no Brasil e no mundo para se manter de pé, com ternura e amor no coletivo, apesar dos estigmas da escravidão nos terreiros da vida.

Agradeço a Conceição Teixeira de Oliveira (*In memoriam*) mamãe, mulher negra, lavadeira que me gerou com todas as dificuldades que as violências impõem a uma mulher preta, e ao meu Pai Sebastião Cezário de Oliveira (*In memoriam*), que, por injustiças sociais, deixou-nos cedo.

Agradeço às minhas irmãs Loide (*In memoriam*), Ester, Anadir e Lídia, e ao meu irmão Elias, que venceram os desafios da pobreza extrema neste Cerrado e hoje continuam com uma nova história com seus filhos, meus sobrinhos e sobrinhas: Lenilda, Junior, Ademir, Glaucia, Silvinho, Letícia e Syllas.

Agradeço as/os professoras/os que me ajudaram desde os primeiros passos na escola e na universidade para que hoje eu pudesse dizer que venci etapas difíceis do racismo e do sexismo em todos os espaços por onde trilhei.

Agradeço à minha família estendida, que é impossível nomear neste momento de escrita, pois são muitas e muitos amigas/os de caminhada em prol de gênero, raça e classe.

Agradeço a cada uma das mulheres do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado e a todas/os as/os participantes desta investigação, que me ajudaram a escrever um pouco do que acredito nas ciências com os saberes ancestrais por uma educação afrodiaspórica.

Agradeço ao Projeto Travessia-UFG que me ajudou a chegar ao mestrado.

Agradeço ao projeto “Investiga Menina!” E toda a equipe de trabalho que trilhou minha decisão na escolha do que deveria fazer no Mestrado em Educação Ciências e Matemática na UFG.

Agradeço aos meus colegas, com os quais muito aprendi, e as/os professoras/es do

LEPQI/Ciata UFG, do PPGM e outros que me compreenderam nesta jornada de estudos.

Agradeço à minha orientadora, Anita Benite, por sua amizade, acolhida, ajuda e dedicação me conduzindo nos caminhos das ciências feita por mulheres negras e ainda me dando a alegria de ter uma co-orientadora vinda da comunidade quilombola, com seus saberes ancestrais partilhando vida e saberes no coletivo criado ao longo da caminhada nos estudos.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.

RESUMO

A historiografia, a notoriedade atribuída à sabedoria tradicional e ancestral que mulheres negras experienciam, transmitem elementos importantes sobre os cuidados estabelecidos entre elas. Importante considerar que esses cuidados foram considerados formas de enfrentamento às múltiplas violências vividas por essas mulheres a partir do quesito raça e gênero. O referencial teórico desta pesquisa está estruturado em três eixos: sobre mulheres negras e cientistas negras pauta-se em Anna Benite (2018), Lélia Gonzalez (1984), Flávia Rios (2019) e Oyèrónkẹ Oyèwùmí (2004); em relação à farmácia popular do Cerrado considera-se Lucely M. Pio (2021); por fim, o referencial teórico considera a história da ONG Dandara no Cerrado como um espaço não formal de ensino, inaugurando o conceito de *afroternidade*, gerando reflexões sobre os cuidados à saúde das mulheres negras. A estratégia utilizada foi implementar uma Farmácia Popular Doméstica a partir de conhecimentos de pesquisas de cientistas negras contemporâneas em consonância com os saberes tradicionais da Farmacopeia Popular do Cerrado. Esta é uma pesquisa participante cujos instrumentos usados foram questionários, gravação e transcrição das oficinas ministradas. Foram realizados nove encontros com 75 participantes (60 mulheres negras) e as transcrições estão em análise sob a luz da técnica da análise da conversação. Para análise para esta dissertação foram considerados o segundo, terceiro, quinto e sexto encontro realizado com o grupo. O resultado parcial da pesquisa indica a integração social e política entre as participantes da pesquisa-ação, a catalogação de 156 plantas que foram disponibilizadas, com diferentes usos conforme sua cultura. A catalogação dessas plantas permite um estudo sistematizado para a inserção das mesmas no currículo para ensino de ciências e realização da montagem de uma Farmácia Popular Doméstica na Sede da ONG Dandara no Cerrado. Com isso espera-se potencializar espaços não formais de ensino, ampliando diálogos entre mulheres negras, aprofundando nas diferentes estratégias para cuidados e possibilitando acesso e compreensão a algumas práticas científicas. Acredita-se que é possível fortalecer a participação das mulheres negras na produção de conhecimento e na mitigação da violência de gênero, raça e classe, estimulando a difusão de conhecimentos científicos das ciências feitas por mulheres negras.

Palavras-chave: mulheres negras; saberes ancestrais; *afroternidade*; conhecimento científico; ensino de ciências.

ABSTRACT

Historiography, the notoriety attributed to the traditional and ancestral wisdom black women experience, conveys important elements about the care established between them. This care was considered a way of coping with the multiple violence experienced by these women based on the question of race and gender. The theoretical framework of this research is structured in three axes: on black women and black scientists is guided by Anna Benite (2018), Lélia Gonzalez (1984), Flávia Rios (2019) and Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2004); in relation to the popular pharmacy in the Cerrado, Lucely M. Pio (2021); finally, the theoretical framework considers the history of the NGO Dandara in the Cerrado as a non-formal teaching space, inaugurating the concept of *Afroternity*, producing reflections on the health care of black women. Our strategy was to implement a Popular Domestic Pharmacy based on the knowledge of research by contemporary black scientists in line with the traditional knowledge of the Popular Pharmacopoeia of the Cerrado. This was participatory research, whose instruments consisted of questionnaires, recording and transcription of the workshops. Nine meetings were held with 75 participants (60 black women) and the transcripts are being analyzed in the light of the conversation analysis technique. For analysis in this dissertation, the second, third, fifth and sixth meetings held with the group were considered. The partial result indicates the integration between the participants of the research-action, the cataloging of 156 plants that were made available for different uses according to their culture. This cataloging allows a systematic study for their inclusion in the program for teaching science and the development of a Popular Domestic Pharmacy at the headquarters of the NGO Dandara in the Cerrado. With this, it is expected to enhance non-formal teaching spaces, expanding dialogues between black women, deepening the different strategies for care, and enabling access and understanding to some scientific practices. It is believed that it is possible to strengthen the participation of black women in the production of knowledge and in the mitigation of gender, racial and class violence, encouraging the dissemination of scientific knowledge of the sciences made by black women.

Keywords: black women; ancestral knowledge; afroternity; scientific knowledge; science teaching.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AMB	Articulação de Mulheres Brasileiras
ANTRA	Associação Nacional de Trans e Travestis
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CDB	Convenção sobre Diversidade Biológica
C&T	Ciência e Tecnologia
CMC	Comunicação Mediada pelo Computador
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COMURG	Companhia de Limpeza Urbana
DATASUS	Dados do Sistema de Informática do Sistema Único de Saúde
DST	Doenças Sexuais Transmissíveis
DGM/FIP	Dedicated Grant Mechanism for Indigenous Peoples and Local Communities
FNMN	Fórum Nacional de Mulheres Negras
FENEGO	Fórum de Entidades Negras de Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IQ	Instituto de Química
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LPEQI	Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão
MI	Medicina Integrativa
MDA	Movimento de Desenvolvimento Agrário
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MP	Ministério Público
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
PQ	Produtividade em Pesquisa
SPM	Secretaria de Políticas para as Mulheres

SEPPIR	Secretaria de Políticas de Igualdade Racial
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFG	Universidade Federal de Goiás

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quilombo do Cedro	31
Figura 2 - Raizeira do Cerrado, membro da Articulação Pacari no quilombo do Cedro	31
Figura 3 - Seminário Nacional de Entidades Negras	42
Figura 4 - Folder do Fórum Goiano de Entidades Negras	43
Figura 5 - Folder do Fórum Goiano de Entidades Negras (verso)	44
Figura 6 - Convite para os Encontros sobre a formação da Farmácia Popular Doméstica	59
Figura 7 - Plantas trabalhadas na oficina	77
Figura 8 - Equipamento usado para os preparos	78
Figura 9 - Laboratório	78
Figura 10 - Coleta de materiais e preparo de medicamento (Farmacopeia Popular do Cerrado)	79
Figura 11 - Planta Chapéu de couro	79
Figura 12 - Equipamentos usados para a produção dos remédios caseiros - balança	83
Figura 13 - Equipamentos usados para a produção dos remédios caseiros - colher	84
Figura 14 - Alecrim	84
Figura 15 - Folheto Malunga (frente)	88
Figura 16 - Folheto Malunga (verso)	88
Figura 17 - Folheto Malunga - Dia Mulher Negra Latino Americana	89
Figura 18 - Página de Jornal sobre as questões - O popular	90
Figura 19 - Folheto sobre o evento da mulher negra	91
Figura 20 - Folheto prefeitura de Goiânia (Parte 1)	92
Figura 21 - Folheto prefeitura de Goiânia (Parte 2)	92
Figura 22- Folheto prefeitura de Goiânia	93
Figura 23 - Planta Colônia	103
Figura 24 - Algodãozinho do Cerrado	104
Figura 25 - Ipê Roxo	104

LISTA DE FÓRMULAS

Fórmula 1 - Estrutural do Ascaridol, princípio ativo da Erva de Santa Maria	99
Fórmula 2 - Apigenina, princípio ativo da salsa	100
Fórmula 3 - Fórmula estrutural do Lapachol, princípio ativo do ipê roxo	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade das participantes da Oficina	55
Gráfico 2 - Sexo	55
Gráfico 3 - Autodeclaração étnica	56
Gráfico 4 - Situação profissional	56
Gráfico 5 - Participou em mais de uma edição da 'Oficina de práticas científicas para a confecção de farmácia popular doméstica'	57
Gráfico 6 - Aplica o que aprendeu com as oficinas no dia a dia?	57
Gráfico 7 - Convite para os Encontros sobre a formação da Farmácia Popular Doméstica	
Quantidade de mulheres que aceitaram participar do projeto farmácia popular	62
Gráfico 8 - Gráfico de sintomas apresentados pelas mulheres participantes do projeto	63
Gráfico 9 - Plantas da farmacopeia do Cerrado que as participantes possuem em casa	64

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Violência contra pessoas negras no Brasil	20
Mapa 2 - Localização geográfica do Cerrado	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fases de desenvolvimento da pesquisa participante	50
Quadro 2 - Mapa de atividades	51
Quadro 3 - Descrição da 6ª oficina	66

SUMÁRIO

1 MULHERES NEGRAS: ENTRE SABERES E CIÊNCIAS	18
2 SOBRE CUIDADO ENTRE MULHERES NEGRAS	26
2.1 SOBRE MEDICINA INTEGRATIVA NO BRASIL	27
3 A ONG DANDARA NO CERRADO – ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL FAVORECENDO CUIDADOS	40
3.1 ONG DANDARA NO CERRADO: MEMÓRIAS EXPERIENCIADAS	40
4 METODOLOGIA	47
4.1 SUJEITOS DA PESQUISA	54
4.2 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	56
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: PRÁTICAS CIENTÍFICAS E AFROTERNIDADE	58
5.1. PRIMEIRA ETAPA DA INVESTIGAÇÃO: JUNTANDO MULHERES NEGRAS PARA O CUIDADO	58
5.2 SEGUNDA E TERCEIRAS ETAPAS DA PESQUISA: OS TEMAS PRIORITÁRIOS	59
5.4.2 Fármacos	68
5.4.3 Análise de discurso na 6ª oficina	72
5.5 ANÁLISE DO 3º E 5º ENCONTROS	101
5.6 VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS EM GRUPO, FAVORECENDO A AFROTERNIDADE E COMBATENDO O RACISMO	106
PENSANDO O FUTURO	108
RECEITANDO O FUTURO	124
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A – MAPA DAS ATIVIDADES	138
APÊNDICE B - AGENDA DE ENCONTROS DA FARMACINHA	139
APÊNDICE C - LISTA DAS PLANTAS DO PROJETO	139
APÊNDICE D - QUADRO 4 SUBCATEGORIAS DA AFROTERNIDADE	168

INTRODUÇÃO

As mulheres negras estão na intersecção de algumas vias identitárias, entre elas as questões relativas ao racismo e ao sexismo. Segundo Crenshaw (2017), a intersecção do racismo e do sexismo afeta sobremaneira as vidas das mulheres negras. A autora destaca ainda que não é possível perceber as experiências vivenciadas por mulheres negras a partir de uma análise separada das dimensões de raça ou gênero. Assim, raça e gênero se inter cruzam e moldam aspectos estruturais, políticos e representacionais da violência. A conexão sobre a compreensão interseccional é um dos elementos importantes para esta pesquisa. Neste contexto, é preciso compreender as diferenças intragrupo, como um elemento relevante, ressaltado tanto por Crenshaw (2017) como por Sueli Carneiro, que relata que:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p. 120).

Utiliza-se, nesta dissertação, a expressão no plural (mulheres negras), enfatizando a diversidade de experiências e imagens, buscando romper com uma das estratégias do racismo que invisibiliza tal diversidade. Conforme lembra Lima (2018, p. 16), “[...] é o feminismo da experiência que sendo interseccional reconhece que sobre as mulheres negras converge não apenas um inconveniente social, mas também as desigualdades sociais”.

Importa dizer que, neste contexto, o racismo antinegro que desemboca em violências físicas e simbólicas alocando as mulheres negras na base da pirâmide social, torna-se uma questão importante e fundamental. Neste aspecto, o Brasil ocupa a 5ª posição, dentre as 84 nações com maior índice de feminicídio a partir do Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015). E quem mais sofre essa violência são as mulheres negras. Tendo em vista essa realidade das mulheres negras, Flávia Rios, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Guerreiro Ramos, afirma que é preciso fazer um exercício matemático, uma soma simples de características que envolvem a violência: “[...] no Brasil, o cruzamento de ser mulher, negra e de periferia, representa uma conta que te coloca na linha de frente da violência” (GELEDÉS, 2019). Para se ter uma ideia dessa equação, segundo o Mapa da Violência 2016, a taxa de homicídios de mulheres negras em 2016 foi 71% superior à de mulheres não negras no Brasil (WAISELFISZ, 2015).

As questões relativas ao processo da violência e racismo estão paralelas a outra vertente

do processo: a de que as mulheres negras passam a ocupar outros espaços de atuação, entre elas o da academia. Presentes na graduação e na pós-graduação, as mulheres negras cientistas destacam-se no cenário controverso da ciência e da pesquisa no Brasil. No âmbito educativo, ao identificar o número de mulheres que concluem o ensino superior, este percentual é de apenas 10,4% especificamente em relação às mulheres negras com idade entre 25 e 44 anos. A quantidade de doutoras professoras de programa de pós-graduação que se declaram pretas e pardas é inferior a 3%. Só 7% das bolsas de produtividade são destinadas ao grupo de mulheres negras (GEOCAPES, 2022).

Tais elementos destacados até o momento impactam sobremaneira na identificação de produções de conhecimentos científicos a partir da população negra e, em especial, das mulheres negras. Ao considerar os processos de produção de conhecimento científico em ambientes acadêmicos, observa-se que as mulheres foram excluídas como produtoras de conhecimento. Regina Vargas ressalta a invisibilidade das mulheres negras que também atinge o campo das ciências, partindo do “[...] pressuposto de que o resultado se produzirá independentemente do lugar e do tempo em que se realizarem as condições iniciais” (SANTOS 2008, p. 29 *apud* VARGAS, 2018, p. 11). Pois

As práticas e os valores das ciências, que foram elaborados em sua maioria por homens, agregam os conceitos de universalidade, neutralidade e objetividade sob os quais não há espaços para abarcar discussões de raça ou gênero. (SCHIEBINGER, 2008 *apud* VARGAS, 2018, p. 11).

Anna Benite (2018) afirma que, quando se trata de mulheres negras, a falta de representatividade nas ciências se agrava. Assim, defende-se a necessidade de realizar estudos sobre práticas científicas favorecendo conexões entre e com mulheres negras.

Meu olhar é para o protagonismo das mulheres negras na nossa história. São algumas gerações que vêm mudando a história deste país. A primeira, dos idos de 1975, é a que rompeu barreiras. Foi a primeira geração de mulheres negras dentro das estruturas de poder. A segunda, dos anos 2000, é marcada pela chegada das meninas na universidade pública. A terceira é formada por mulheres negras mais jovens, menos presente nos empregos domésticos brasileiros e empoderadas por recursos de comunicação e tecnologia. (DESIGUALDADES..., 2019).

De acordo com Crenshaw (2017), mulheres negras têm se organizado contra as rotineiras violências e impactos dos diferentes sistemas de opressão, compreendendo e ressaltando a importância e a força de considerar as experiências compartilhadas, sendo uma

maneira mais potente quando comparada aos apelos de vozes isoladas. Evidenciar as experiências em grupo de mulheres negras cientistas, assim como o conhecimento ancestral científico e tecnológico proveniente do continente africano, tem sua importância política. Para Anna Benite *et al* (2017, p. 140), “[...] relacionar os africanos e a comunidade negra brasileira na produção do conhecimento técnico e tecnológico [...] pode combater a ignorância sobre as origens de nossa vida material [...]”. Os valores ancestrais e sociais constituem diversas formas de conhecimento. Segundo Lucely Pio (2021), nossas ancestrais africanas detinham conhecimentos em várias áreas, como: medicina com poderes das ervas, arquitetura, engenharias, química, produção de alimentação, botânica, entre outras áreas de conhecimento que contemporaneamente são conhecidas como ciências (BASTOS, 2020).

Pensar produções intelectuais de grupos historicamente discriminados, notar esses grupos como sujeitos políticos, é romper com a dicotomização que determina que somente o grupo hegemônico poderá produzir conhecimento. Retoma-se a importância de divulgar produções de intelectuais negras, colocando-as na condição de sujeitas e seres ativos que historicamente vêm pensando a resistência e a re-existência (DAVIS, 2021). É preciso potencializar espaços de vivências interculturais e fortalecimento das mulheres negras, incluindo aqui o campo da produção de conhecimento científico.

Inspiradas no cenário delineado até aqui, eis que surge a prática da *afroternidade* a partir do grupo de estudantes e pesquisadoras do Coletivo Ciata, composto por integrantes do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Química e Inclusão (LEPQI), do Instituto de Química da Universidade Federal de Goiás (IQ/UFG) e da ONG Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado. A partir de uma reunião em 2018 para pensar o nome deste projeto de pesquisa, deparamo-nos com um momento marcante para a elaboração do conceito de *afroternidade*, entendido como a prática do cuidado entre as mulheres negras. O cuidado entre mulheres negras é um conceito gestado dentro movimento social por elas encabeçado. O qual busca interagir a partir de vivências, ou seja, que se manifesta nos movimentos, nas universidades e escolas, encontrando saídas no coletivo para superar os desafios e as violências cotidianas.

A dissertação proposta parte do conceito de *afroternidade* como campo ou o local para estimular compreensões e aprendizagens de práticas científicas em espaços de educação não formal. Para entender o mundo das práticas científicas entre as mulheres é preciso reconhecer o papel desta pesquisadora como alguém que faz parte e acredita no feminismo negro. Fiz minha graduação em licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), a qual concluí em 1998. Passei um tempo longe da academia e voltei como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática

na Universidade Federal de Goiás (UFG). Integrante do Coletivo CIATA, do LPEQI, da UFG, sou ativista da ONG Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado e nos Conselhos Nacionais de Políticas de Igualdade Racial e de Saúde (CNPIR), pelo Fórum Nacional de Mulheres Negras (FNMN). E, ainda, Conselheira Estadual do Conselho de Assistência Social, integrante da coordenação do Fórum Nacional de Mulheres Negras e Cineasta. Atuei: na realização de encontros, seminários, conferências e cursos de formação e participação em encontros nacionais e internacionais sobre mulher, gênero e raça, direitos sexuais e reprodutivos, anemia falciforme, saúde da população negra, saúde, religiões de matriz africana, combate à violência contra a mulher, meio ambiente e negritude.

Na articulação dos grupos da comunidade negra em Goiás, Centro Oeste e Comunidades Quilombolas, bem como na criação do Grupo de Mulheres Negras Malunga; do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado; da Associação para o Desenvolvimento de Agricultura Orgânica do estado de Goiás e outras. Representante de Goiás na Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) - Frente de luta antirracista, Coordenação Executiva do FNMN. Fui Conselheira no Conselho Nacional de Saúde pelo FNMN, Coordenadora de projetos do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado. Cursei Administração Pública da Comunidade Afrobrasileira. Fiz cursos na área de Ética e Administração Pública e o Curso Introdução ao Orçamento Público do Senado Federal. Desenvolvi cursos e capacitação na área de agricultura orgânica, negritude, gênero, saúde, tráfico de pessoas; realizei pesquisas na área das mulheres pobres e negras da periferia de Goiânia. Como cineasta, fui diretora do filme 'Se eu fosse uma flor'.

Foi a partir das experiências e movimentos articulados no campo da luta em favor das mulheres negras que surgiu esta pesquisa, cruzando, assim, o caminho das mulheres negras em Goiânia, a partir da ONG Dandara no Cerrado. Produzindo espaços de vivências interculturais e fortalecimento da participação das mulheres na produção científica e na mitigação da violência de gênero, raça e classe, estimulando a difusão de conhecimentos científicos das ciências feitas por mulheres negras.

O trabalho de pesquisa proposto pretende ser o levante no campo científico que apresenta, para a academia, a potência ao reunir mulheres negras que partem de seus saberes ancestrais e os conjugam com produções científicas a partir de outras mulheres negras, de modo a fortalecer o cuidado entre este grupo. Dessa forma, a categoria *afroternidade* deve ser entendida como conceito no campo científico. Como questão que permeou este trabalho figura a pergunta: como criar espaços de aprendizagem científica conectada aos saberes tradicionais enquanto estratégia de cuidado entre mulheres negras? A hipótese aplicada foi a de que as

conexões entre os saberes atuam na valorização da polissemia dos saberes e na atenção e cuidados com o corpo da mulher negra, possibilitando a construção da *afroternidade*.

O **objetivo geral** foi compreender a prática da *afroternidade* em vivências interculturais sobre fitoterápicos em um espaço de educação não formal, a saber, a ONG Dandara no Cerrado. Os **objetivos específicos** foram: a) identificar e discutir as especificidades da produção intercultural de conhecimento (tradicional e científico) de mulheres negras contemporâneas; b) conhecer e discutir a potencialidade da farmacopeia popular do Cerrado na aprendizagem científica; c) explicitar, analisar e refletir sobre a construção e desenvolvimento de vivências interculturais da ONG Dandara no Cerrado; d) explicar o conceito de *afroternidade* a partir da identificação das práticas de cuidado entre mulheres negras da citada ONG.

Importa destacar que as práticas científicas enfatizadas neste trabalho são as produzidas pelas mulheres negras da contemporaneidade. Inspirada nos trabalhos das cientistas Anna Benite (2018, 2019), Bárbara Pinheiro (2021), Regina Nobre Vargas (2018) e Morgana Bastos (2020), compreende-se como práticas científicas todas aquelas elaboradas ou usadas pelas mulheres ancestrais tanto no continente africano bem como em diáspora, que ainda no cotidiano era dotado de cientificidade. Diferentes práticas como tecelagem, agricultura, arquitetura, química, matemática entre outras áreas das ciências, imprimiram os valores ancestrais e sociais (BASTOS, 2020).

Portanto, essas práticas fazem parte também dos cuidados entre mulheres negras, entre ciclos, passando das mais velhas para as mais novas. Aqui considera-se especialmente os saberes relacionados ao uso de plantas medicinais, em seus aspectos botânicos, tratamentos e em suas relações com o corpo. E ainda sobre a valorização e disseminação dos conhecimentos sobre Farmacopeia Popular do Cerrado feita pelas comunidades tradicionais e grupos de mulheres no Cerrado, que parece também ser pouco disseminado.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi atravessada pela pandemia de Covid-19. Tal fato ressalta a relevância de olhar para os aspectos de cuidado e compreensão dos saberes que podem contribuir para ampliar a atenção à saúde.

Nesta senda, o trabalho é composto por três capítulos, para além desta introdução. No primeiro, Mulheres negras – entre saberes e ciências, abordando as especificidades das experiências das mulheres negras, em especial os diversos saberes (ancestrais/tradicionais e científicos) produzidos por este grupo. No segundo capítulo, Farmacopeia popular do Cerrado – cuidados entre mulheres negras, com o intuito de evidenciar o Cerrado, plantas medicinais disponíveis neste bioma, assim como a farmacopeia popular. Por fim, o terceiro capítulo deste referencial considera uma historiografia da ONG Dandara no Cerrado e, a partir de então, a

construção do conceito de *afroternidade*. Evidencia-se, a seguir, os aspectos metodológicos desta pesquisa, e, na sequência, apresenta-se os resultados e análises e as considerações finais.

1 MULHERES NEGRAS: ENTRE SABERES E CIÊNCIAS

A vida de nossas/os antepassadas/os nos ajuda a entender as práticas dos ancestrais, seus cuidados com os corpos a partir de ensinamentos trazidos do continente africano, valores sociais e ancestrais. Reconhecer essa história, compreender e divulgar parece importante para buscar outras representações sobre ser mulher negra que não os estereótipos constituídos pelo racismo e sexismo.

Para Lélia González (1982) a mulher negra é percebida pela sociedade a partir de duas imagens em relação à qualificação profissional: doméstica e mulata – aqui compreendido como um produto de exportação. Construir outras imagens a partir de representações positivas é algo enfatizado por Sueli Carneiro.

Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2003, p. 102).

Ainda de acordo com a citada autora, espera-se que a mulher negra seja representada considerando as diversas funções e habilidades que ela pode exercer, mesmo em condições econômicas adversas (CARNEIRO, 2003). As imagens a partir de histórias de mulheres negras são preciosas para enfatizar representações positivas. Memórias de fortes representações para as lutas antirracistas, partindo de Lélia Gonzalez, Dandara, Luísa Mahin, Tia Ciata, Mãe Senhora e tantas outras que não apenas favorecem como mantiveram e mantêm a sobrevivência de todo um povo, considerando questões raciais e culturais. Também importa relembrar Antonieta Barros, Aqualtune, Maria Carolina de Jesus, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Zacimba Gaba (JARID ARANTES, 2017). Poderia ainda citar: Ivone Lara, Elza Soares, Lucely Moraes Pio, Dona Flor, Carla Akotirene, Ana José Alves, Anna Benite, Diva Guimarães, Flavia Rios, Sueli Carneiro, Luciene Dias, Luciana de Oliveira, Maria Zita Ferreira, Jurema Werneck, Janira Sodré, Nataália Oliveira, Lucia Xavier, Barbara Carine, Katemari Rosa, Zelia Ludwig, Sonia Guimarães, Nyuara Mesquita, Nilia Oliveira Santos Lacerda, Viviane Bonifácio, Joana Felix, Nicéa Amauro, Luane Bento, e tantas outras.

São essas mulheres que ocuparam e ainda ocupam diversos contextos: na academia, na

sociedade civil, nos movimentos sociais e midiáticos, nas ONGs, entre outros. Ainda que ressalte as referências positivas aqui, é necessário evidenciar que é atual e presente, como já destacado anteriormente, o racismo em sua forma mais sutil e mais violenta. As discriminações atuam de várias formas, como aponta Megg Rayara Gomes de Oliveira em sua tese, onde afirma que “[...] no Brasil, a luta das mulheres negras contra as múltiplas formas de opressão a que estão sujeitas também tem início durante o regime escravista, e estas atuaram ao lado de homens negros, por não haver, naquele momento, pautas específicas sobre o ser mulher negra” (OLIVEIRA, 2017, p. 75). Todavia, as mulheres conseguem tudo enfrentar com determinação e coragem, o que não significa que o sistema machista, patriarcal, pode continuar oprimindo as mulheres. Pelo contrário, a história não deve ser repetida.

Assim, são as mulheres negras com este barulho ensurdecedor e, ora com calmarias, seguem o curso de suas vidas, conforme mostra Lúcia Xavier (2022) chamando a atenção para a vulnerabilidade das mulheres negras brasileiras e os constantes desafios encontrados por elas, que são as principais vítimas de violência. Compreende-se, enquanto violência, a física e a da falta de recursos e serviços que permitam a mudança de nosso *status quo* na sociedade.

Relembrando que as violências são promovidas a partir de diferentes sistemas de opressão – patriarcado, sexismo e racismo. Lúcia Xavier destaca:

Mulheres negras são aquelas que, num país como o nosso, com mão-de-obra precária, o tipo de trabalho que elas executam não tem nenhum tipo de suporte de serviços que as apoiam. Não tem creche suficiente, pré-escola ou escola em tempo integral para que elas possam ir e vir do trabalho. [...] ou mesmo a ampliação da educação de jovens, mesmo aqueles já oferecidos pelas ONGs, mas que sejam constantes nas vidas delas. Para completar, elas são as principais vítimas de violência intrafamiliar, no espaço urbano, nas instituições, por isso colocamos as mulheres negras em prioridade em tudo que fazemos. (XAVIER, 2022).

Checando dados de homicídios de mulheres negras e não negras no Brasil em 2019, é possível perceber que 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. Comparativamente, a taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 2,5% em relação às mulheres negras foi de 4,1%. O que é possível compreender a partir deste dado: o risco de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vezes maior do que o de uma mulher não negra. A análise dos últimos 11 anos indica que a redução da violência letal não se traduziu na redução da desigualdade racial (CERQUEIRA *et al.*, 2017; BANDEIRA, 2017).

Ainda sobre os dados da violência, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), evidencia que em 2009 a taxa de mortalidade entre mulheres negras era de 4,9 por 100 mil, ao

passo que entre não negras a taxa era de 3,3 por 100 mil. Em 2019 a taxa de mortalidade de mulheres negras caiu para 4,1 por 100 mil, redução de 15,7%, e entre não negras para 2,5 por 100 mil, redução de 24,5%. Comparativamente, a taxa de mortalidade de mulheres negras em 2009 era 48,5% superior à de mulheres não negras; e 11 anos depois a taxa de mortalidade de mulheres negras é 65,8% superior à de não negras.

Figura 1 - Mapa da violência contra pessoas negras no Brasil



Fonte: Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/a-violencia-contra-pessoas-negras-no-brasil-2021/. Acesso em: 3 dez. 2022.

O avanço das forças conservadoras, fundamentalistas e autoritárias no Brasil nega a existência de mulheres e meninas como pessoas autônomas e portadoras de direitos. Ainda assim, é importante destacar que continuamos na luta contra todas as formas de violências contra as mulheres (AMB, 2021).

As dores nos percursos não cessam e, concordando com Yordanna Lara Pereira Rêgo, não queremos fobias contra as negras, sejam elas trans ou não, solteiras, acadêmicas ou não, dos movimentos sociais ou feministas. A pesquisadora comenta a perspectiva da mulher negra que, dentre as várias atividades, tem ainda que “[...] lidar, significa[r] e ressignifica[r] seus cotidianos e de quais estratégias e articulações lançam mão ao produzirem formas de

resistências, tanto individuais quanto coletivas” (RÊGO, 2021, p. 82). A resistência é ancestral e de movimentos que desde o passado têm estado na organização social, política, cultural e histórico-científica.

Nilma Gomes¹ (2006) afirma que, ao se inserir em círculos sociais mais amplos, manifestam-se mais fortemente as tensões contra negros e negras. Estes espaços, que se encontram tanto no campo como na cidade, levam a repensar novos caminhos para que aconteça a interação entre as pessoas na sociedade visando dirimir desafios de longos anos de luta. Somos, no Brasil, 52,2% de mulheres e, destas, as mulheres negras são 38%, sendo que a representatividade é muito baixa em todos os espaços de poder. Principalmente quando se analisa a situação econômica, política e social das mulheres negras; sempre estamos em desvantagem (IBGE, 2022).

A médica Jurema Werneck (2016) demonstra também a história que está nas ações organizadas pelo movimento negro brasileiro: as mulheres estavam presente em grande maioria. Por exemplo, a Frente Negra Brasileira, cuja maioria das integrantes eram mulheres negras. Sobre o desenvolvimento do movimento de mulheres brasileiras, no âmbito geral (entre negras e não negras), Sueli Carneiro indica:

O movimento de mulheres do Brasil é um dos mais respeitados do mundo e referência fundamental em certos temas do interesse das mulheres no plano internacional. É também um dos movimentos com melhor performance dentre os movimentos sociais do país. Fato que ilustra a potência deste movimento foram os encaminhamentos da Constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o *status* jurídico das mulheres no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p. 1).

O processo histórico da luta e resistência das mulheres negras no Brasil mostra que estiveram e estão em todas as frentes de luta em prol da história das mulheres negras e seus saberes, sejam tradicionais, científicos, culturais ou políticos. Um momento histórico é a retomada da resistência destas mulheres negras feministas lutando em prol das políticas públicas para mulheres, especialmente na luta por direitos (RIOS, 2019; LEMOS, 1997; WERNECK, 2007).

O reconhecimento do racismo, indicando as desigualdades de gênero e raça, sela um

¹ Ao incluir o primeiro nome das autoras para que o leitor saiba que são mulheres escrevendo e produzindo. Se colocamos só o sobrenome, não dá para saber se é mulher ou homem. Sabemos que o patriarcado a mulher tem carregado o nome do marido e com isso também perde o seu referencial nas citações. É importante o nome para saber quem está escrevendo sem ter que buscar esta referência. Várias autoras nos chamam atenção para citar mulheres, especialmente mulheres negras. Isso não se aplica no caso das referências que colocamos dentro dos parênteses, ex (NILMA Gomes, Regina VARGAS, 2018). (Grifo autora)

acordo de reciprocidade entre mulheres negras e brancas durante as lutas para superação das desigualdades no Brasil (CARNEIRO, 2003). As lutas foram tratadas de forma conjunta, enfrentando o combate das desigualdades de raça e gênero.

Kelly Lima (2018) mostra como atua um feminismo etnocêntrico que denunciava a invisibilidade das mulheres no campo epistêmico e enfatizava que a opressão patriarcal era comum e inerente a todas as mulheres, encobrindo as dimensões do racismo e da exploração de classe. Kelly Lima (2018) retrata um feminismo negro que é o feminismo da experiência, mas ele também é descolonizador e interseccional. As nossas ancestrais já vivenciavam formas feministas. Então, os anos de 1970 e 1980 apareceram afirmando que as experiências de mulheres que vivenciam discriminações étnicas e raciais não são identificadas quando é analisado apenas o gênero. Conforme Kelly Diogo Lima,

Tratava-se de uma resposta àquelas cujas lutas centravam no exercício dos direitos sociais e políticos das mulheres sem, contudo, oporem-se à exploração e subordinação conferida às mulheres negras. Havia um profundo desconhecimento e uma urgência em se discutir a vulnerabilidade interseccional dessas mulheres. O feminismo negro não aceita generalizações, pois são sempre as mulheres racialmente oprimidas que acabam invisibilizadas. (LIMA, 2018, p. 16).

Adentrando os aspectos da vulnerabilidade interseccional, vale ressaltar que aqui a interseccionalidade é compreendida a partir de Lélia Gonzalez, Kimberlé Crenshaw e Carla Akotirene. Para Kimberlé Crenshaw (2017), a interseccionalidade pode ser pensada a partir de vias identitárias que incidem em um corpo, interagindo simultaneamente. Na visão de Carla Akotirene (2019) o feminismo negro dialoga com os diferentes sistemas de opressão: o racismo, o cisheteropatriarcado e o capitalismo.

Em relação ao racismo, é importante evidenciar o papel da ciência no estabelecimento e legitimação do racismo. Nestes tempos sombrios, em que a sociedade apresenta maior aderência ao discurso de ódio, complexos desafios no combate ao racismo aparecem. Por isso, acredita-se que os conhecimentos produzidos dentro dos espaços acadêmicos, nas organizações e pelos grupos comprometidos com a luta antirracista precisam dialogar com as realidades. Uma ideia comumente difundida é de que a ciência é produzida unicamente pelo sujeito universal – o branco. Este é também um reflexo do racismo. Apesar de superado nas teorias das ciências naturais, o conceito de raça, como atributo construído socialmente no tempo e no espaço, funciona como parâmetro de alocação de pessoas na estrutura social. O uso do termo raça evidencia uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão

(MUNANGA, 2004).

Há estudos que enfatizam os padrões de opressões que impactam a dimensão epistêmica, as áreas econômicas e sociais, inserindo a pauta em um amplo desafio intelectual e político, pensado por vários pesquisadores/pesquisadoras que chamam a atenção para descolonizar o conhecimento (KILOMBA, 2019; BASTOS, 2020; PINHEIRO, 2021). Estes ajudam a repensar a mulher na ciência e sua participação efetiva.

Hountondji (2012), na apresentação do livro ‘O antigo e o moderno: a produção do saber na África contemporânea’, traz uma reflexão relevante para a questão da investigação da ciência que chama de “[...] desmarginalizar os saberes ditos tradicionais, em os desencravar, em os recuperar de maneira crítica e responsável” (HOUNTONDJI, 2012, p. 14). Contextualizar essa reflexão permite reapropriar-se perante a realidade da mulher negra na ciência, pois a exclusão gerada pelo patriarcado, sexismo, machismo, racismo epistêmico e estrutural não pode ser normalizado, e sim, deve ser criticada cada vez mais. Os saberes das mulheres sempre foram relevantes para o progresso da humanidade. Desconstruir o modelo imaginário sobre ciência e cientista é necessário para as mulheres e as sociedades. Bastos (2020) demonstra que as mulheres estão mais representadas e assumem cargos de coordenação de pesquisas em várias áreas científicas no Brasil. É um avanço das mulheres em geral e em particular das negras².

Também as mulheres do Cerrado são mulheres com saberes ancestrais³ que possibilitam recuperar uma história dos corpos com as ‘matrinarrativas cerradeiras’ (REZENDE, 2020). Somos herdeiras de gerações ancestrais e temos poder. Essa herança está viva com as mulheres quilombolas e cerradeiras (REZENDE, 2020). É sorrindo que vencemos os desafios. Estando unidas que é possível somar e potencializar nossa força. É acreditar que é possível vencer as etapas cruéis do racismo e do sexismo. É cantando que sonhamos o futuro da ciência feita por mulheres negras. É cantando que sonhamos o futuro da educação de modo geral. Ciências feitas por mulheres negras. É assim que vencemos as dores dos preconceitos e do patriarcado, do racismo e sexismo. Trilhando os passos de todas que vieram antes de nós, como diz Jurema Werneck (2015), nossos passos vêm de longe, atravessaram o Atlântico. Esse conhecimento se dá no campo internacional na educação, com quem concordo, afinal, trilhando por caminhos que sejam tortos, retos, com pedregulhos ou cheios de areias, de águas cristalinas ou turvas,

³ “Saber **ancestral**, as experiências no presente e a palavra dos mais velhos são peças fundamentais no entendimento humano para as tradições orais africanas. (CARDOSO, PESSOA, 2018, p.93) grifado no original

chegaremos e faremos acontecer um novo amanhã. E isso instrumentaliza estudos que nos levam a encontrar esses novos caminhos a trilhar e partilhar com o novo que chega nas escolas e nos grupos de mulheres negras e cientistas que contribuem com essa mudança histórica em todo o Brasil, quiçá no mundo. Sobre isso a Ludmila Pereira de Almeida comenta:

Cerrado: berço de guardiãs dos saberes. Território de incontáveis comunidades tradicionais, o bioma brasileiro guarda conhecimentos milenares, de cura, acolhimento e cuidado pelas mãos de mulheres que conservam a terra, as águas e as narrativas sagradas. (ALMEIDA, 2020, s/p).

Lucely Pio (2018) evidencia que mulheres negras, com seus saberes ancestrais do Cerrado, têm o poder de investigar o passado, iluminando o presente e abrindo novos horizontes; como as trilhas nos cerrados, nos rios, na história da química, da física, da matemática, da biologia e muito mais quando se põem em movimento autoral na farmacopeia brasileira do Cerrado. No entanto, como reafirma Makota Kidoiale (2021), é importante considerar a diversidade dos conhecimentos apreendidos em lugares distintos, como é o caso dos saberes derivados dos povos tradicionais, compreendendo, inclusive, a sua multiplicidade.

O conhecimento do meio em que vivem as comunidades tradicionais mostra que ele é fundamental na construção e manutenção da cultura afrodiaspórica, que, ao longo de milhões de anos, guardam as memórias, experiências e conhecimentos, permitindo aprimorar nossa relação com a natureza, preservar saberes ancestrais, recriar novos diálogos em busca de gerar novas tecnologias que mantêm a vida no Cerrado.

Tecnologias ancestrais e as novas resgatando uma história que não está nos currículos escolares, nas academias, e mostrando que cientistas são os que observam, escutam, enxergam, dialogam, confrontam e encontram caminhos a serem trilhados (MOURA; REZENDE, 2021). Logo, as mulheres negras no Cerrado, assim como as árvores com sua diversidade, mostram saberes na busca por compreender esse emaranhado dos saberes ancestrais nas comunidades tradicionais e em grupos de mulheres negras.

Para Cida Moura (2021) a universidade tem a obrigação de reverter o olhar científico que criou sobre o povo negro e, na busca de novos aprendizados, tem que fazer o inverso para configurar uma verdadeira ciência. Os espaços dos saberes das comunidades tradicionais são detentores de grande saber científico e, com a entrada das mulheres negras nas universidades, a história muda: torna-se possível criar narrativas e pesquisas a partir da própria população negra, das próprias mulheres negras. É preciso encontrar meios de evidenciar os saberes e os conhecimentos tradicionais. Makota Kidoiale (2018) lembra que as/os pretas/os velhas/os, os

orixás, nossas/os ancestrais são nossas/os formadoras/es. Elas/es são mestras/es e doutoras/es.

Grada Kilomba (2019), em ‘Memórias de plantação’, demonstra, de forma crítica, o silenciamento das vozes que estão nas mulheres no geral; nas negras especificamente pelo racismo e pelo falso universalismo. Afirma ela que “[...] qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica do conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível” (KILOMBA, 2019, p. 53).

Portanto, o que está em questão é a investigação científica de modo a reiterar bandeiras de luta antirracista e contra outros sistemas de opressão que afetam a sociedade, incidindo sobremaneira nos corpos de mulheres negras. É ainda evidenciar a importância de espaços educativos que possibilitem o encontro entre mulheres negras, como casas de cultos de matriz africana e afro-brasileira, rodas de conversas, rodas de capoeira, rodas de samba, rodas de Sussa, vivências interculturais, coletivos de negros e negras nas universidades, nos quilombos, nas ONGs de mulheres negras, nos blocos de carnaval, entre tantos outros espaços e manifestações da resistência do povo negro, com atenção às mulheres negras.

Nesse sentido, considera-se importante a contribuição de outra perspectiva sobre a construção dos conhecimentos. Anna Benite *et al.* (2019) reafirma a importância do conhecimento tradicional consolidado por mulheres negras, incentivando mulheres e meninas negras que percorrem (ou não) um caminho por meio da produção de ciências em espaços educativos, descortinando novos olhares dentro de uma episteme centrada nos povos africanos e diaspóricos. Anna Benite *et al.* (2019), ao abordar as trajetórias de produções científicas africanas e da diáspora e discutir a desmistificação das ciências, comumente difundida como uma atividade masculina, branca, europeia e de laboratório, possibilita outros olhares sobre as ciências.

Ademais, os estudos sobre práticas científicas como cuidado entre mulheres negras é como fazer releituras, reviver saberes ancestrais com um novo olhar científico no caminho na Educação e da ciência que escreve escurecendo a história; que ensina que a ciência tem berços diversos, no continente africano, na Grécia, na América Latina, com riquezas escondidas e que vai se revelando com novas pesquisadoras como Lucely Pio, Anna Benite, Barbara Carine.

No campo das ciências as mulheres negras continuam presentes na construção do conhecimento desde as primeiras civilizações em África antiga. No entanto, a falta de representantes femininas nas narrativas históricas sobre a ciência ilustra a realidade de enfrentamento daquelas que decidiram enveredar para a carreira científica no Brasil e no mundo (PINHEIRO, 2021; BASTOS, 2020). No entanto, reconhece-se que as divulgações das mulheres cientistas também devem ser favorecidas em ONGs e em movimentos de mulheres,

entre as mulheres e tantos outros espaços de educação não formal.

As produções científicas realizadas por mulheres têm sido invisibilizadas, mas sabe-se que, cada vez mais, através das produções contemporâneas, da importância da consciência histórica envolvendo as mulheres e os saberes ancestrais (BENITE, 2020). Se, por exemplo, voltarmos nosso olhar para a história anterior à escravização, descobriremos horizontes de experiências dos saberes ancestrais, da vida no coletivo, as alegrias das vivências sociais, políticas e interculturais, coletivas, familiares e amorosas. Mulheres negras participam da ciência desde o princípio da humanidade; sem elas o mundo não teria continuidade.

2 SOBRE CUIDADO ENTRE MULHERES NEGRAS

Historicamente, em períodos de longa recessão econômica ou de crises na saúde, as comunidades menos abastadas são as que mais padecem à mercê da sociedade (ANTUNES, 2015). Segundo Oliveira (2020), a falta de assistência e apoio governamentais trazem à tona essa realidade, muitas vezes negligenciada. Além do triste e histórico período pandêmico que vivemos, somam-se as dificuldades e desigualdades sociais presentes no Brasil, principalmente para quem é alvo do preconceito racial, de gênero e classe.

Conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (BRASIL, 2011), a população negra lidera o *ranking* dos brasileiros com menor escolaridade e maior número de analfabetos, além disso, é a que tem menor participação no mercado de trabalho, sendo ainda mais difícil para as mulheres negras. Constituem ainda o grupo daqueles que têm as piores moradias e o maior número de moradores em zonas de risco, localizados em assentamentos subnormais, como as favelas. Configuram também os maiores números entre vítimas de doenças como hipertensão, principalmente nas mulheres negras com mais de 60 anos.

Mesmo que não se possa afirmar que as vítimas da pobreza têm um rosto feminino em função dos tipos de mensuração utilizados nestas estatísticas – como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), elas, sem dúvidas, são negras, situação que vem se mantendo assim historicamente (BRASIL, 2011). Como Dulce Pereira (1988) destaca, “[...] a mulher negra sofre uma tripla forma de discriminação/exploração porque é mulher, negra e pobre”. Assim como o ingresso no mercado de trabalho pelas mulheres negras é dificultado por questões raciais e de gênero, o fato do aumento do número de mulheres negras responsáveis por famílias com filhos torna estas famílias mais vulneráveis. E estas mulheres certamente estarão sobrecarregadas com os afazeres domésticos e a busca pela manutenção econômica da família, dificultando ainda mais a presença da mulher negra na ciência (BRASIL, 2011). Importa dizer que, no Brasil, 45% dos lares são chefiados por mulheres (BRASIL, 2022).

A escolaridade também determina o acesso a serviços de saúde. Cerca de 70% das mulheres brancas e negras com 40 anos ou mais de idade e com menos de um ano de estudo nunca fizeram um exame clínico de mamas. Já quando se analisa as mulheres da mesma faixa etária, mas com escolaridade de 12 anos ou mais de estudo, esta porcentagem cai para cerca de 15% (BRASIL, 2015). O cuidado está, portanto, diretamente relacionado à quantidade de informação a que estas mulheres têm acesso ou não. A violência contra mulheres é agravada principalmente quando são mulheres negras, caracterizando uma violência do tipo gênero-racial. Dados do governo federal corroboram que, em dez anos, no período de 2003 a 2013, a

violência contra as mulheres negras aumentou em 54% (WAISELFISZ, 2015).

Assim, urge a necessidade de se pensar alternativas para a manutenção da saúde da população brasileira que hoje é de maioria autodeclarada negra e mulher. Acredita-se que a medicina integrativa pode promover uma alternativa, diante da burocratização da relação médico-paciente e diante da necessidade do cidadão de ser parte ativa de sua saúde. O modelo de medicina e saúde integrativa proporciona algo antigo, na forma como era praticada a medicina no passado. Mas, é preciso fazer isso contando com os recursos dos tempos atuais (BARROS; OTANI, 2011).

2.1 SOBRE MEDICINA INTEGRATIVA NO BRASIL

A expressão medicina integrativa (MI) surgiu na década de 1990 em uma tentativa de descrever um modelo de saúde que integrasse diversas práticas terapêuticas de tratamento. A medicina integrativa pode ser entendida como um sistema de cuidado primário, compreensivo, que enfatiza a saúde e a cura da pessoa como um todo. Para Hughes (2001) a MI tem foco na saúde e na cura e não somente na doença e no tratamento; vê o paciente como uma pessoa completa: entre a mente, o corpo e o espírito. No entanto, Ross *et al.* (2001) diz que a MI é vista como a medicina do futuro e é considerada como uma combinação que engloba os cuidados, tradicionais e não tradicionais, com a saúde.

A prática da medicina integrativa se encontra em evidência com estudos nos campos da etnobotânica e etnofarmacologia, tratando da relação existente entre o homem e as plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos e sua posição estratégica (ALCORN, 1995). Segundo Elisabetsky (2003), a etnofarmacologia trata do estudo do complexo conjunto de relações de plantas e animais com sociedades humanas, presentes ou passadas. Dentre as práticas terapêuticas da MI pode-se citar a fitoterapia, que é o estudo das plantas medicinais e suas aplicações na cura de doenças.

No Brasil e em várias partes do mundo a fitoterapia vem sendo usada em paralelo com a medicina alopata e, em alguns casos, tem sido a protagonista, como no uso da fitoterapia integrativa. A fitoterapia se relaciona com uma gama variada de práticas integrativas e complementares, além da medicina tradicional e da prática médica alopática, estabelecendo, desta forma, um universo complexo com possibilidades terapêuticas variadas Práticas Integrativas e Complementares-UFJF. (NOGUEIRA,2019).

Segundo Santos *et al.* (2011), do departamento de farmácia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a fitoterapia tem sido uma das alternativas da medicina integrativa que mais

crece ao longo dos anos. Um fator muito importante, que vale ser apontado, é que existe diferença entre os remédios feitos em casa, com receitas advindas do conhecimento empírico, e os fitoterápicos. Vale salientar que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) considera como medicamento fitoterápico aquele obtido exclusivamente de matérias-primas de origem vegetal, com qualidade constante e reprodutível, bem como que tantos os riscos quanto a eficácia sejam caracterizados por levantamentos etnofarmacológicos e documentações técnico científicas em publicações ou ensaios clínicos (NICOLETTI *et al.* 2007).

Vale a pena ressaltar que em 2006 foi implantado, no Brasil, por recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), como alternativa para o cumprimento das atribuições do Sistema Único de Saúde (SUS) (OLIVEIRA; SILVA, 2015). A PNPIC tem como objetivo ampliar o acesso da população aos serviços e produtos das suas práticas. Além das plantas medicinais e da fitoterapia, a PNPIC também contempla a homeopatia, a acupuntura, a medicina antroposófica e o termalismo social (RODRIGUES; SAMPAIO; SIMONI, 2006). Também vale a pena mencionar que a utilização de plantas medicinais tem recebido incentivos da OMS mediante as resoluções WHA n. 31.33 (1978) e n. 40.33 (1987), que reafirmam a importância das plantas medicinais nos cuidados com a saúde (MIGUEL; MIGUEL, 1999).

2.2 UM POUCO SOBRE A FARMACOPEIA BRASILEIRA DO CERRADO

Ainda que muitos fitoterápicos sejam produzidos em larga escala pela indústria e regulamentados pela Anvisa, grande parte da manipulação de plantas ainda é feita por povos tradicionais⁴, que mobilizam conhecimentos passados a gerações e usam tais práticas para cuidar da saúde comunitária (RIBEIRO, 2017).

As práticas de cura no Brasil são oriundas dos nossos antepassados africanos, que deram início a tais práticas nas Minas Gerais. Nas celebrações religiosas, denominadas Calundus, os negros usavam raízes e folhas para práticas de curas. Parte das plantas utilizadas na época pelos calanduzeiros eram usadas pelos curadores conhecidos e também no curso de medicina no

⁴ grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição e define ainda como territórios tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observando, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõe os Art. 231 da Constituição e Art. 68 do Ato das disposições constitucionais transitórias e demais regulamentações. (BRASIL, 2017, p. 7)

século XVIII (PIMENTA; GOMES, 2016). Tais conhecimentos foram mantidos com receitas de chás para resfriado, ou ‘garrafadas’ para melhoria do sistema imunológico, por exemplo, ou até mesmo com o uso de florais como ansiolíticos.

A ancestralidade nas práticas de cura tem, predominantemente, origem africana. No Egito, por exemplo, um país do continente africano, as plantas eram utilizadas em rituais religiosos, para curar doenças, embalsamar corpos, em preparações aromáticas, antissépticas, cosméticas, purgativas e outras (BENITE *et al.*, 2019, p. 575). Também segundo Benite *et al.* (2019), este conhecimento vem sendo passado por meio de discursos como: “Meu avô disse, minha avó disse que determinada receita ou planta é boa para determinado tipo de doença”. Tais discursos remetem à ancestralidade como conservação do conhecimento e das tradições de origem africana.

Estes conhecimentos se perpetuam em todo Brasil e são utilizados pelos denominados ‘raizeiros’ e ‘raizeiras’. Eles utilizam a sabedoria deixada por seus ancestrais para identificar as plantas medicinais, fazer a coleta corretamente, diagnosticar doenças para a indicação do medicamento e na produção do medicamento propriamente dito. Segundo Loiola *et al.* (2009), tais remédios são produzidos em casa, na própria cozinha dos raizeiros. Alguns possuem uma infraestrutura própria, onde utilizam pequenos cômodos para produzir os remédios e fazer o atendimento à comunidade, principalmente na periferia urbana e para moradores da zona rural. Os remédios, na maior parte das vezes, são comercializados a baixo custo ou doados a quem não pode pagar.

A título de exemplo, pode-se citar a Articulação Pacari, que, conforme informação disponível no site da organização⁵, é uma rede socioambiental formada por organizações comunitárias que praticam medicina tradicional por meio do uso sustentável dos recursos do bioma Cerrado (RIBEIRO, 2017). Segundo Lamptey *et al.* (2013), as organizações que fazem parte da Articulação Pacari são compostas principalmente por mulheres das comunidades indígenas, quilombolas e extrativistas. Um exemplo é a comunidade do Cedro, localizada no município de Mineiros, no estado de Goiás. A seguir apresenta-se uma sequência de fotos do quilombo do Cedro, fotografado no ano de 2018 (FIGURAS 2 e 3).

Dentre os principais objetivos da Articulação Pacari, estão: promover o cultivo e a colheita sustentável das plantas medicinais; introduzir técnicas mais sanitárias e aperfeiçoadas nas farmácias comunitárias e melhorar a preservação e a comunicação do vasto conhecimento,

⁵ Site da organização Articulação Pacari. Disponível em: https://www.equatorinitiative.org/wp-content/uploads/2017/05/case_1_1373315420_PT.pdf. Acesso em: data.

mantido pelos curadores tradicionais para garantir que ele seja passado para as próximas gerações (LAMPTEY *et al.* 2013). Além disso, os membros da articulação lutam pela promoção, manutenção e respeito dessas práticas, mostrando a importância das raizeiras na conservação ambiental, bem como o impacto da construção de grandes projetos na região do Cerrado.

Figura 2 - Quilombo do Cedro



Fonte: Projeto Saberes em Diálogo/FFLCH-USP (2018).

Figura 3 - Raizeira do Cerrado, membro da Articulação Pacari no quilombo do Cedro



Fonte: Le Monde Diplomatique Brasil (2018).

O trabalho da Articulação Pacari é reconhecido e foi o vencedor do Prêmio Equatorial em 2012⁶ (LAMPTEY *et al.* 2013). Segundo a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) ACT Aliança (ARTICULAÇÃO..., 2012), o destaque maior fica para a pesquisa popular com o registro de conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas nativas, que deu origem à Farmacopeia Popular do Cerrado, disponível no *site* do Ambiente Virtual de Aprendizagem do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (AVA ICMBio-MMA)⁷. O documento é referência para a discussão sobre a importância do registro deste tipo de conhecimento tradicional também nos demais biomas brasileiros e sobre a necessidade de políticas públicas específicas. A Farmacopeia Popular do Cerrado é um livro elaborado por 262 raizeiras e raizeiros do Cerrado, a obra contém o conhecimento tradicional associado à biodiversidade das plantas medicinais do bioma Cerrado (FARMACOPEIA..., 2019). Segundo Loiola *et al.* 2009, a obra tem o objetivo de ser uma referência teórica para a segurança de indicação dos remédios caseiros, o nome do trabalho foi dado de forma coletiva pela Articulação Pacari, nascendo assim a Farmacopeia Popular do Cerrado.

O Cerrado, segundo maior bioma da América do Sul e segundo maior bioma do Brasil, possui formação vegetal rica em biodiversidade. Ocupa 22% do território brasileiro. Sua caracterização é uma região de savana, que se estende por cerca de 200 milhões de quilômetros quadrados. Sua formação vegetal é composta por uma grande biodiversidade e um potencial aquífero muito poderoso, no entanto, atualmente é um bioma muito ameaçado (BORGES, 2011).

Nossos ancestrais negros e indígenas trilharam essas terras produzindo novos saberes (MEKUKRADJÁ..., 2020; FARMACOPEIA, 2009). Em uma perspectiva histórica:

O homem ocupa o Cerrado há mais de 11 mil anos. Os povos tradicionais do Cerrado são constituídos por uma variedade considerável de grupos com diferentes referências culturais. Atualmente, a área coberta por esse bioma abriga 95 territórios indígenas, 44 territórios quilombolas e 13 tipos de comunidades tradicionais não indígenas, que fornecem um testemunho vivo da rica tradição de convivência humana com a natureza. Juntos eles compõem os Povos do Cerrado que sabem cuidar e usar os recursos naturais de forma sustentável. (EMBRAPA, 2022).

⁶ A Articulação Pacari é uma das 25 organizações vencedoras do Prêmio Equatorial 2012, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), governos, sociedade civil, empresas e organizações comunitárias. A Iniciativa Equatorial tem por objetivo investir em soluções locais de desenvolvimento sustentável para tornar a sociedade, a natureza e as comunidades resilientes.

⁷ Disponível em: <https://ava.icmbio.gov.br/mod/data/view.php?d=17&rid=2765>. Acesso em: 2 fev. 2023.

Nosso povo é um patrimônio que, ao longo dos anos, foi conservando saberes e sabores nestas terras. Além desse patrimônio genético, ainda se destaca como detentor de rica diversidade cultural e étnica. O acervo de conhecimentos sobre manejo e uso de plantas medicinais, resultado do acúmulo de conhecimentos e tecnologias tradicionais, passados de geração a geração, compõem a sociobiodiversidade, conforme nos mostra a Farmacopeia Popular do Cerrado. O conceito se destaca por apresentar o “Cerrado [como uma] savana tropical mais rica do mundo, pois nele há cerca de 5% de toda a diversidade do planeta. O Cerrado abriga 30% dos diversos seres vivos identificados no nosso país” (EMBRAPA, 2022). Tem-se, dessa forma, a dimensão das práticas e das formas de uso do Bioma Cerrado. A sua importância e sua forma de apropriação pelos diversos grupos que compõem a cultura.

O uso pelas mulheres negras se destaca aqui porque mostra a dimensão de um saber tradicional diante de uma relação direta com a natureza. Encontrarmos essa relação e estabelecemos os laços com a ancestralidade como formas de vida e práticas médicas usando aquilo que a natureza oferece.

No contexto local, ao se tratar de mulheres negras no Cerrado as pesquisas ajudam a ampliar os estudos sobre os saberes tradicionais de mulheres com base na civilização africana e diaspórica, estabelecendo relação com outras formas de conhecimento. As mulheres negras conseguem, no coletivo, encontrar saídas para sanar dores, injustiças, violações de direitos e manterem-se de pé na luta mesmo sangrando, vão trilhando caminhos. Em se tratando do Cerrado, as mulheres negras, com seus saberes ancestrais no chão do Cerrado, têm o poder de investigar o passado, iluminando o presente e abrindo novos horizontes.

Para entender essa territorialidade é preciso situar espacialmente o bioma Cerrado. No Figura 4 se pode visualizar a extensão do mesmo: um bioma de transição entre Mata Atlântica, Amazônia, Caatinga e Pantanal. O Cerrado compõe 24% do território brasileiro, é dele que advém 14% da produção hídrica nacional; se se excluir a região amazônica, o percentual aumenta para 43%. Todavia, cabe ressaltar que as regiões em que essas bacias hidrográficas são recompostas sofrem intenso desmatamento, impermeabilização devido ao adensamento populacional e o uso desmedido desses aquíferos na produção agrícola (FELFILI; SOUSA-SILVA; SCARIOT, 2005).

Este bioma está distribuído pelos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Bahia, Piauí, Maranhão e Distrito Federal (DIAS; LAUREANO, 2009). Possui uma estação seca, de abril a setembro; e um período de chuvas, de outubro a março. Na seca é comum acontecerem queimadas naturais ou provocadas pelo ser

humano. Após as queimadas o Cerrado renasce das cinzas e os ramos das plantas queimadas brotam e crescem tortos, pois a vida no Cerrado sempre floresce (SOUSA, 2022).

Figura 4 - Localização geográfica do Cerrado



Fonte: “ O bioma cerrado localiza se no Brasil Central, compreendendo 10 estados brasileiros”.
(IBGE,2022)

Os processos de urbanização e mecanização agropecuária propiciaram a substituição da vegetação nativa pela vegetação de cultivo industrial de soja, café, arroz, milho, braquiária, eucalipto e outras. Assim, em pouco tempo parte do Cerrado desapareceu, tornando-se uma das paisagens mais ameaçadas do planeta. Atualmente o mundo inteiro e o próprio Brasil voltam o seu olhar para as riquezas desse bioma devido à sua grande diversidade de vida e de recursos naturais para o uso humano. E, com isso, redescobre-se como indígenas e sertanejos faziam parte dele, utilizando e mantendo, ao mesmo tempo, sua vida e vitalidade. Projetos de uso sustentável do Cerrado se multiplicam, através do diálogo entre o saber popular e o conhecimento dos técnicos, envolvendo comunidades camponesas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, assentamentos de reforma agrária, grupos de artesãos, mulheres, jovens e tantas outras diversas formas de organização popular.

O Cerrado possui muitas plantas medicinais para combater diversas doenças. Usar as

suas riquezas, com a sabedoria dos antigos, é uma maneira importante para contribuir com a manutenção deste bioma vivo. No contexto brasileiro importa ressaltar que, para a compreensão da saúde, considera-se as questões de identidades de raça, posição de classe, dentre outros marcadores sociais que são determinantes nas intervenções e práticas abusivas na atenção que envolve a população negra. Segundo Kelly Lima (2018), o racismo dificulta e nega o acesso às mulheres negras aos seus direitos reprodutivos nos serviços de saúde:

O modelo hegemônico de cuidado não abarca a complexidade do processo de saúde e doença da população brasileira. Muitas mulheres acabam incorporando nas suas práticas de cuidado, valores orientados e adquiridos tradicionalmente pelos povos africanos e indígenas, cujos conhecimentos buscam uma harmonia entre o corpo e o sagrado. (LIMA, 2018, p. 9).

Saúde no sentido amplo, não se trata apenas de ausência de sintomas. Pois, as mulheres, dependendo dos contextos e localização, têm muitos problemas de saúde. Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência contra as mulheres é parte de saúde pública dos países que integram a organização

Desde a década de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) já reconhecia que a violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública, que tem incidência sobre o corpo físico e emocional. Desde então passou a exigir dos governantes que formulassem políticas públicas eficazes no combate e prevenção do fenômeno. Pois, a violência contra a mulher, além de lhe causar sofrimento físico e psíquico, com consequências extensivas sobre as futuras gerações, materializa-se também como uma violação de seus direitos humanos (OMS, 2021)

Os dados da ONU Mulher (2015) informam que hoje ainda há um esmagador segmento de mulheres que se encontra submetida ao estresse de viver sob um sistema normalizado pelo masculino, patriarcal hegemônico e heteronormativo, que as mantém debaixo de estritos controles, incertezas e ameaças constantes.

Sobre a saúde no contexto atual, por intermédio dos estudos presentes em sua dissertação, Rêgo (2021) demonstra como são preocupantes as taxas de contaminação e mortes durante a pandemia de covid-19 – e que continua até o momento em que escrevo.

Confirmadas para Covid-19 essas taxas são ainda mais impressionantes. Enquanto as mortes entre os brancos cresceram 26 vezes, os óbitos entre a população negra cresceram 83 vezes desde início de abril. Ou seja, uma taxa de crescimento de morte de pessoas negras três vezes maior do que a de pessoas brancas. Devido à ausência da especificação de identidade de gênero para além do par binário homem/mulher, não existem estes dados em relação à população trans e travesti. (RÊGO, 2021, p. 84).

Sobre a saúde, a médica e representante do Brasil na Anistia Internacional, Jurema Werneck (2016) destaca a Política Nacional de Saúde da População Negra, resultado de um trabalho conjunto de especialistas e as Nações Unidas no Brasil em dezembro de 2001. A autora indica este campo abarcado pela saúde da população negra, incluindo o agravo das doenças e condições mais frequentes na população negra.

Conforme Jurema Werneck (2016), a Política Nacional de Saúde possui os seguintes componentes neste processo:

[...] produção de conhecimento científico; capacitação dos profissionais; informação da população e atenção à saúde, mostra que um ponto importante no documento é apontar o racismo e a discriminação como de-terminantes associados ao adoecimento e à morte precoce de mulheres e homens negros. (WERNECK, 2016, p. 538).

Em 2006 o Conselho Nacional de Saúde, com a presença de pessoas do Movimento Negro, articulou ações para a aprovação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), aprovada pelo CNS em novembro do mesmo ano (WERNECK, 2016).

Entretanto, os dados cotidianos sobre as doenças crônicas causadas pelas condições de vida continuam preocupantes, sobretudo no seio da comunidade negra no Brasil. Conforme os dados do Sistema de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), o percentual de óbitos maternos de mulheres negras foi quase quatro vezes maior (41,5%) do que em mulheres brancas (12,3%) em 2007. Entre o perfil de morbimortalidade por AIDS a população negra apresenta 40% mais riscos do que a população branca (2005); 130% têm maior chance de morrer por tuberculose do que a população branca (BRASIL, 2008). Para além dos dados, a saúde para as mulheres exige investimentos e reeducação alimentar, mesmo que esses investimentos sejam por meio de políticas públicas, principalmente nos quilombos, nos territórios indígenas e periféricos.

Werneck (2016) considera que cabe reconhecer aí um campo de pesquisa, formulação e ação em favor da saúde da população negra. Tal reconhecimento é uma forma de justiça pela participação da população negra no conjunto da população brasileira; além de sua presença majoritária entre usuários do SUS. É importante considerar a necessidade de consolidação do compromisso do sistema com a universalidade, a integralidade e a equidade, apesar da negligência envolvendo este último aspecto.

No entanto, este conjunto de textos confirma o promissor estado atual das pesquisas e intervenções acadêmicas, interessando ao público especializado e a diferentes pesquisadores,

educadores, professores, promotores de justiça, profissionais de saúde, agentes de segurança pública, organizações não governamentais (ONG's), movimentos sociais, dentre outros. No contexto histórico ancestral traz-se também a Farmacopeia Popular do Cerrado, alvo de vários estudos já desenvolvidos por vários autores sobre farmácia popular ou farmácia viva, fazendo presente os saberes ancestrais de matriz africana – especialmente saberes das comunidades quilombolas, que detêm sabedoria e conhecimentos sobre as plantas do Cerrado, bem como sobre o saber da medicina alternativa (MATOS, 2020).

A história deste saber nestas áreas vem de longos anos de tradição e dedicação no interior do Brasil, com formas solidárias e comprometidas com a saúde da população negra. Este processo se dá nas comunidades quilombolas, nas comunidades indígenas, nos terreiros de Candomblé, nos grupos de mulheres negras, nos grupos de parteiras e de raizeiras detentoras do saber tecnológico, mas reconhecido por poucos; pois é tido como saber empírico ou saber popular (MEKUKRADJÁ..., 2020; WERNECK, 2010; REZENDE, 2020).

A história dos estudos de plantas no Brasil é parte desta ampla área da botânica. Os cientistas locais e estrangeiros têm, cada vez mais, curiosidade sobre o tema e importa reverenciar as comunidades que conservam o conhecimento rotulado de tradicional. Viviane Custódia Borges, que defendeu a tese 'Pequi, Jatobá, algodãozinho... a biodiversidade do Cerrado na medicina popular', em 2011, afirma que "A medicina popular valoriza os conhecimentos tradicionais do povo brasileiro" (BORGES, 2011, p. 31).

É necessário haver o verdadeiro reconhecimento dos conhecimentos populares⁸ ligados ao Cerrado e, sobretudo, à farmacopeia dentro das comunidades. Os africanos na diáspora compreendem os diferentes aspectos das plantas medicinais desde os séculos passados (MEKUKRADJÁ..., 2020; PINHEIRO, 2021; TÂNIA REZENDE, 2020; ANNA BENITE, 2020).

Na tese de Borges (2011) há a presença de muitos dados sobre as comunidades do Cerrado, mas estando em conexão com outros Estados. Entretanto, na luta para a construção do Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, em 2006, ela propôs identificar experiências e definir instrumentos de validação/reconhecimento dos conhecimentos

⁸ "O conhecimento popular ou vulgar também denominado de senso comum se distingue do conhecimento científico pelo método e pelos Instrumentos do conhecer, através da forma de observação, experimentação e mensuração, e que estão atrelados aos fundamentos do método científico em sua forma experimental." Retirado em <https://blog.rhemaeducacao.com.br/educacao-cientifica-voce-sabe-o-que-e/> acesso em 04 de abril de 23.

tradicionais para o uso seguro e sustentável de plantas medicinais. Nasceu aí a Farmacopeia Popular do Cerrado, que é um sistema de registro de conhecimentos tradicionais elaborado pelas próprias comunidades, como uma iniciativa da Articulação Pacari. Nas palavras de Laureano e Dias (2009):

O Ministério do Meio Ambiente reconhece a Farmacopeia Popular do Cerrado como uma proposta a ser multiplicada, como precursora à elaboração de ‘farmacopeias populares nos diferentes biomas brasileiros’, e uma metodologia a ser adotada, de diálogo entre as comunidades e demais setores da sociedade, visando a complementação e respeito entre os diferentes sistemas de conhecimentos: tradicional e científico⁹; com benefícios para todos. (LAUREANO; DIAS, 2009, p. 16).

Além disso, há um aparato legal que considera o patrimônio ambiental, bem como as plantas para o uso de medicamentos:

A implementação dessa Política Nacional, foi aprovado, por meio da Portaria Interministerial nº 2.960/08, cujo Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos Neste rico e valioso patrimônio ambiental, as plantas constituem a base de muitos medicamentos sintéticos e a matéria-prima na fabricação de fitoterápicos e na preparação de remédios caseiros, sendo estes últimos provenientes da prática da medicina tradicional segundo dados da Farmacopeia popular do Cerrado. (BRASIL, 2006).

Portanto, reconhece-se que o Brasil tem, em mãos, a oportunidade de desenvolver um modelo próprio e autônomo, na área de saúde, do uso de plantas medicinais e fitoterápicos. Conforme os princípios de qualidade seguidos pelos órgãos internacionais, o

[...] modelo deve primar pelos princípios de segurança, qualidade e eficácia na saúde pública e pelos compromissos internacionais assumidos no âmbito da CDB, conciliando desenvolvimento socioeconômico e conservação ambiental. (LAUREANO; DIAS, 2009, p. 15).

Esse modelo funciona no Brasil pensando na realidade das comunidades que conservam o ambiente. Vale realçar a suma relevância da aprovação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, publicada por meio do Decreto 5.813, de 22 de junho de 2006, p. 15. Tal política reconhece o uso de plantas medicinais em seu uso caseiro e comunitário, bem como considera a área de manipulação farmacêutica e fabricação industrial (LAUREANO; DIAS, 2009).

⁹ “Trata-se do conjunto de conhecimentos, valores, símbolos, tradições, ideias, costumes e práticas que se tornam características de um grupo, seja ele familiar, social, étnico, religioso e assim por diante”. Disponível <https://blog.rhemaeducacao.com.br/educacao-cientifica-voce-sabe-o-que-e/> acesso em 04 de abril de 23.

O Programa, segundo a luta das coordenadoras da Articulação Pacari estabelece que a validação e garantias de uso, eficácia e qualidade desses produtos deverão ser referendadas pela tradição. Definindo, que o incentivo, apoio e fomento ao aprimoramento técnico e sanitário de seus agentes, processos e equipamentos, deverão propiciar a inserção dos detentores desses saberes e de seus produtos no Sistema Único de Saúde – SUS e nos demais mercados. (LAUREANO; DIAS, 2009, p. 18).

As comunidades tradicionais sempre souberam que manter a biodiversidade do Cerrado lhes daria garantia de que a matéria prima para a cura das pessoas e a sobrevivência não estava em risco. As receitas e sabedorias partilhadas nesses grupos, destacando especialmente aqui as mulheres negras, empoderou muita gente no Grupo da Farmacopeia Popular do Cerrado, e incentivou muitas mulheres a estarem presentes nestes momentos de formação, como o grupo da Farmacinha. A intenção é que todas e todos busquem superar desafios e dores buscando acreditar na ciência e nas capacidades de estudos científicos que mostram os caminhos trilhados dentro do contexto acadêmico, mas, também, como está sendo dito nesta pesquisa, nos espaços não acadêmicos. Caminhos trilhados e a trilhar.

Sabendo do histórico da caminhada das farmacopeias brasileiras, a Farmacopeia Popular do Cerrado também é uma luz para identificar e/ou propor o estudo de plantas medicinais para a elaboração de novos fitoterápicos e a consequente inclusão deles no SUS, valorizando a biodiversidade brasileira. O Ministério do Meio Ambiente (MMA) apresenta a obra à sociedade brasileira como um instrumento político e técnico, que vem contribuir para a implementação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) no Brasil (BORGES, 2011).

2.3 PLANTAS MEDICINAIS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO (EM CIÊNCIAS)

De acordo com Basso, Locatelli e Rosa (2021), a aprendizagem científica poderia ser potencializada pela valorização dos conhecimentos tradicionais, uma vez que aproxima os conteúdos abstratos à vida diária, tornando a aprendizagem mais significativa e dando sentido aos modelos científicos. Porém, romper com a dicotomia hierarquizante entre ciência e tradição é ainda um desafio, assim como estabelecer o diálogo de saberes em uma perspectiva intercultural nos espaços formais e não formais de educação. Aqui as discussões estão centradas nos espaços não formais.

Conforme Gadotti (2005), a educação não formal se caracteriza como intencional mas que ocorre em espaço diverso da escola. Diferente da educação regular e sistematizada do modelo formal, a educação não formal congrega atributos de informalidade, esporadicidade, intermitência e outros. Dessa forma, materializa-se em uma multiplicidade de tempos e espaços (GADOTTI, 2005).

Considerando-se especificamente o ensino de ciências e a valorização dos saberes ancestrais sobre plantas medicinais, a literatura revela algumas tentativas. Olguin *et al.* (2007), por exemplo, desenvolveram um trabalho de mapeamento dessas plantas junto à comunidade do distrito de Toledo (Paraná), que culminou na elaboração de um material didático, isto é, uma cartilha sobre as plantas locais. Segundo os autores:

Quanto ao trabalho de elaboração da cartilha didática, observamos que é possível desenvolver alguns conceitos de Ciências Naturais a partir do tema “Plantas Medicinais” de forma integrada e interessante, resgatando, desta forma, a cultura popular sobre o assunto e valorizando o ensino de Ciências como forma de compreender o mundo. (OLGUIN *et. al.*, 2007, p. 209).

Os autores ainda salientam que foi possível identificar quase 1.600 plantas medicinais junto à comunidade, porém, que destas resultaram apenas 146 espécies diferentes, algumas delas consideradas tóxicas. Assim, foi possível promover educação científica no sentido de levar informações seguras às pessoas e orientar quanto ao uso correto das espécies (OLGUIN *et. al.*, 2007).

No estado Goiás o Coletivo Ciata, um grupo de estudo do LPEQI/UFG, tem desenvolvido ações que aliam educação científica e letramento racial em espaços não formais de educação (BASTOS, 2020). Morgana Bastos (2020), no âmbito das atividades do projeto de extensão chamado ‘Investiga Menina!’, discute a importância da representatividade feminina negra nas ciências exatas e naturais, salientando que a parceria colaborativa universidade-movimento social pode fortalecer essa demanda em atividades de divulgação científica. Tais ações foram possíveis através da parceria entre o Coletivo Ciata e a ONG Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado. Sendo esse o braço do movimento no qual as ações que culminaram nesta dissertação se desenvolveram. A seguir, apresenta-se um resumo da historiografia desta ONG.

3 A ONG DANDARA NO CERRADO – ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL FAVORECENDO CUIDADOS

3.1 ONG DANDARA NO CERRADO: MEMÓRIAS EXPERIENCIADAS

O grupo começou a atuar em Goiânia (GO) no ano 1991 porque em 1988 houve a Campanha da Fraternidade ‘Ouvi o Clamor deste Povo’. Como a Pastoral do Negro na arquidiocese de Goiânia, várias pessoas negras se reuniam para debater assuntos ligados às comunidades negras e também novas formas de celebração nas comunidades e na igreja católica. Portanto, a maioria era de mulheres e cultuavam religiões diversas. Mesmo estando ali éramos um público diverso. As mulheres negras começaram a querer discutir assuntos de interesse das mulheres, mas muitos companheiros não queriam entender. Pensou-se, então, em fazer um grupo de mulheres e começaram as reuniões, inicialmente com: Marta Cezaria de Oliveira, Maria José Alves Dias, Marlene Monteiro de Lima, Lucila Maria de Melo, Irmã Lourdes, Pureza Lopes de Matos, Maria Aparecida do Nascimento, Marizelia Moreira Dionizio, Loide Cezaria de Oliveira, Anadir Cezario de Oliveira, Lenilda Oliveira, Lais Azevedo Barbosa. Com isso começou-se a pensar em uma alimentação alternativa e orgânica, remédios partilhados no grupo, hortas e horto caseiro, bem como visitas a residências como o mesmo objetivo. E, ainda, a realização de oficinas de estética, de tranças, para preparar cantos e celebrações e para celebrar o Dia da Consciência Negra.

Ao longo dos anos essas mulheres negras foram chamando mais mulheres e quando nós nos organizamos para oficializar a ONG com CNPJ, já era o ano de 2002; o grupo contava com mais de 100 pessoas. Por causa de projetos e da participação em eventos nacionais de mulheres negras ou feministas, foi preciso criar um grupo com CNPJ, visando se ter uma representatividade das mulheres negras de Goiás. A pauta, na época, era o encontro que aconteceria em San Jose, Costa Rica, mas Goiás estava fora desta representação por não ter grupo organizado de mulheres negras. Naquele momento, a autora desta pesquisa, Marta Cezaria, se inscreveu e falou da sua organização, o Grupo de Irmãs Negras e Indígenas da congregação Missionárias de Jesus Crucificado (MJC), que estava organizado em oito regiões do Brasil e em África (Angola). Esta organização tinha um grupo de coordenadoras negras em todas essas regiões e que já estavam no quinto encontro nacional, além dos regionais que aconteceram.

Essa organização, as Irmãs Negras e Indígenas da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, mesmo sendo uma congregação religiosa, nasceu em 1928 como uma

entidade de mulheres: Sociedade Feminina de Instrução e Caridade (SFIC), na época com mais de 300 mulheres negras organizadas dentro da congregação. A partir desta fala ficou decidido que Goiás teria uma vaga para participar no encontro em Costa Rica; três mulheres goianas – Lucila Maria de Melo, Lucinete Jardelina de Oliveira e Marta Cezaria de Oliveira – participaram nesta reunião de mulheres de várias partes do Brasil.

Figura 3 - Seminário Nacional de Entidades Negras



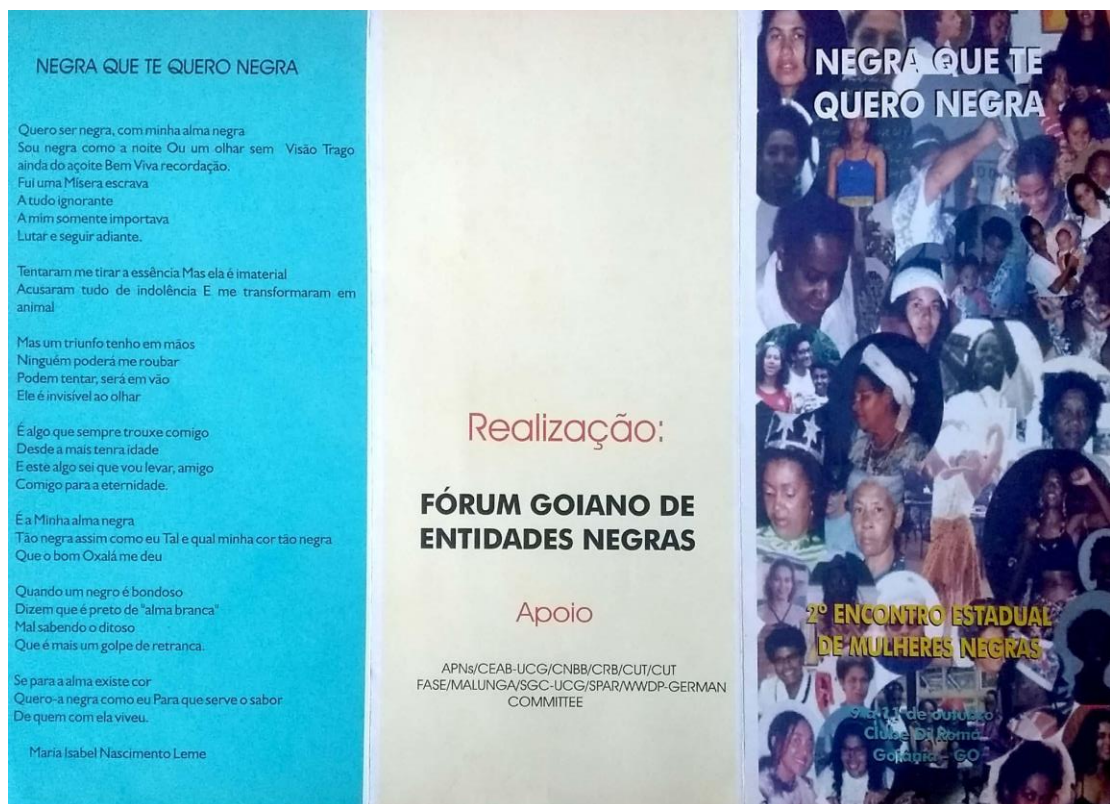
Fonte: Acervo pessoal Marta Cezaria (1996).

Chegando em Goiânia fizemos a reunião de repasse do evento no FENEGO e planejamos a organização e a participação no encontro em Costa Rica, 1996. Naquele momento foi fundado o grupo de mulheres negras em Goiás, sem fundo religioso. No dia 13 de julho de 1996 fizemos acontecer, no Residencial Alphaville, em Goiânia, um encontro com 13 mulheres negras para discutir o 25 de julho, data em que se comemora o Dia da Mulher Negra da América Latina e Caribe. No dia 20 de novembro de 1996, no evento de Comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra que aconteceu no Bosque dos Buritis, em Goiânia, havia muitas mulheres e a autora deste trabalho, Marta Cezaria, convidou-as para uma grande roda cantando: “Elas estão chegando, pelas portas e janelas, avenidas e vielas. Elas estão chegando [...]”. Assim teve início um processo coletivo para criar uma ONG.

Em 1997 teve início os debates sobre as questões de autoestima e saúde da população

negra no bairro Jardim América, um indicador de que as reflexões e ações em relação aos cuidados com a saúde e a autoestima já são pensados há bastante tempo por quem aqui escreve esta pesquisa. Em 1998 fomos para o bairro Jardim Liberdade com o mesmo tema, sendo este mais ampliado. Ainda nesse ano realizamos o II Encontro Estadual de Mulheres Negras com o tema ‘Negra que te quero negra’. Éramos 97 mulheres negras. Foram três dias de evento com várias palestrantes e oficinas. Ficamos hospedadas por três dias no Clube de Roma, na região do Campus Samambaia da UFG. É bom lembrar que havia uma diversidade imensa de mulheres negras da periferia, dos quilombos, da UFG, da Universidade Católica de Goiás (UCG, hoje PUC-GO), do Ministério Público (MP), de sindicatos, dos contextos religiosos e artísticos. Além disso, muitas mulheres negras da Comunidade Flora do Vale, da Banda Visual Ylê, das congadas e capoeiristas.

Figura 4 - Folder do Fórum Goiano de Entidades Negras



Fonte: Acervo pessoal Marta Cezaria (2022).

Figura 5 - Folder do Fórum Goiano de Entidades Negras (programação)

PROGRAMAÇÃO

DIA 09 DE OUTUBRO DE 1998 - SÁBADO

17:00 - Entrega de Credenciais e inscrições
19:00 - Jantar
20:00 - Abertura
Marta Cezária de Oliveira
Fórum de Entidades Negras
20:30 - Palestra Corporal
A Descoberta do Corpo da Mulher Negra como instrumento de Luta Pela Vida.
Assessoria: Maria Zita Ferreira
Mestra em educação; Bailarina, Coreógrafa e Pesquisadora da dança e Ritmo Afro-Brasileiro; Profa. UFG e UCG.
Capoeira
Wânia Cristina - Capoeirista
M^{te} Bárbara Moraes Porteiro - Capoeirista
Música
Vocalista Soprano
Angela Maria J. Lopes

DIA 10 DE OUTUBRO DE 1998 - SÁBADO

7:00 - Café
8:00 - Negra Que Te Quero Negra
Assessoria: Nilma Lino Gomes
Doutoranda em Antropologia Social - USP; Profa. UFMG
10:00 - Lanche
10:15 - Mesa Redonda:
"Mulheres Negras Construindo Nossa História rumo ao 3^o Milênio"
Genivalda Araújo Cravo dos Santos-FENEGO -
Marta José Alves - APNA e Congado
Marta Raimunda Ribeiro da Costa- Secretariado de Pastoral Afro- CNBB
Marly Silveira - Doutoranda em Psicologia da Educação; Profa. UFG;
Colaboradora do CEERT.
12:30 - Almoço
14:00 - A Luta pela Regularização das Terras das Comunidades Remanescentes de Quilombo.
Ester Fernandes de Castro - Kalunga
Versadora de Teresina de Goiás
Prócia dos Santos Rosa - Kalunga
15:30 - Lanche
15:45 - Oficinas
19:00 - Jantar
20:00 - Kizomba I - Lançamento dos Livros da Coleção GRIO
2 - Festa Ginga Mulheres

DIA 11 DE OUTUBRO DE 1998 - DOMINGO

7:00 - Café
8:00 - A Organização das Mulheres Negras a Nivel Nacional"

Lucimar Alves Martins - Assistente Social, Coordenadora da RED sub-região Centro-Oeste; Coordenadora do CERNEGO - DF

10:00 - Lanche
10:30 - Grupos de Trabalho
Organização das Mulheres Negras em Goiás e no Centro-Oeste
Marta Cezária de Oliveira - Licenciada e Bacharel em Biologia; Coordenadora do FENEGO; Membro da RED de Mulheres Negras Afrolatinouamericana e Afrocaribeia
Sônia Cleide Ferreira da Silva - Coordenadora do Grupo Malungu; Agente de Pastoral Negro e Enfermeira.
11:00 - Apresentação das Propostas
12:00 - Plenária
13:00 - Tarde Livre - Esse momento é seu. Aproveite da maneira que você achar melhor, nas piscinas, descanso, curso o verde, celebrar...

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Fórum de Entidades Negras de Goiás
fones: 296 8353-Quilombo Missionário; Marta/Luclia
286 1417-Malunga; Sônia Cleide/Teodorico
291 8383-SINTEGO/Genivalda
223 0769-SPAR; Dra. Augusta
223 6546 - CUT; Isabel

Endereço para correspondências:
SPAR - Secretariado de Pastoral Arquidiocesana
Augusta Santos Antunes de Oliveira - Articuladora das Pastoriais Sociais
Praça Dom Emanuel, S/n^o - Centro
Caixa Postal 174 - Fone: (062) 223 0769 Fax: 224 5352
74001-970 - Goiânia - GO - Brasil

PÚBLICO - ALVO

Mulheres Negras: das Comunidades, Universitárias, Músicas, Enfermeiras, Advogadas, Psicólogas, Pedagogs, Professoras, Empresárias, Empregadas Domésticas, Mães, Jovens, Crianças, Desempregadas, Religiosas, Funcionárias Públicas e outras. Enfim todas Mulheres do Campo e da Cidade que constrói a história de Goiás.

LOCAL

CLUBE DI ROMA - Antigo Itanhanga - GOIÂNIA - GO
(Av. das Marés, s/n - Bairro Itanhanga) Fone 292 1150 / 292 1152 - Ônibus Clube di Roma todos os dias - ponto do ônibus Balneário. Com intervalo de 50 minutos-Campus - Centro (aos sábados e domingos)

TAXA DE INSCRIÇÃO

R\$ 10,00 - Não deixe de participar por causa da taxa. Procure-nos com antecedência e veremos como resolver esta situação financeira. O encontro é seu Mulher, venha! Integre-se a nós e juntas construiremos um futuro melhor para nossos filhos e netos. O importante é a solidariedade e a presença neste processo.

COMISSÃO ORGANIZADORA

APNA/ CEAB-UCG/ CUT/ GRENII/ MNU, Malungu/ Quilombo Missionário

SINTEGO/Juventude Negra - PT/SPAR - Secretariado de Pastoral Arquidiocesana
Secretaria Estadual de Combate ao Racismo - PT - Goiás

Oficinas

1. Princípios Básicos da Dança Afro-brasileira
Marta Zita Ferreira
Bailarina, Coreógrafa e Pesquisadora da Dança e Ritmos Afro-brasileiros.
Dança da Sola - Dança dos Remanescentes de Quilombo
Dra. Angela Maria J. Lopes
Psicóloga e Psicoterapeuta

2. Harmonização: Mente e Corpo
Lucia Maria de Melo
Terapeuta Corporal: Iniciada em Reiki nível I e nível II
Missionária de Jesus Crucificado
Grupo de Reflexão das Religiosas Negras e Indígenas

3. Brincando na água
Joana D'arc Aguiar de Souza
Profa. UCG; Assessora da ECO/CUT

4. Demonstração de Cangas e Tranças
Marilena Silva
Coordenadora da Associação Educacional Pérola Negra
Acadêmica de História
Wânia Cristina
Secretária da Associação Educacional Pérola Negra
Acadêmica de História; Capoeirista GRUCAMBA

FICHA DE INSCRIÇÃO
Confirmar sua presença até dia 7 de outubro

NOME: _____
DATANASCIMENTO: ____/____/____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____ CIDADE: _____ UF: _____
CEP: _____ TELEFONE: _____
FAX: _____
ENTIDADE: _____

Fonte: Acervo pessoal Marta Cezaria (2022).

Os Estados representados eram diversos: DF, MS, TO, SP, MG. Ao final do encontro foi encaminhada a oficialização de uma associação estadual de mulheres negras. As reuniões aconteceram no Quilombo Missionário, no setor Residencial Alphaville. Foi um marco no processo histórico da construção da ONG Malunga e Dandara no Cerrado, sendo que vários grupos se fortaleceram nas universidades, sindicatos e partidos políticos.

Em 2002 o grupo Dandara no Cerrado foi registrado com a decisão de ter dois grupos: a Malunga (registrada em 1999) fica com a saúde e a autoestima e a Dandara acrescenta em seu estatuto as questões relacionadas à violência contra as mulheres e as questões de geração de trabalho e renda. O grupo surgiu com um foco nas questões de gênero em 2002 e houve alteração no estatuto em 2006, passando para o foco nas mulheres negras.

O Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado¹⁰ é uma organização da sociedade

¹⁰ A ONG está na luta pelo fim das diversas formas de violência contra as mulheres. Nossas ações giram sempre em torno do combate à violência e a preservação do meio ambiente. Já conseguimos ajudar muitas mulheres e famílias a saírem deste processo da violência. Tem gente que leva 10 anos para essa tomada de decisão, outras nem conseguem e tem gente que quando tem uma renda sabe sair de forma tranquila desta situação. Muitas destas mulheres voltaram a estudar e fazer concursos para poder ter uma forma de sustentar seus filhos e sair deste processo e muitas vezes os homens mudaram sua atitude em relação às agressões.

civil, feminista, sem fins lucrativos, fundada em Goiânia em 2002. O grupo foi criado para contribuir com o processo de formação, capacitação e divulgação de conhecimentos sobre a população negra, especialmente as mulheres negras e seus familiares.

Hoje o grupo tem como missão contribuir para a construção de uma sociedade justa, plural, antirracista e não sexista, solidária, afirmando o direito à cidadania a partir de uma perspectiva feminista, no contexto das ações educativas em gênero, raça, mulheres negras, bem como o combate à violência contra a mulher. No entanto, a relação do grupo com a comunidade local, estadual, nacional e internacional é em prol de capacitação, de parceria na luta pelo combate a todas as formas de discriminação de gênero, raça, classe e etnia, assumindo aí seu caráter político. Também tem como missão a geração de trabalho e renda preservando a cultura e os saberes tradicionais.

Ao longo de sua história a ONG tem trabalhado com grupos de adolescentes resgatando a autoestima, combatendo o genocídio da juventude negra e buscando o fortalecimento educacional; realizando oficinas de tranças e penteados afros, de maquiagem para debater temas transversais e a cultura afro-brasileira; assim como oficinas de comidas afro-brasileiras para debater a Lei n. 10.639/03 (BRASIL, 2003) com professores e a comunidade; bem como palestras, encontros e conferências para debater as questões de empreendedorismo étnico cultural. E, ainda, ações de aproximação com danças afro, capoeira, samba, religiosidade, direitos humanos, apoio ao desenvolvimento sustentável com comunidades quilombolas e muito mais.

Também é desenvolvido o projeto ‘Investiga Menina!’, em parceria com o LPEQI/UFG, com foco na proposta ‘Elas nas Exatas’ em escolas do Ensino Médio, para trazer meninas negras para as áreas de ciências. Com o Coletivo de Mulheres da Companhia Urbana de Limpeza de Goiânia (COMURG) é trabalhado o projeto ‘Mulheres que Transformam Lixo em Lucro’, com o foco em reciclagem de lixo, iniciando em suas próprias casas e realizando oficinas de capacitação e divulgação das ações destes trabalhos em mutirões da Prefeitura.

Em parceria com o Ministério Público de Goiás a ONG vem, desde 2016, atuando com no foco de combate à violência doméstica e familiar, em um trabalho realizado com a Comurg e todos os funcionários para combater as violências de gênero e classe neste ambiente tido como masculino, mas que a maioria das trabalhadoras são mulheres e muitas vezes sofrem todos os tipos de violência.

Entre os mecanismos para geração de renda, foi possível organizar um grupo de produção coletiva de estética afro, roupas, culinária e artesanato denominado ‘Por uma Goiânia Sustentável’, a partir do qual foram produzidos: pufe de garrafas de Coca-cola, pesos de portas

com caixas Tetrapak e retalhos, pesos de porta de retalhos e de calças jeans, canetas com flores de panos descartados no lixo, bolsas de caixa de sabão em pó e outras com retalhos, carteiras de caixa de leite com retalhos, tapetes, entre outros produtos. Também foram feitas ações de aproveitamento de frutas e frutos do Cerrado para doces e geleias, reaproveitamento de vidros e participação em feiras e exposições. Em 2019 foi iniciado um trabalho junto à Enel chamado ‘Compartilhar o Empreendedorismo’, com aproveitamento dos vidros dos relógios de energia que são trocados. As decisões na ONG¹¹ são a partir das assembleias e do seu Conselho Diretor. As ações são pensadas por coordenadoras ou associadas e apresentadas, na assembleia ou ao Conselho Diretor, pela coordenação executiva.

Diante desta realidade e no sonho da construção diária do cuidado entre mulheres negras no âmbito geral, que busca a superação do racismo institucional investigando caminhos menos árduos com a aplicabilidade de políticas públicas, implementando ações que fortaleçam as pessoas negras a partir da educação, os grandes desafios da ONG¹² não terminam.

Assumindo tais pressupostos, enxergamos nas ações da Dandara no Cerrado a possibilidade de pesquisa. Assim, esta investigação partiu do conceito de *afroternidade* como campo ou o local para estimular compreensões e aprendizagens de práticas científicas em espaços de educação não formal. A *afroternidade* é compreendida como a prática do cuidado

¹¹ Participação em rede: Rede de Atenção à Mulher, Crianças e Adolescentes em Situação de Violência; Rede Goiana de Mulheres Negras; Fórum Nacional de Mulheres Negras; Rede de Mulheres Negras do Centro-Oeste; Conselhos de Políticas públicas: da Mulher, Assistência Social e da Igualdade Racial; Núcleos das Universidades Federal de Goiás (LPEQI, LaGent, NEADI, Pindoba, Gira Leodegária). Instituto Federal de Goiás (IFG); Proafro - PUCGoiás; Ministério Público do Trabalho de Goiás; Sebrae; Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negras e Negros; Movimento de Direitos Humanos Estadual; Coletivo de Mulheres da Comurg, das trabalhadoras da limpeza urbana; Articulação de Mulheres Brasileiras; Grupo Mulheres do Brasil. A ONG atua em vários conselhos municipais, estadual e nacional de controle social, tais como: Conselho Estadual da Mulher; Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres, Conselho de Direitos de Senador Canedo-GO, Conselho Municipal de Assistência Social, Conselho Estadual de Assistência Social, Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial, Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, Conselho Local e Estadual de Saúde. Participa, ainda, de todas as conferências de Promoção de Igualdade Racial, da Mulher de quase todas, de Direitos Humanos, de Saúde, de Assistência Social, do trabalhador, das cidades e outras. Muitas vezes na coordenação, outras como delegadas e/ou convidadas.

¹² O grande desafio é bancar a ONG para estar nestes espaços como voluntariado. O financeiro pesa muito para nós mulheres pobres negras ativistas. Tentamos participar ao máximo para defender os direitos das mulheres e criar políticas públicas consistentes. Enfrentando todos os desafios deste novo tempo no Estado e no País, atuando pelo delineamento e implementação de ações das políticas públicas de promoção da igualdade racial e de gênero; pela incidência na redução das vulnerabilidades psicossociais do público-alvo. Nem sempre esse caminho é fácil, e ter parceiros nessa hora é fundamental para buscar o empoderamento feminino e a valorização do ser humano para promover mudanças e melhorias a si mesmo e ao meio ambiente a fim de romper obstáculos.

entre mulheres negras que faz frente ao racismo e ao sexismo por meio da partilha de saberes, um fortalecimento mútuo entre mulheres negras. É um conceito que emerge da práxis de mulheres que compreendem a importância de se unir para multiplicar o cuidado entre elas mesmas. É, assim, um conceito vivido que, nesta dissertação, busca-se sistematizar e definir.

O trabalho aqui proposto pretende ser o levante no campo científico que apresenta, para a academia, a potência de reunir mulheres negras que partem de seus saberes ancestrais e os conjugam com produções científicas a partir de outras mulheres negras, de modo a fortalecer o cuidado entre este grupo. Dessa forma, a categoria *afroternidade* deve ser entendida para que se faça como conceito no campo científico. Como questão que permeia esta comunicação, portanto, figura a pergunta: como criar espaços de aprendizagem científica conectada aos saberes tradicionais enquanto estratégia de cuidado entre mulheres negras? A hipótese inicial é de que as conexões entre os saberes atuam na valorização da pluralidade dos saberes e na atenção e cuidados com o corpo da mulher negra, possibilitando a construção da *afroternidade*.

O objetivo geral do presente trabalho, portanto, foi compreender a prática da *afroternidade* em vivências interculturais sobre fitoterápicos e plantas medicinais em um espaço de educação não formal: a ONG Dandara no Cerrado. Os objetivos específicos foram: a) identificar e discutir as especificidades da produção de conhecimento (tradicional e científico) de mulheres negras contemporâneas; b) conhecer e discutir a potencialidade da farmacopeia popular do Cerrado na aprendizagem científica; c) explicitar, analisar e refletir sobre a construção e desenvolvimento de vivências interculturais da ONG Dandara no Cerrado; d) explicar o conceito de *afroternidade* a partir da identificação das práticas de cuidado entre mulheres negras da citada ONG.

4 METODOLOGIA

Para Demo (2000) a pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade, incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores. Essa dissertação se caracteriza como uma pesquisa participante em que as mulheres integrantes do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, coletivamente, “[...] tomam seus destinos em suas mãos” (DEMO, 2004, p. 16) e analisam sua própria produção de conhecimento de maneira crítica e reflexiva.

Nesse sentido, trabalhou-se a partir da história da produção de conhecimento produzido pelo Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, que se mistura à minha, Marta Cezaria, junto ao Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão (LPEQI/UFG), e se configura potente e complexa trama metodológica. Pois, a partir da escolha da metodologia de pesquisa participante (PP), foram desenvolvidas oficinas planejadas durante os estudos sobre plantas medicinais, usando ambiente virtual *on-line*. Nesse contexto, o grupo de mulheres negras envolvido pôde realizar uma série de oficinas de práticas científicas tendo como produto a implementação de uma farmácia popular doméstica utilizando o conhecimento de pesquisas de cientistas negras contemporâneas e os saberes tradicionais da farmacopeia popular do Cerrado. Para tanto, foram instruídas com treinamentos sobre processos de extração de óleos essenciais e princípios ativos de materiais alternativos e de baixo custo, como, por exemplo, a produção de garrafadas, tinturas, pomadas, chás, compressas e o compartilhamento de diversas receitas (APÊNDICE B).

O que significa que a pesquisa participante, nesse contexto, é uma ponte para alcançar, também, por via da singularidade de cada momento da pesquisa como parte de um universo (o subprojeto), do qual todas as interlocutoras são coautoras participantes do processo de produção do conhecimento a ser incorporado na ação (BENITE *et al.*, 2019). O intuito da ação foi de proporcionar vivências e informações sobre a contribuição das mulheres negras na criação de itinerários de cuidados e autocuidados de saúde, “[...] por meio da promoção do deslocamento epistêmico, buscando desconstruir a visão de ciência como uma atividade somente masculina, do branco e unicamente europeia” (BASTOS, 2020, p. 62). Beatriz Nascimento burila o termo ORÍ como relação entre intelecto e memória, entre cabeça e corpo, entre pessoa e terra; correlação adequada para se interpretar, em uma única visada restauradora, a desumanização do indivíduo negro e suas possibilidades de reconstrução de si, como parte de uma coletividade (RATTS, 2007; RÊGO, 2021). Assim, essa dissertação se ORI-enta (RÊGO, 2021) pela

valorização dos ‘saberes localizados’, pela ‘ciência engajada’ (HARAWAY, 1995).

Segundo Brandão e Borges (2007), a pesquisa participante tem seu ponto de origem em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura dinâmica, a partir de experiências reais e interpretações tais como são vividas e pensadas (BASTOS, 2020). Como fundadora do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado meu compromisso social, político e ideológico se firma com o grupo e suas causas sociais, tendo como missão fazer-me presente e participativa nessa jornada de combate ao racismo em prol do bem viver de mulheres negras.

Na pesquisa acadêmica é ilusão pensar que há neutralidade nas investigações, bem como a despersonalização de quem produz conhecimento científico, como uma impessoalidade. Nessa pesquisa, sendo participante eu me manifesto como militante de movimento social, feminista negra, educadora de espaços não formais. Entretanto, as investigações estão vinculadas à universidade e à ONG. Na pesquisa participante procura-se realizar a transformação social, cultural e política. Ou seja, “[...] é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado de bens e de capitais” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 55). Sou um corpo racializado e generificado em diálogo com corpos racializados e generificados. Tenho identificação racial e política com minhas interlocutoras. Ciente da crítica existente dentro da academia “[...] à penetração de ideias militantes no texto acadêmico” (RATTS, 2003, p. 97), com a argumentação de que tais ideias dificultam a distinção dos fatos, evoco meu lugar enquanto mulher negra, que, para além de um discurso identitário e essencialista, diz respeito ao meu compromisso com o pensamento feminista negro (RÊGO, 2021).

Importa dizer que a pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas. Na **primeira fase** fez-se a montagem institucional do projeto e, na sequência, a busca pela integração entre a universidade e o Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado (movimento social feminista negro), que formalizou o convite ao Coletivo de Mulheres da Comurg, ao Núcleo de Igualdade Racial do Grupo Mulheres do Brasil e a outras mulheres negras, para ser desenvolvido junto às mulheres negras. Tal como no projeto ‘Investiga Menina!’, a pesquisa consistiu na produção de conhecimento científico como uma atividade coletiva, não apenas de laboratório e europeia, mas africana e quilombola, para se pensar na cultura acadêmica. A aproximação entre a universidade e a comunidade vincula-se pela parceria entre o Coletivo CIATA do LPEQI/UFG, o Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, que solicitou estudos buscando maior e profundo conhecimento sobre plantas medicinais do Cerrado, e os saberes ancestrais da

quilombola Lucely Morais Pio, que havia ministrado uma oficina sobre as plantas medicinais. Ela também participou na coleção da Farmacopeia do Cerrado, pois é detentora do saber ancestral. A oficina foi realizada a fim de partilhar os saberes da Comunidade Cedro em Mineiros, no Estado de Goiás. Cabe ressaltar aqui que a coordenadora do LPEQI/UFMG é militante do Dandara e participou da oficina sobre plantas medicinais em 2018.

Na **segunda fase** fez-se a identificação de sujeitos e levantamento de demandas, por meio de várias reuniões de grupo de estudo, reunindo a orientadora, a coorientadora, estudantes de pós-graduação e de graduação por meio de grupos de estudo (PG1, PG2, PG3, PG4 PG5, PFI 1 e PFI 2), procedeu-se pela compreensão da realidade a que estão inseridas: as pesquisadoras e as pesquisadas, sujeitas da investigação. Foi o momento para delinear as ações e as ferramentas vinculadas aos planos de intervenção (oficinas *on-line*), de modo a envolver o público na atividade de pensar e intervir juntos na realidade investigada.

Na **terceira fase** foi realizado o planejamento entre a professora formadora, professoras/es em formação continuada e professoras/res em formação inicial com o intuito de estabelecer a estratégia de formação e ampliação da divulgação da historiografia de mulheres negras nas ciências, mantendo o diálogo que perpassa a Lei n. 10.639/2003 (BRASIL, 2003), a qual a ONG ajuda na divulgação e procura inserir na prática dos profissionais da educação. Mas também evidenciar e dar relevância sobre a ciência feita e desenvolvida pelas mulheres negras, quilombolas, como, por exemplo, a farmacopeia do Cerrado, considerando que a presença de cientistas negras precisa ser conhecida cada vez mais. Definidos os temas, recorreu-se à episteme não branca em busca de abordagens contextuais para abordar os saberes científicos, lançando mão das atividades práticas como ferramenta de ação mediada. Durante as oficinas houve a participação das professoras e de estudantes que acompanharam as atividades como formação continuada desses profissionais.

A **quarta fase** desta pesquisa envolveu o planejamento e a execução de ações junto a mulheres negras na ONG, registro fílmico das ações e avaliação. O planejamento e o desenvolvimento em grupo das oficinas abrangeram os temas elencados, que tentam promover o estudo das temáticas do conhecimento químico selecionadas à luz da Lei n. 10.639/03 (BRASIL, 2003), pois é pela educação que o exercício efetivo da cidadania das mulheres negras se pratica. Em síntese, a organização foi realizada em quatro etapas, baseando-nos em Le Boterf (1984), as quais estão organizadas e descritas no Quadro 1.

Quadro 1 - Fases de desenvolvimento da pesquisa participante

FASE	OBJETIVOS	INSTRUÇÕES
Primeira	Criar o projeto em que consiste tal pesquisa, integrando o espaço universitário e da ONG	Montagem institucional do projeto em que se dará a integração entre Universidade e ONG, caracterizando os grupos e seus contextos.
Segunda	Identificar sujeitos de pesquisa; Realizar o levantamento de demandas.	Aproximação com o grupo a ser investigado, de modo a estabelecer relações entre a universidade, os espaços educativos e a ONG.
Terceira	Desenvolver um planejamento entre a professora formadora, professoras/es em formação continuada e professoras/res em formação inicial com o intuito de estabelecer a estratégia de formação e ampliação da divulgação da historiografia de mulheres negras nas ciências.	Elaboração dos planos dos encontros com o grupo participante, de modo a articular os temas relacionados no levantamento de demandas, articulando com os temas inicialmente elaborados ao longo da primeira fase.
Quarta	Executar as ações junto a mulheres negras na ONG; Registrar as ações a partir de instrumentos audiovisuais; Avaliar a oficina.	Realização das oficinas junto ao grupo, registrando e avaliando os encontros a partir dos objetivos inicialmente traçados.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As oficinas foram planejadas e desenvolvidas de forma a contemplar os conhecimentos tradicionais que as mulheres têm sobre as plantas medicinais do Cerrado e o conhecimento químico (MEKUKRADJÁ..., 2020¹³; BENITE, 2018), considerando-se que o nosso povo tem conhecimento científico que tem sido desprezado pelas academias eurocêntricas. Epistemicídios na região do Cerrado, racismo epistêmico/epistemicídio, racismo ecológico/ecocídio/oncocídio, todos sustentadores do racismo ambiental, que facilita as

¹³ A pesquisadora tem muita produção sobretudo, sobre as plantas medicinais, curas por energias. Por exemplo, algumas informações da sua participação em um dos projetos de Itaú Cultural de 2020, denominado 'Troca de saberes indígenas e quilombolas'. Ver: MEKUKRADJÁ... (2020). A fala dela está a partir dos 37 minutos. Suas diversas entrevistas estão espalhadas em diversos sítios pela internet e no YouTube. Por exemplo: a entrevista na Rede Cerrado está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WM-f1DpUfqc>. Acesso em: 9 out. 2022. E aqui está uma das entrevistas postadas por Rodrigo Martins: <https://museucerrado.com.br/cura-pelo-cerrado/lucely-pio/>. Acesso em: 9 out. 2022.

discriminações e preconceitos de toda ordem em que africanos são sempre alocados na periferia das narrativas e subalternizadas (CAMARGO; 2022, BENITE, 2020).

Salienta-se que o contexto da pandemia da covid-19 cercou de incertezas no mundo acadêmico, do trabalho e na própria vida social, com um quadro sanitário urgente que antecipou a recessão econômica, impactando em organizações e indivíduos. Nós, as Mulheres Negras Dandara no Cerrado e o LPEQI/UFG, compreendemos que nunca foi tão necessário nos instruir e fortalecer. Assim, convidamos a todas para iniciar uma série de oficinas de práticas científicas para a confecção de uma farmácia popular doméstica utilizando o conhecimento de pesquisas de cientistas negras contemporâneas e os saberes tradicionais da farmacopeia popular do Cerrado.

Antes da realização das oficinas propriamente ditas, no primeiro momento foi aplicado um questionário que teve a intenção de contribuir com a organização dos trabalhos, de modo que foi solicitado que informassem os melhores dias para os encontros e o desejo em produzir coletivamente uma farmácia popular. Além disso, foi questionado quanto às plantas que mais elas conheciam e teriam em suas residências; as doenças que mais as atingiam naquele momento e quais medicamentos e produtos deveria ter na farmacinha.

Nas oficinas *on-line* que se seguiram as interlocutoras da pesquisa foram mulheres do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, do Coletivo de Mulheres da Comurg, do grupo Mulheres do Comitê Igualdade Racial do Grupo Mulheres do Brasil e do Fórum Nacional de Mulheres Negras. Estudantes que compareceram para participar também foram acolhidas, entre outras mulheres negras da comunidade ou em diálogo com a rede.

Os encontros aconteceram aos sábados pela manhã, com um período de 120 minutos cada, sendo desenvolvidas nove oficinas de estudos e práticas sobre plantas, saberes populares, receitas, toxicidade das plantas, legislações, quantidades, efeitos benéficos e riscos. Também foram temas das oficinas: os cuidados com o meio ambiente ao retirar ou coletar uma planta no Cerrado e saber como e para que uma planta estudada serviria em várias doenças. No Quadro 2 é apresentado o mapa de atividades da pesquisa.

Quadro 2 - Mapa de atividades

(continua)

DATA	HORÁRIO	PARTICIPANTES	RESUMO
20/02/21	09-11h	38	Em nosso primeiro encontro foram feitas as devidas apresentações dos membros do grupo, onde cada membro destacou um pouco de sua história e a memória da caminhada da ONG no campo do autocuidado entre nós mulheres negras. Discutimos sobre os objetivos do projeto e demos início a uma pequena introdução sobre a farmacopeia do Cerrado e receitas de remédios populares. Além disso, também, foi explicado sobre o questionário aplicado e apresentação dos dados do questionário, resultado da pesquisa usando o Google Docs, podendo perceber as patogenicias associadas ao feminino negro, plantas e muito mais.
06/03/21	09-11h	40	No segundo encontro trabalhamos sobre algumas plantas e suas propriedades medicinais. Levantado em consideração quais plantas as participantes tinham em casa. Tivemos a participação de uma especialista em fitoterápicos, nos orientando sobre os principais pontos no uso das plantas e os cuidados com o manuseio e receitas. A participante é raizeira e membro da Articulação Pacari do quilombo do Cedro. Dentre as principais plantas trabalhadas estão: Babosa, Erva Santa Maria, Salsa e Assapeixe. Também dialogamos sobre corpos que escreveram a história; oralidade; sonhos; ancestralidade e saberes tradicionais; levantamento das plantas.
20/03/21	09-11h	42	Neste dia em específico lemos e discutimos sobre desigualdade racial, empoderamento das mulheres negras e mencionamos obras de algumas autoras negras contemporâneas, como: Anna Maria Canavarro Benite e Marta Cezaria. Tal assunto foi abordado devido ao fato de a data da reunião ser véspera do dia internacional pela eliminação da discriminação racial. Após isto fizemos um estudo sobre óleos essenciais e a planta colônia, suas principais características e aplicações. Colônia na sabedoria popular; Religiões de matriz africana. Colônia está registrado na farmacopeia brasileira, o que significa que isso foi estudado por alguém; cientistas negras, que nós conhecemos. As mulheres presentes se apresentaram dizendo quem era para todas participantes se conhecerem.

(continuação)

DATA	HORÁRIO	PARTICIPANTES	RESUMO
03/04/21	09-11h	38	Neste dia em específico tivemos poucos participantes, desta forma preferimos não avançar tanto para que pessoas que não puderam participar não perdessem o conteúdo abordado. Parte do tempo foi usado para discutir sobre temas recentes, como a pandemia, por exemplo. Muitas usaram o momento para desabafarem, falarem sobre a perda de pessoas próximas para a covid-19. Por último estudamos os benefícios e formas de uso do Boldo e as variações que podem ser encontradas: Boldo 7 dores; Própolis; Ganapum ou Camapu, Gengibre; Canela, vinagreira ou azedinha ou cuxá, Guaco. Falamos sobre a questão do corona vírus e o questionário anamnese; sobre a relação da anemia falciforme e a comunidade negra e o conhecimento do uso das plantas medicinais nesta comunidade.
17/04/21	09-11h	38	Nesse dia atualizamos os contatos de todas as participantes e demos prosseguimento aos estudos de mais algumas plantas. Estudamos as características e propriedades das seguintes plantas: Alecrim; Algodãozinho; Jatobá do Cerrado, Baru e Ipê roxo. Neste dia também contamos com a presença da raizeira e especialista em fitoterapia da Articulação Pacari para estudos das plantas citadas, elaboração de receitas e instruções de posologia. Uso do conhecimento tradicional. Porque nós vamos trabalhar com saberes e a gente tem que saber como isso foi tratado no Brasil e como inicia essa pesquisa pra falar desse povo, que é a comunidade negra. E partilha das receitas.
15/05/21	09-11h	28	https://forms.gle/THrmtgboB2xjq3Br7 Mestras e conhecimentos tradicionais. Você que é a nossa mestra de conhecimento tradicional aqui. Então estamos aqui para te ouvir e saber sem passar conhecimento científico na frente de conhecimento tradicional. O chapéu de couro né. Todo mundo vai poder tomar? Uma pessoa que tem anemia falciforme por exemplo eu acho que não vai poder usar, pois ele tem ferro demais. Plantas Chapéu de Couro, Alecrim - Diversidade do alecrim; calêndula. Ficha de Anamnese. O processo da construção da farmacinha se dá no coletivo - Padrão Operacional.

(conclusão)

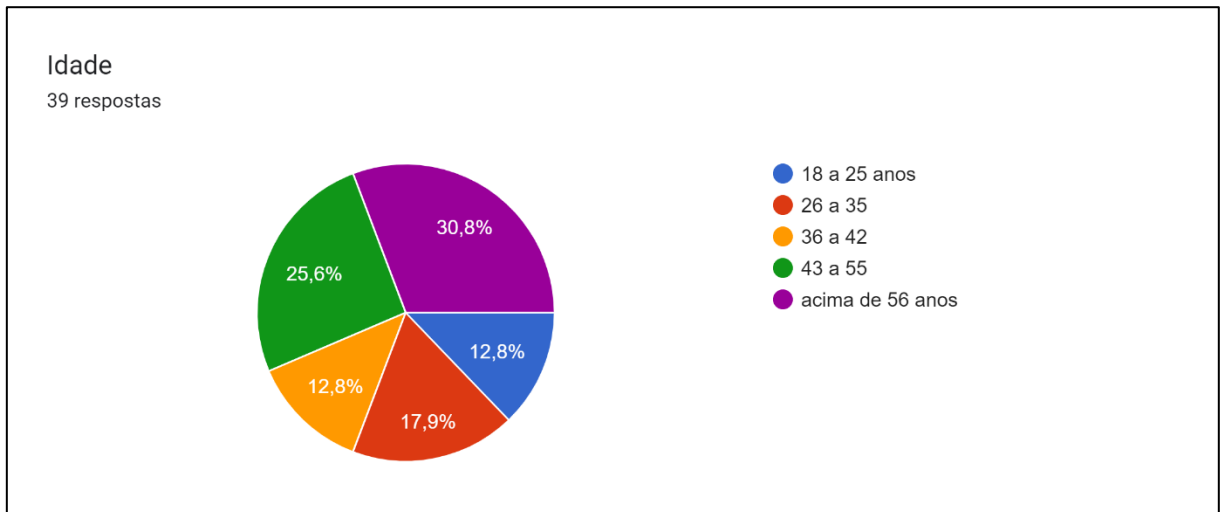
DATA	HORÁRIO	PARTICIPANTES	RESUMO
29/05/21	09-11h	38	Em nosso primeiro encontro foram feitas as devidas apresentações dos membros do grupo, onde cada membro destacou um pouco de sua história e a memória da caminhada da ONG no campo do autocuidado entre nós mulheres negras. Discutimos sobre os objetivos do projeto e demos início a uma pequena introdução sobre a farmacopeia do Cerrado e receitas de remédios populares. Além disso, também, foi explicado sobre o questionário aplicado e apresentação dos dados do questionário, resultado da pesquisa realizada no Google Docs podendo perceber as patogenias associadas ao feminino negro, plantas, e muito mais.
26/06/21	09-11h	36	No segundo encontro trabalhamos sobre algumas plantas e suas propriedades medicinais. Levantado em consideração quais plantas as participantes tinham em casa. Tivemos a participação de uma especialista em fitoterápicos, nos orientando sobre os principais pontos no uso das plantas e os cuidados com o manuseio e receitas. A participante é raizeira e membro da Articulação Pacari do quilombo do Cedro. Dentre as principais plantas trabalhadas foram: Babosa, Erva Santa Maria, Salsa e Assa-peixe. E dialogamos sobre Corpos que escreveram a história; oralidade; Sonhos; Ancestralidade e saberes tradicionais; Levantamento das plantas.
07/08/21	09-11h	33	Neste dia em específico lemos e discutimos sobre desigualdade racial, empoderamento das mulheres negras e mencionamos obras de algumas autoras negras contemporâneas, como: Anna Maria Canavarro Benite e Marta Cezaria. Tal assunto foi abordado devido a data da reunião ser véspera do dia internacional pela eliminação da discriminação racial. Após isto fizemos um estudo sobre óleos essenciais e a planta colônia, suas principais características e aplicações. Colônia na sabedoria popular; Religiões de matriz africana. Colônia isso tá registrado na farmacopeia brasileira então significa que isso foi estudado por alguém; Cientistas negras, que nós conhecemos. As Mulheres presentes se apresentaram dizendo quem era para todas as participantes se conhecerem.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

4.1 SUJEITOS DA PESQUISA

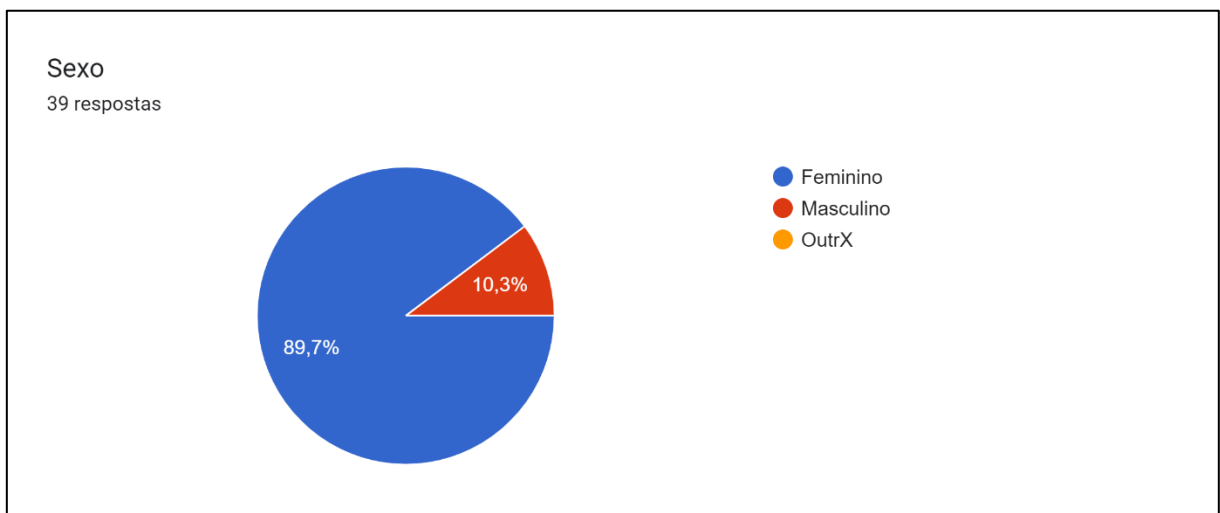
Para entender os sujeitos da pesquisa realizada foi aplicado um questionário pós-oficinas. Entre as questões levantadas estão a avaliação do projeto e em que medidas as pessoas aplicam, no cotidiano, o que foi aprendido. Dessa forma, ao traçar os elementos que norteiam as análises, foi preciso entender como os grupos se constituíram. Do total de 75 participantes das oficinas, 39 responderam ao questionário. Essa amostra revela o perfil do grupo. Os dados coletados estão reunidos nos Gráficos de 1 a 6.

Gráfico 1 - Idade das participantes da oficina

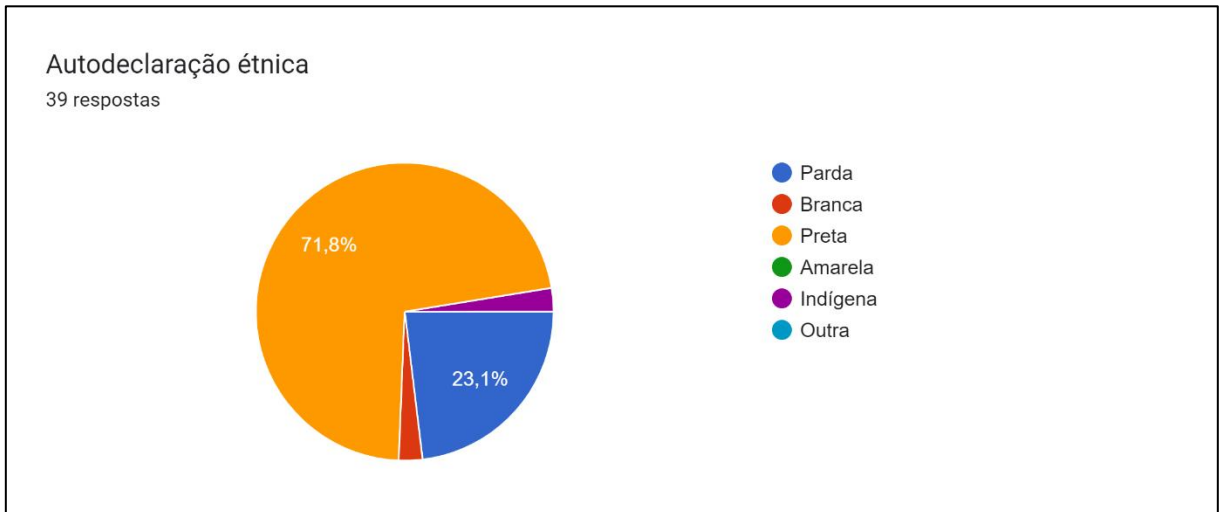


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

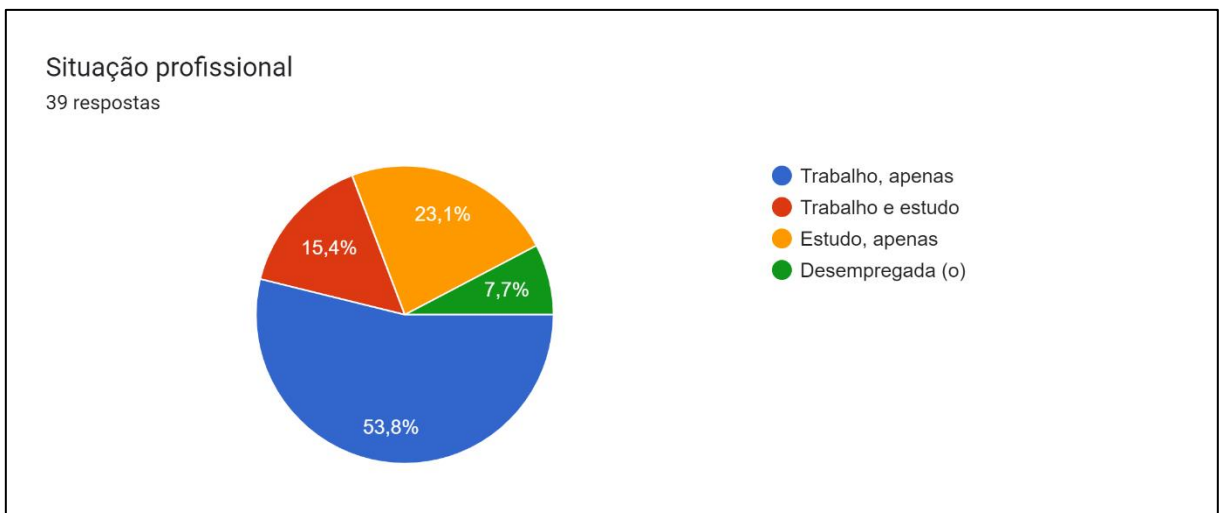
Gráfico 2 - Sexo



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

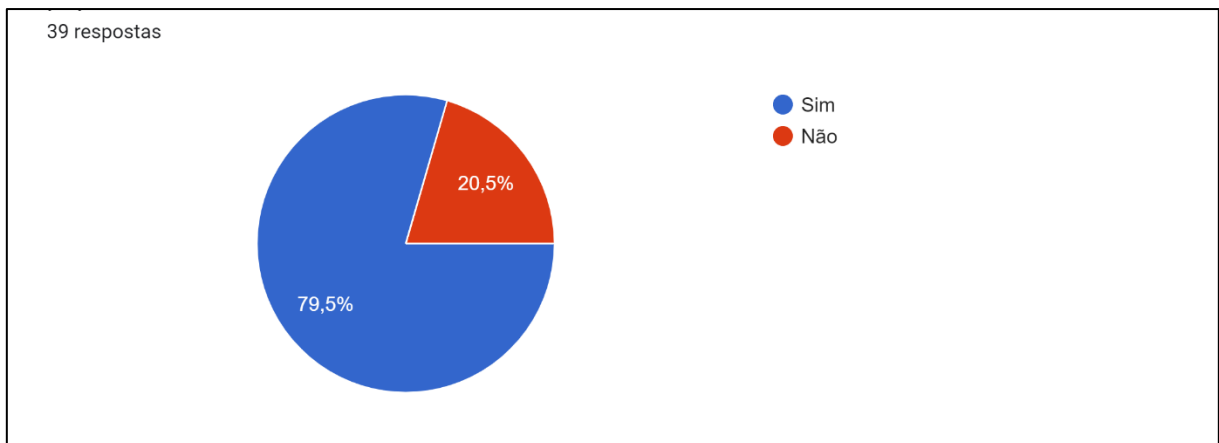
Gráfico 3 - Autodeclaração étnica

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 4 - Situação profissional

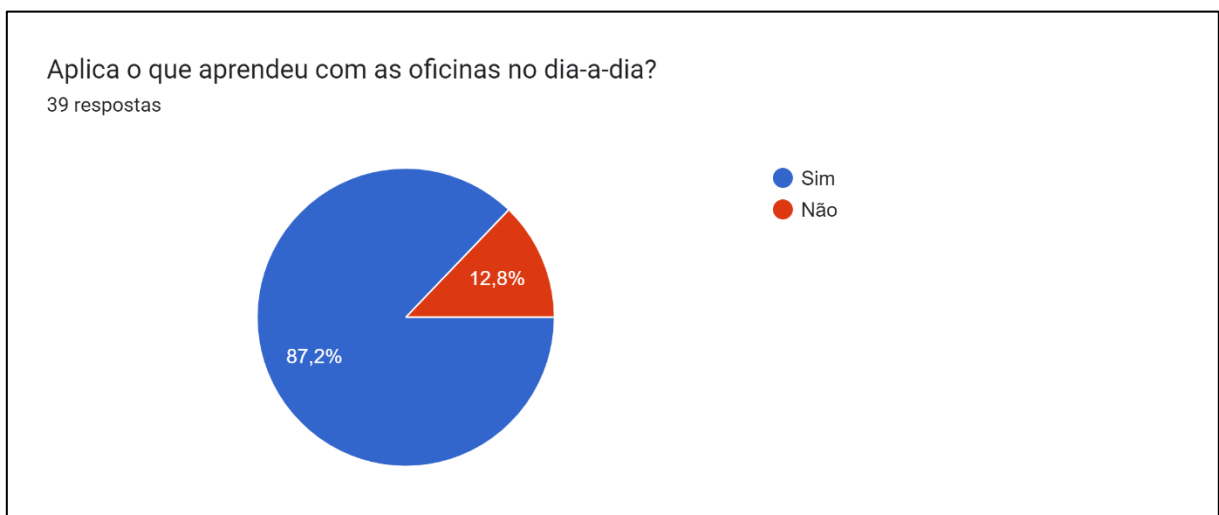
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 5 - Participou em mais de uma edição da ‘Oficina de práticas científicas para a confecção de farmácia popular doméstica’



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 6 - Aplica o que aprendeu com as oficinas no dia a dia?



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

5.2 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os instrumentos de coleta de dados desta pesquisa consistem em questionários e gravação das nove oficinas realizadas com o grupo previamente inscrito. Importante destacar que, em uma pesquisa participante, para usar os instrumentos é preciso a participação dos sujeitos pesquisados no próprio processo de investigação, necessitando do compromisso de tais sujeitos (FAERMANN, 2014). Considera-se relevante que esses sujeitos possam examinar suas próprias histórias baseadas em suas crenças, saberes e valores (DEMO, 2004; FAERMANN, 2014). Portanto, tal delineamento metodológico considera a participação e técnicas para conhecer os sujeitos (BRANDÃO, 2007), aqui tratando da realidade vivida por mulheres

negras.

As oficinas planejadas no desenvolvimento dos estudos sobre plantas medicinais – sendo que a maioria destas plantas estão incluídas na Farmacopeia Popular do Cerrado e em estudos já desenvolvidos por vários autores sobre farmácia popular ou farmácia viva, conforme descrito no livro ‘Plantas medicinais da caatinga do Nordeste brasileiro’ (2020), de Karla do Nascimento Magalhães (2020) – evidenciou saberes tradicionais, elencando mulheres negras nas ciências com um olhar afrocentrado.

A pesquisa foi desenvolvida na sede do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado com integrantes da ONG e demais pessoas convidadas que quiseram participar da experiência dando voz a um grupo de mulheres negras. Foram analisadas as oficinas de número dois, três, cinco e seis. A escolha foi pautada a partir do conteúdo abordado e da intensa relação com a prática científica.

As transcrições das oficinas foram feitas com base no material empírico, reproduzindo conversas reais, para que serem considerados os aspectos de entonação, da paralinguística e outros, seguindo a escrita e a gramática padrão da língua; nelas os falantes são indicadas por letras no alfabeto (BASTOS, 2020, p. 76 *apud* MARCUSCHI, 1997), a saber: PG – Pós-graduanda; (PFI1, PFI2) – Professores em Formação Inicial; – Mulheres; (M) – Homens; (H) – integrantes do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado; lembrando a importância de nomear referências histórica de mulheres negras que trilharam ou trilham o caminho das cientistas negras. O uso de reticências ao final do turno indica a eliminação de parte da fala e, para evitar um turno longo e de difícil análise, alguns turnos das pesquisadoras foram divididos.

A partir das transcrições realizadas nas oficinas, foi considerada a técnica da análise da conversação (AC) proposta por Marcushi (2003). “A conversação é a prática social mais utilizada como forma de comunicação entre as pessoas, sendo o mais importante instrumento social que o professor e os alunos possam utilizar para estruturar o desenvolvimento das ideias” (MARCUSCHI, 2003, p. 45). Por sua vez, a AC se preocupa com a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais partilhados para que a interação seja bem-sucedida. Importa dizer que para a interpretação dos turnos de fala recorreu-se aos seguintes referenciais teóricos acima citados. Justifica-se a escolha pelo fato de incorporarem muitos sentidos para o processo de construção da temática apresentada.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: PRÁTICAS CIENTÍFICAS E AFROTERNIDADE

5.1 PRIMEIRA ETAPA DA INVESTIGAÇÃO: JUNTANDO MULHERES NEGRAS PARA O CUIDADO

Para convidar as sujeitas da pesquisa para a participação nas oficinas foi elaborado um folder, o qual foi divulgado nas redes sociais da ONG e do grupo de pesquisa LPEQI-UFG.

Figura 6 - Convite para os Encontros sobre a formação da Farmácia Popular Doméstica

Convite:
Encontro sobre a formação da Farmácia Popular Doméstica e Autocuidado

O contexto da pandemia cerca de incertezas o mundo do trabalho e a própria vida social, com um quadro sanitário urgente que antecipa a recessão econômica impactando em organizações e indivíduos. Nós as Mulheres Negras Dandara no Cerrado e o Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão LPEQI compreendemos que nunca foi tão necessário nos instruir e fortalecer.

Por isso convidamos você para participar de uma série de oficinas de práticas científicas para a confecção de farmácia popular doméstica utilizando o conhecimento de pesquisas de cientistas negras contemporâneas e os saberes tradicionais da farmacopeia popular do Cerrado...compostas por treinamento de processos de extração de óleos essenciais e princípios ativos com materiais alternativos e de baixo custo.

A modalidade dos nossos encontros é online, sempre nos sábados das 9h às 11h, de 15 em dias 15 na plataforma Google Meet que já é conhecida pela maioria.

Data: 20/03/2021(sábado)
 Horário: 9h às 11h
 Local: Google Meet - <https://meet.google.com/buc-oieg-rje>

Conto com sua participação neste lindo projeto com mulheres negras iniciando nossos trabalhos em 2021 com ações da Dandara no Cerrado acreditando na possibilidade de cada uma na construção coletiva.
 Contatos: mdandaranegras21@gmail.com / martacezaria@gmail.com
 WhatsApp: (62) 99628 6650

Logos: Grupo de Mulheres Negras no Cerrado, DANDARA, Negras nas Exatas! Representatividade importa!, LPEQI, Coletivo Gira Leodegária, LPEQI-UFG.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A partir de então, percebeu-se um público composto por mulheres da ONG Dandara no Cerrado, do Coletivo de Mulheres da Comurg, do Comitê Igualdade Racial do Grupo Mulheres do Brasil, da Rede Goiana de Mulheres Negras, da Pastoral Negros, da Coordenação de Negras e Negros de Goiás (CONGO), do Grupo Raízes, do Fórum Nacional de Mulheres Negras e do trabalho de limpeza urbana. O grupo foi composto também por: empregada doméstica, administradora de um grupo de plantas sobre medicina e troca de sementes e mudas, quilombola Kalunga, quilombola do Cedro, mestra em plantas medicinais, professora na UnB e na UFMG, geoterapeuta, coordenadora da Articulação Pacari, presidente do Comitê de DGM/FIP Brasil, estudantes de Química do Coletivo Ciata/UFG, estudantes de graduação em Química e de estágio/UFG, mestranda em Química/UFG, doutoranda em Química/UFG, mestranda em Linguística/UFG, alunas da Disciplina de Diversidade e Inovação/UFG, Coletivo Gira Leodegária, doutoranda em Comunicação/UERJ; todas/os que compareceram para participar

foram aceitas/os.

A história da ONG Dandara no Cerrado é elemento documental que contribuiu para a consolidação das práticas científicas entre mulheres negras e para a forma como esse processo passa a desencadear a dimensão epistemológica da *afroternidade*. Para existir no campo da ciência é preciso ser no campo da prática, das experiências e das vivências das mulheres negras. A construção do conceito depende, dessa forma, da prática e das vivências, da dinâmica entre as mulheres e suas redes. A análise desta dissertação está centrada na ONG e na forma como o movimento foi construído e constituído. Vale ressaltar que as experiências acontecem em outros lugares e em outros contextos, mas a pesquisa se deu a partir da experiência da Dandara no Cerrado como um espaço de educação não formal, contribuindo para aprendizagens no campo científico e articulação entre saberes distintos. O Cantoril de chegada no livro ‘Matrinarrativas cerradeiras’ mostra que:

Somos mulheres cerradeiras, somos as cerradeiras dos confins do sertão do Brasil, somos inventoras, construtoras e sustentadoras de existências. A natureza é nosso templo sagrado e é nosso corpo. A terra é nosso corpo e nosso corpo é a terra. Nosso corpo é sagrado, todo corpo é sagrado. Nossa escola é a vida vivida comunitariamente, em irmandades solidárias. Somos contadoras de histórias, narramos nossas vivências e performamos nossas existências em narrativas de vivências: narrativemos nossas palavras encantadas. Nossa palavra-som-sinal-toque é canto que embala, é afeto que acalenta, é poesia que encanta, é magia que cura, é poder sagrado que traz à vida e encomenda a alma, e é o ganha-pão de cada dia. (GIRA LEODEGÁRIA DE JESUS, 2022, p. 22).

A prática da *afroternidade* – ou o cuidado entre mulheres negras – é um conceito gestado dentro movimento das mulheres negras na ONG Dandara no Cerrado. A partir dessas relações busca-se interagir vivências entre mulheres negras que fazem parte de um grupo ou movimento, de universidades e escolas, encontrando saídas no coletivo para superar os efeitos do racismo e de outros sistemas de opressão.

6.1.1 Conhecendo o campo da investigação

O primeiro momento foi a elaboração também um questionário antes de iniciar os trabalhos nas oficinas onde as mulheres negras responderam com várias questões sobre: que dia seria melhor as oficinas? Quais as plantas que mais elas conhecem e têm suas residências? Quais as doenças que mais atingem estas mulheres neste momento? Quais mulheres acham que seria bom ter uma farmacinha no Grupo Dandara no Cerrado? Quem gostaria de participar? Quais os medicamentos e produtos deveria ter na farmacinha? Ver quais seriam as plantas

acessíveis para montar a farmacinha e que seria útil para as pessoas. O resultado está na análise ao longo das oficinas apresentadas nesta investigação.

Questionar o processo de construção de um trabalho está diretamente relacionado à construção dos elementos que o compõem, assim, apresenta-se a seguir os resultados coletados do questionário aplicado, conforme Apêndice A (Farmácia popular doméstica e autocuidado). O questionário continha seis perguntas que foram respondidas por 39 mulheres envolvidas nos grupos de mulheres negras em prol da pesquisa.

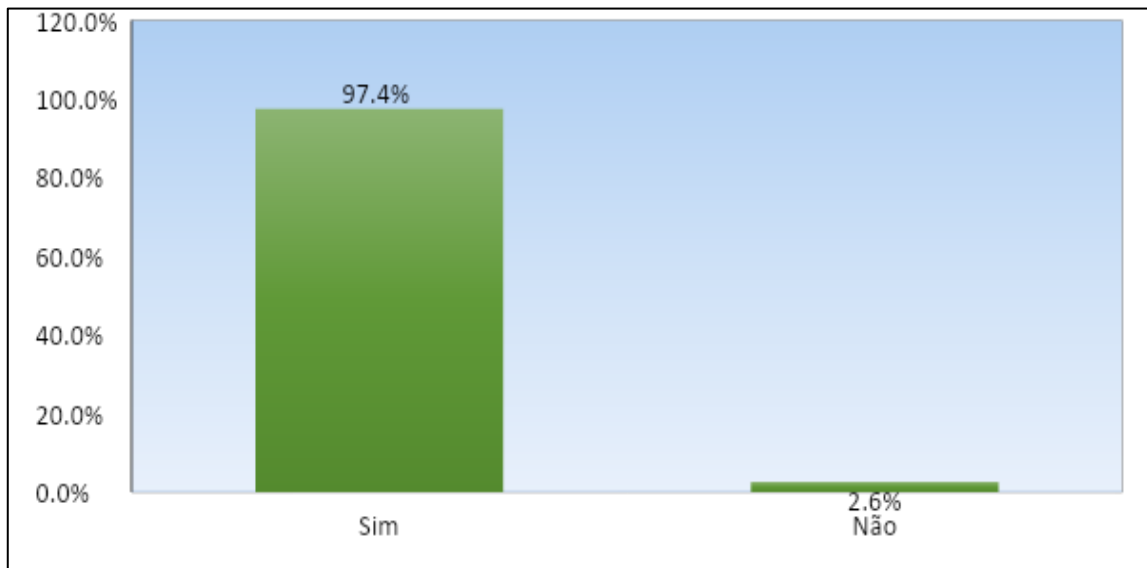
O questionário teve a finalidade de conhecer a realidade de cada integrante do projeto da farmácia popular. Primeiramente foi perguntado o nome da integrante, em seguida se ela queria fazer parte do projeto ‘farmácia popular’. Logo após foi dada uma lista de doenças e perguntado quais destas a integrante sentia algum sintoma. Em seguida foi citada uma lista com diversas plantas medicinais onde a entrevistada pôde indicar qual possuía em casa, caso não houvesse a opção desejada deveria ser marcado a opção ‘outras’.

Em sequência foi feita uma pergunta quanto aos dias e horário dos encontros para as oficinas e por último mencionado que teríamos uma ‘farmácia popular’ na sede da ONG Dandaras do Cerrado e questionado se teriam interesse em algum item específico desta farmácia.

Quanto às respostas dos questionários foram acessadas por 39 pessoas, pois muitas mulheres não tinham expertise nestas questões da informática e não conseguiram responder. Portanto, participaram 75 participantes diretamente e outros apenas acompanharam os debates e trocas das discussões das oficinas, pois os celulares não suportavam o aplicativo Google Meet. Outras quiseram participar após já ter fechado o questionário para respostas. E muitas foram em algumas oficinas, porém, a pandemia também nos acompanhou durante o tempo das oficinas de uma forma assoladora; muitas mulheres e famílias enlutadas com perdas de pessoas próximas, familiares e mesmo pessoas do grupo. Várias tiveram covid-19 e não puderam acompanhar tudo. Esta foi uma parte difícil das oficinas e também tivemos que redobrar os nossos cuidados e afetos ao grupo.

5.2 SEGUNDA E TERCEIRAS ETAPAS DA PESQUISA: OS TEMAS PRIORITÁRIOS

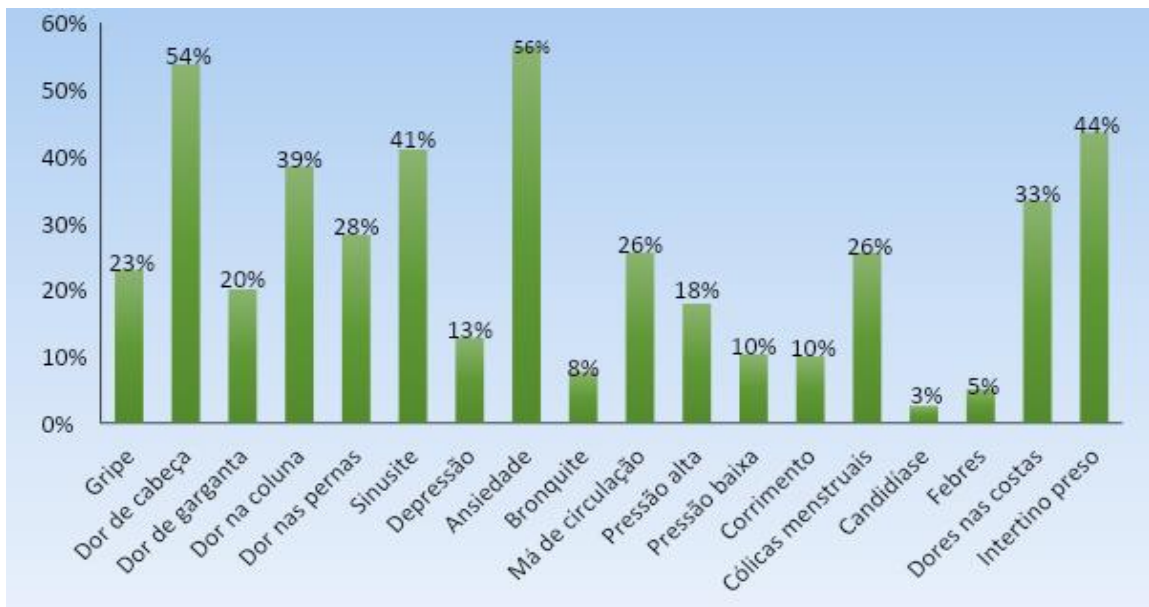
Como já dito, dos 75 participantes das oficinas, 39 responderam o questionário. Importa dizer que ele ficou disponibilizado entre os dias 29/07/2020 e 20/03/2021 na plataforma Google forms. O Gráfico 7 mostra que a grande maioria (97,4%) que preencheu a ficha quis participar do projeto da farmácia popular.

Gráfico 7 - Quantidade de mulheres que aceitaram participar do projeto farmácia popular

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em relação aos problemas que mais atingem a nós, as mulheres do Dandarás, vimos que, em primeiro lugar estão ansiedade (53,8%), enxaqueca (53,8%) e dor de cabeça (53,8%). Em segundo lugar, intestino preso (43,6%). Em terceiro lugar, sinusite (41,6%); em quarto lugar, dor na coluna (38,5%). Em quinto lugar, dor nas costas (31,3%). Em sexto lugar dor nas pernas (28,2%) e dor no joelho (28,2%). Em sétimo lugar vem problemas de circulação 25,6%, Cólicas menstruais com 25,6%. Em oitavo lugar vem a gripe (23,1%); em nono lugar, dor de garganta (20,5%) e, em décimo lugar, pressão alta (7,9%). Foram registrados mais problemas que nos atingem em menor intensidade, como: asma, bronquite, anemia falciforme, cálculo nos rins, candidíase, câncer de mama, cisto no ovário, corrimento, depressão, dor ao urinar, dor de ouvido, febres, fibromialgia, hérnias, intestino preso, insuficiência pulmonar, LER, nódulos no seio, pressão baixa, rinite, tosse, verminose e outras (GRÁFICO 8). Como visto, os dados mencionados apontam que a maioria das mulheres (56,4%) sofrem de ansiedade, doença que pode afetar muito a autoestima, a capacidade de produção e forças para se manter sempre de pé.

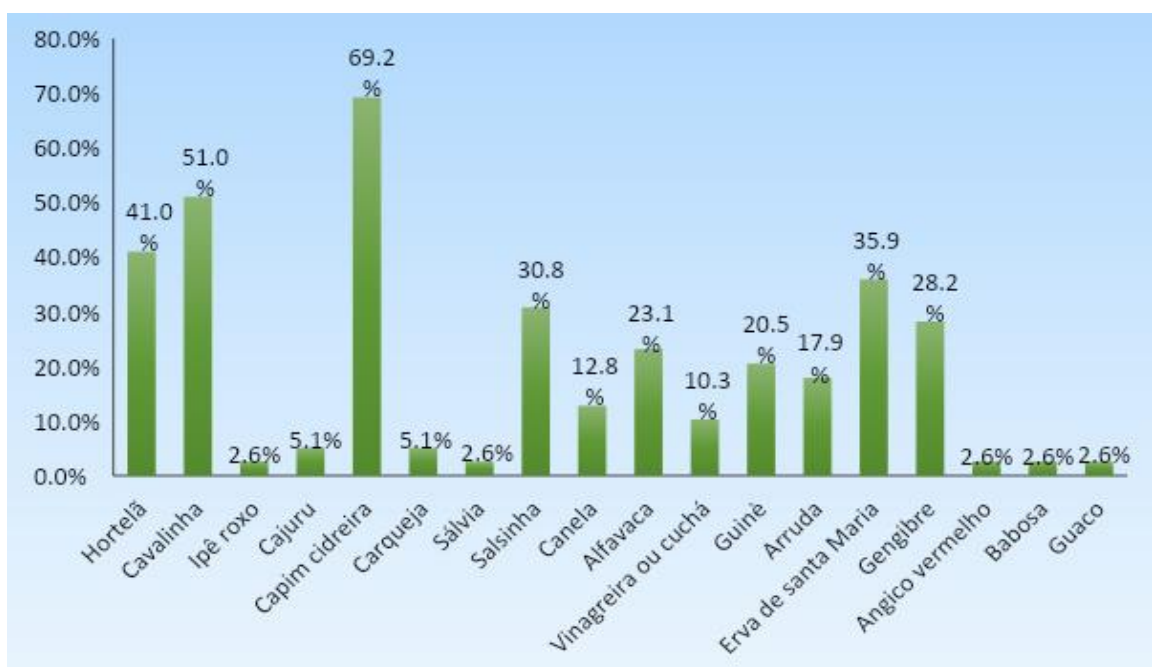
Gráfico 8 - Gráfico de sintomas apresentados pelas mulheres participantes do projeto



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quando questionados se tinham alguma planta em casa que pudesse ser usada em algum tratamento, as respostas concentraram-se nas seguintes plantas: Capim cidreira (69,2%), Hortelã (41%) e Erva de Santa Maria (35,9%). Somente duas pessoas respondentes indicaram não ter nenhuma planta em casa. Foram citadas 28 plantas. No Gráfico 9 está um resumo das informações obtidas quanto a essa questão.

Gráfico 9 - Plantas da farmacopeia do Cerrado que as participantes possuem em casa



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir dos encontros nas oficinas foi possível identificar um arsenal de conhecimento significativamente maior em relação às plantas. Tais informações estão descritas mais adiante, no momento em que se relata sobre a oficina, sendo que tanto imagens como produtos das discussões foram objetos de análise. Na sequência foi perguntado sobre o desejo de construir uma farmácia popular e qual tratamento gostariam que tal farmácia contemplasse. O grupo apresentou interesse em chá ou similar com propriedades antibióticas (59%), creme hidratante (46,2%) e pomada cicatrizante (43,6%). Nesta questão uma mesma pessoa poderia indicar interesses distintos.

A partir do Gráfico 9 é possível entender também que muitas das mulheres participantes possuem plantas medicinais em casa e utilizam do conhecimento empírico deixado pelos seus ancestrais em práticas de curas de doenças mais corriqueiras. Vale lembrar que as práticas de curas com plantas e ervas vem sendo usada de geração em geração pela maioria das famílias. E, assim,

Mulheres se uniram no resgate da sabedoria ancestral e da medicina natural das plantas, sintonizando algo que até então vivia adormecido: a conexão com a natureza e com a Sagrada Mãe Terra. Essa conexão nos nutre e nos remete mais uma vez às nossas próprias raízes, usando os saberes da terra para a nossa cura, cuidado e amor-próprio. (SILVA, 2019, p. 4).

Os resultados mostram, ainda, que a quantidade de participantes que sofrem de ansiedade é diretamente proporcional à quantidade de participantes que possuem a planta que ajuda no tratamento deste mal em casa, que é o capim cidreira, também mencionada no Gráfico 9, com 69,2%. Outro dado importante que se pode notar é a quantidade de participantes que possuem dor de cabeça ou enxaqueca frequente, pois também segue de maneira proporcional as integrantes que possuem a planta para este tratamento em casa que são: a Hortelã (41%) e o Gengibre (28,2%).

Os resultados permitem inferir que muitas mulheres buscam a sabedoria popular de cura contida nas plantas medicinais, tanto para casos mais profundos de tratamento, como o da ansiedade, quanto para casos corriqueiros, como as dores de cabeça. As plantas são cultivadas em casa para casos de recorrência das doenças e para compartilhar com aqueles que precisam, sejam vizinhos ou os próprios membros da família, como os filhos e netos; desta forma perpetuando tais práticas e mantendo viva essa cultura que nos foi deixada por nossos ancestrais.

Vale ressaltar que o levantamento das plantas foi feito em três etapas; etapa 1: questionário, etapa 2: levantamento individual em seus quintais e etapa 3: levantamento coletivo. Porque, inicialmente foram listados 53 tipos de plantas; no segundo momento, 73; no terceiro momento, a partir de um levantamento coletivo, chegou-se a 164 plantas em nossas casas e quintais que podem ser utilizadas para algum tipo de tratamento (APEÊNDICE C) e formação da farmácia popular doméstica na sede da Dandara no Cerrado.

Em relação aos encontros/oficinas virtuais, estes foram de 15 em 15 dias e o tempo médio foi de duas horas cada um. Após uma breve avaliação dos questionários, observou-se que seriam necessárias mais de seis oficinas e que a maioria decidiu pelo sábado pela manhã. Para o trabalho de formação foram realizadas nove oficinas e mais alguns encontros presenciais para a produção dos medicamentos e distribuição dos mesmos, com assessoria *on-line* da Lucely Morais Pio, grão, mestra e doutoranda em saberes ancestrais e plantas medicinais da comunidade quilombola do Cedro que nos orientou na construção da farmacinha e sobre a forma de etiquetar os produtos.

5.3 QUARTA ETAPA: OFICINAS

Os encontros aconteceram aos sábados pela manhã, com um período de 120 minutos, sendo desenvolvidas no total nove oficinas de estudos e práticas sobre plantas, saberes populares, receitas, toxicidade das plantas, efeitos benéficos e riscos. Também foram tratados temas como: cuidados com o meio ambiente; os efeitos de retirar ou coletar uma planta no Cerrado; como e para que uma planta estudada serviria em várias doenças; usos estéticos e questões relativas à produção de remédios. Todas essas questões permeiam a *afroternidade*, conceito que aparece como fundamental e estratégico para entender o objeto aqui proposto.

A partir de tais encontros foi possível catalogar 164 plantas distintas, com diversidade também em relação aos usos. Para tal catalogação foi considerado o total das nove oficinas realizadas. O trabalho envolveu um parâmetro de leitura de extratos e da construção de várias redes de afetos, além da viabilização da produção de vários saberes partindo do histórico das plantas medicinais e no conhecimento ancestral baseado na transmissão de novos conhecimentos sobre curas que são referenciadas como práticas científicas. Mas mesmo assim, “Seja na economia, na arte, na produção científica ou em outras práticas sociais da cultura, ocorrem marginalização, epistemicídios, discriminações e preconceitos de toda ordem em que africanos são sempre alocados na periferia das narrativas” (CAMARGO, 2022, p. 55).

O método quilombista, que estamos a propor, preocupa-se em afirmar a nossa condição de agentes no processo histórico. Ou seja, compreendemos que em nosso fazer científico somos regidos por um paradigma – conjunto de referenciais negros e/ou descoloniais que, rigorosamente, orientam o trabalho científico – que se coloca em oposição à manutenção das assimetrias raciais, sociais, de gênero etc., e contestando cosmovisões universalistas e totalizante (CAMARGO, 2022, p. 55- 56).

Os percursos das oficinas são importantes para entender o sentido e o significado das práticas aplicadas dentro das estratégias das oficinas.

5.3.1 Das oficinas: percursos

Foram realizadas uma série de oficinas de práticas científicas tendo como produto a implementação de uma farmácia popular doméstica, utilizando o conhecimento de pesquisas de cientistas negras contemporâneas e os saberes tradicionais da farmacopeia popular do Cerrado. Todas as pessoas foram instruídas com treinamentos sobre processos de extração de óleos essenciais e princípios ativos de materiais alternativos e de baixo custo. Desta feita, o desenvolvimento do estudo teve como metodologia a pesquisa participante, usando ambiente virtual *on-line* – EAD, nas oficinas planejadas durante os estudos sobre plantas medicinais.

Sendo que a maioria destas plantas contidas na Farmacopeia do Cerrado (PIO, 2019) e em estudos já desenvolvidos por vários autores sobretudo, a farmácia popular ou farmácia viva (MAGALHÃES; BANDEIRA; MONTEIRO, 2020). Fazendo presente os saberes ancestrais de matriz africana, especialmente saberes das comunidades quilombolas, comunidades de terreiros, comunidades indígenas ou comunidades tradicionais, elencando as mulheres negras nas ciências com um olhar afrocentrado (LIMA, 2016).

As mulheres detêm um saber, sabedoria e conhecimento, conhecimento científico em plantas do Cerrado, bem como o saber da medicina alternativa. A história deste saber nestas áreas vem de longos anos de tradição e dedicação no interior do Brasil, com formas solidárias e comprometidas com a saúde da população negra. Este processo se dá nas comunidades quilombolas, nas comunidades indígenas, nos terreiros de Candomblé, nos grupos de mulheres negras, nos grupos de parteiras, dentre as raizeiras detentoras do saber tecnológico, mas pouco reconhecido, pois é tido como saber empírico ou saber popular. Esta investigação buscou evidenciar estas vivências em escolas, universidades para que outras/os pesquisadoras/es evoluam em estudos que possam contribuir na formação com novos saberes em prol do meio ambiente e dos seres vivos que neles habitam, especialmente no Cerrado.

As mulheres negras continuamente se preocupam em compartilhar, oferecer os seus cuidados como matéria prima: os saberes e curas da alma e do corpo – que puderam ser vistos bem de perto em momentos que vivenciamos durante a pandemia da covid-19. Houve situações de hospitais lotados e voltamos para esse olhar do cuidado entre mulheres negras que com saberes ancestrais nos impulsionam a agir dentro de medidas que fazem acontecer a solidariedade, a ternura e o acolhimento para vencer os transtornos de ansiedade que vivemos no contexto da pandemia.

No que diz respeito à análise dos resultados, esta considera exclusivamente algumas das oficinas realizadas. No Quadro 3 descreve-se sobre a 6ª oficina.

Quadro 3 - Descrição da 6ª oficina

ENCONTRO	6ª Oficina de vivências interculturais mulheres nas ciências e os caminhos da farmacopeia	
DATA	15/05/2021	
PARTICIPANTES (28)	Clara, augusta, Katemari, Sônia, Ana Maria, Flávia, Baíros, Ciata, Viviane, Ceci, Werneck, Laureano, Dias, Kelly, Tosi, Nassô, Jurema, Nicea, Mudimbe, Nina, Felipa, Sueli, Enedina, Magda, Oyèwúmi, Leodegaria, Marcia, Rosy, Bruna, Shuma, Rafaela, Joana...	
ABORDAGEM CULTURAL	Mestras e conhecimentos tradicionais de plantas medicinais	
EXPERIMENTO ASSOCIADO	Velame Branco Chapéu de Couro Alecrim Ficha de Anamnese	
ABORDAGEM CONCEITUAL	Anemia Falciforme e Ferro	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A concretização de encontros que consideram as práticas científicas, evidenciando a importância dos cuidados entre mulheres negras, torna-se uma possibilidade de contribuir com o avanço da luta antirracista. Tal avanço considera a compreensão de que a mulher negra está presente na história como sujeito, como cidadã, e, em especial, como protagonista e agente de sua própria trajetória.

O poder do feminino nas tradições africanas é milenar – e essas relações de

pertencimento estão envoltas por valores ancestrais e sociais, pois os poderes de gestação não são somente para gerar a vida, mas estão também nas forças dinâmicas e propulsoras que movem as relações de todo um processo do comum, que organiza e propõe perspectivas de inter-relações grupais. Essas dinâmicas instrumentam a existência coletiva e colocam as mulheres como força de uma comunidade (OYĚWÙMÍ, 2004).

Os aspectos femininos e o poder tradicional são valores ancestrais importantes para a consolidação da *afroternidade* e da ONG Dandara. Com esse assunto pretende-se potencializar o trabalho das mulheres que se dedicam a investigar as condições das mulheres negras, partindo de releituras de cientistas neste campo, vendo possibilidades de novas experiências no campo das ciências em contextos de educação não formal, como a ONG Dandara. E, assim, produzir espaços de vivências interculturais e aproximações com diferentes formas de produção científica; contribuindo com a mitigação da violência de gênero, raça e classe; estimulando a difusão de conhecimentos científicos das ciências feitas por mulheres negras.

Contudo, nos estudos científicos objetivando o cuidado entre mulheres negras buscando gerar *afroternidade*, perpassam práticas educativas. Concordando com Edna Martins e Renata Marcilio Candido (2011), práticas educativas em famílias negras que me fizeram optar por pesquisa em *afroternidade* entre mulheres negras, grande família coletiva.

A ciência do cuidar é tratada como uma ação que compreende respostas emocionais às experiências com conhecimentos técnico-científicos e com muita sensibilidade de percepção. Neste processo do cuidado se tem pessoas interagindo, dialogando, ouvindo, construindo, (re)construindo conhecimentos e ele se dá na dimensão sociocultural e histórica de grupos que busca sair da pressão que as sociedades colocam sobre a comunidade negra. Para vencer estas opressões buscam-se espaços geográficos afrodiaspóricos ou mesmo seu grupo familiar (MAZAMA, 2009). Pois são estes espaços que abrem novos horizontes e abastecem a consciência de quem somos e de onde viemos.

Todavia, a *afroternidade* pode ter seus marcos históricos nos terreiros de Candomblé, nas casas de cultos de matriz africana e afro-brasileira, nas rodas de conversas entre mulheres negras, nas rodas de capoeira, nas rodas de samba, nas rodas de Sussa, nas vivências interculturais, nos coletivos de negros e negras nas universidades, nas ONGs de mulheres negras, na luta pelo respeito à vida no planeta e ao meio ambiente. A professora Nilma Lino Gomes (2006) chama a atenção para o fato de que, ao se aumentar as vivências fora do espaço familiar, inserindo-as em círculos sociais mais amplos, aumentam as possibilidades de se manifestarem as tensões para negros na relação do privado (vida familiar) e pública (relações sociais mais amplas).

A partir de Lélia González (1984), Anna Benite (2020), Oyèronké Oyèwúmi (2021) percebe-se que nós, mulheres negras, temos nossa história ocultada e a maior parte pouco sabe sobre as inúmeras contribuições que nossas ancestrais legaram para a humanidade. Uma das poucas histórias que geralmente nos contaram é que no passado fomos escravizadas e forçadas a trabalhos pesados, seja em casa de famílias ou em roçados, como mucamas ou amas de leite; surradas e castigadas pelas nossas manifestações, seja de organização ou religiosas.

Entre 1970 e 1980, Lelia Gonzalez, Sueli carneiro aparece afirmando que as experiências de mulheres que vivenciam discriminações étnicas e raciais são despercebidas quando se aborda mais amplamente o gênero. Tratava-se de uma resposta àquelas cujas lutas centravam no exercício dos direitos sociais e políticos das mulheres sem, contudo, oporem-se à exploração e subordinação conferida às mulheres negras. Havia um profundo desconhecimento e uma urgência em se discutir a vulnerabilidade interseccional dessas mulheres (WERNECK, 2012; JESUS, 2019; CARNEIRO, 2005).

5.3.2 Fármacos

Práticas científicas e plantas medicinais: compreendendo características e usos a partir do encontro de saberes. A partir da transcrição deste encontro, foi possível ressaltar os extratos descritos a seguir. A seguir o Extrato 1, que trata sobre estudo das plantas Velame branco e Alecrim.

EXTRATO 1 - Extraída da 6ª oficina

Turno 2-Enedina: Nós estávamos até já dando uma parada porque hoje nós estávamos estudando o velame branco, que você... a gente estava conversando como o velame branco e o chapéu-de-couro que você tinha mandado as receitas aí nós... das receitas para estudar, mas aquelas que nós não sabemos ainda não. E aí, levanta a receita ainda porque a gente tá estudando as plantas.

Turno 7- Nina: Isso aí é bom.....isso é muito bom, desse jeito que vocês estão fazendo de conhecer todas as plantas e aí já vai fazer com segurança

Turno 8- Enedina: É isso que a gente estava falando, inclusive nós estávamos discutindo as duas plantas e lembramos que você deu uma receita sobre o que? Qual a importância? Para que e como? A quantidade de velame branco a quantidade de chapéu-de-couro. E daí gostaríamos de saber o que, que é? Você sabe onde que tem? Essas coisas são bom o que que é aonde a gente encontra essa Bendita planta. Você que é do Cerrado aqui você sabe aonde que tem
Nina?

Turno 26- Sônia: Pergunta: **Nina** É seca né...na loja a folha é seca né...

Turno 27 -Nina: Na loja a folha é seca aí, só aquele lembrete se for seca ou

verde a questão das gramas... se ela for desidratada aí é 10 gramas de cada uma para uma receita né. Se for verde aí a 20g, mas no caso daqui das tinturas igual no caso do hormônio natural acho que eu passei para ela a **Enedina** a receita do hormônio natural... passei...

Turno 31- Enedina: Sim passou, mas ainda não passei no grupo.

Turno 32- Nina: Então na quantidade das tinturas ...aí você pode fazer quem mora perto aí você já faz uma quantidade, aí dividir. Aí dá outra vez a outra pessoa junto que assim se não sei fazer uma receita com a pessoa só como toma é gotinha, vai demorar demais para acabar e pode perder porque o remédio no vinho não pode demorar, pois pode perder a validade. A validade dele é 5 meses, 4 meses. 5 meses então, assim é bom fazer em grupo que um pai estudando a mesma consegue uma planta, outra consegue outro dia que ele tá mais perto e faz junto. E aí, depois vocês coam e de vidros e dividem o vidrinho.

Turno 39- Enedina: Está ok! Gente a **Nina** está aqui. Vamos aproveitar para pergunta... Alguém tem alguma coisa para falar?

Turno 40- Sônia: Então **Nina**, a gente estava conversando sobre do chapéu-de-couro sobre as propriedades dele, sobre o fato dele ser cardiotônico, então tem que ter cuidado na hora de manipular. e aí quando a gente conversou sobre isso, eu fico pensando assim, quantas mais informações a gente precisa. Que você acha que precisa antes da gente dar antes de executar uma receita...por que a **Bairros** trouxe assim para a gente.... **Sônia:** Estava falando que era bom a gente conhecer por exemplo uma anamnese, quais são as nossas limitações pra saber o que a gente pode consumir. Porque por exemplo, o chapéu de couro tem alto teor de manganês, ferro e sódio. Então, talvez não é todo mundo que pode consumir em grandes quantidades... então assim antes de fato falar sobre a receita ... a gente quer repetir as suas receitas, né você que é a nossa mestra de conhecimento tradicional aqui.... a...que quer informações você considera necessáriaaté que um dia que você tiver ocupada como hoje, a gente poder conduzir com maior segurança uma reunião, sabe sem passar né conhecimento científico na frente de conhecimento tradicional, por exemplo, o próprio o próprio chapéu de couro né. Todo mundo vai poder tomar uma pessoa que tem anemia falciforme, por exemplo, eu acho que não vai poder usar que ele tem ferro demais e como a gente tá falando especificamente para o público né que é propenso a ter é anemia falciforme. Aí que informações que você considera que a gente deve manter? Sabe antes de uma receita de fato, que é óbvio que todas nós aqui queremos a receita. Eu também quero mil receitas, eu quero praticar minhas receitas né, mas a gente com, que segurança né. Como é que a gente tem né. Eu sei que suas receitas são as que a gente confia. O velame ele tem. Muitas aplicações diferentes se a gente utilizar a raiz, a folha, ou a flor... São aplicações diferentes. O que que você acha seguro antes da gente executar uma receita?

Turno 63- Nina: Oi. A primeira coisa a gente tem que entender, entender o que essa pessoa que vai tomar aquela planta ele tem. Mas isso tudo é que é igual você tá falando, a gente como que a gente quando a gente vai fazer um remédio para uma pessoa, a gente faz uma avaliação dessa pessoa. Então o que que é isso a gente...vai porque a gente tem outros métodos avaliativos ...né

porque a gente vai usar para ver se aquela planta é compatível com corpo daquela pessoa, porque a gente trabalha com o pêndulo...a gente trabalha bioenergética. Aí a gente faz o remédio para pessoa. Então assim como vocês não tem essa ferramenta de avaliar que planta que dá o que é compatível com o corpo da pessoa, aí o que que a gente fala é tipo assim qual tem um chapéu de couro todas essas propriedades então se a pessoa tem um determinado problema desses... se ela não vai poder usar aquela planta. Então tem num mínimo de perguntar saber o que que a pessoa tem, para poder a gente dar aquele remédio, mas essas plantas que a gente ...essa receita que a gente dá a pessoa não vai usar ela por muito tempo. Então, para não poder atrapalhar... ou trazer um problema para o para saúde dela. São plantas que a gente faz a receita que a gente dá todo mundo pode tomar, mais com tempo mais curto, não vai ficar tomando tipo 2 meses 3 meses 4 meses no máximo uns 30 dias depois para... para o corpo limpar. Então assim, tem muito esse cuidado e tentar saber o que que a pessoa tem problema, que as pessoas têm antes de dar um chá...

Turno 82- Sônia: Então a gente podia fazer o que a **Bairros** sugeriu...pensou na ficha de anamnese...antes também disso buscar, a gente tem que entender o que o outro tem. a gente podia fazer o que né ela sugeriu a ficha de anamnese Assim de doenças pré-existentes aí a gente pode pensando aqui posso passar no WhatsApp para você

Turno 86-Nina: Eu tenho até 2 modelos de fichas. Quando eu vou fazer avaliação do floral, de consulta daqui acho que eu vou aplicar o Reik. Posso passar para vocês

Turno 89- Bairros: Eu acho interessante, a **Nina** usa outras técnicas o pêndulo. Eu a gente que trabalha com o biomagnetismo usa pelo pé, faz a pergunta pelo corpo. ...outras técnicas.... Quanto a questão da ficha até para a gente saber se a pessoa tem alguma doença...a gente chama isso de queixas, queixas que a pessoa traz né E também junto com as queixas. Que medicação a pessoa tá usando né porque às vezes um fitoterápico com o alopático pode não dar muitas das vezes pode não dar certo. né... Sempre vejo qual medicação a pessoa está usando A **Nina** deve saber mais do que eu...ela está usando

Turno 96- Nina- Eu peço a foto do Medicamento e arquivo nos dados da pessoa.

Turno 97- Sônia: Então Ótimo. Então a gente pode combinar assim né no nosso próximo encontro a gente vai compilar né uma ficha de informações tal como a **Nina** indica para a gente ...química né, gente eu sou química, gente sou a mulher da alopatia, quanto mais química para tomar, melhor. Mas enfim a gente vai fazer um negócio bem bonitinho né para ter cuidado e aí na próxima, nosso próximo encontro, a gente já começa a trabalhar com a gente. Só porque eu tô aqui pensando era bom a gente fazer as receitas será bom a gente praticar para dar um gás, também para tirar dúvidas também. Né porque a gente vai falando muito sobre conhecer e na verdade essas propriedades estão todas espalhas em manuais a gente também, vai utilizar o nosso manual que não é uma novidade que é uma reprodução da a própria farmacopeia que **Nina** é a autora, né e a gente essas informações elas estão aí mas eu acho que se a gente começa a preparar também isso ajuda a gente né porque o preparo

também tem dúvidas com que eu vou medir? Qual o tamanho da minha colher? Essas coisas que a gente tava conversando. Como que é o meu punhado? Qual que é a minha colher? Para a gente poder garantir que nós estamos reproduzindo a mesma coisa que se a gente tivesse como fazer isso juntas né presencial....

Turno 113- Sônia diz: Isso mesmo **Nina** eu acho que de repente para o nosso próximo encontro a gente fazer uma receita sabe aí, o que que é compromisso meninas daqui tá aqui da Universidade né a gente pegar uma das receitas fazer uma medida para que todo mundo possa se programar para ter sabe uma colher de chá ou sei lá, o quê como, é que a gente vai medir, né. Se a gente tem essa facilidade. Vamos pegar uma receita simples no nosso próximo encontro a gente já faz uma prática juntas porque tem muito tempo de reunião é 2 horas e um tempão, dá para gente fazer e testar as medidas que a gente vai ver assim, olha eu acho que foi difícil, fazer isso, acho que foi difícil fazer aquilo. Sabe **Nina**. Para a gente poder se comunicar e criar essa rotina padrão que você falou né **Nina**... você disse eu acho que se a gente a gente vai falando das plantas ao mesmo tempo a gente vai construindo a nossa anamnese todas juntas. Né. Todos nós a gente pega a ficha vai preenchendo E aí a gente dá um espaço de 15 dias. Dá tempo da gente se organizar bem. Né, desde que a gente cria esta rotina que você disse

Turno 126- Nina: Um Padrão Operacional para.... Vocês pegam a que eu enviei e vai organizando pegar o que eu tenho e vocês vão se organizando.

Turno 129- Sônia: Mas em fim. Acho que a gente... organizar para isso né porque também essa coisa da gente fazer né vai dar um gás para gente né. Vamos fazer vamos preparar uma receita das que é possível eu acho que eu vi uma receita com a Alecrim tô doida para testar, doida para todo mundo ter alcance é mais fácil.

Turno 133- Bruna: Todo mundo tem ao alcance...o alecrim é mais fácil todos tem alcancem,

Turno 134- Enedina: Mais é o Alecrim e a Calêndula é para ansiedade né **Nina**

Turno 135- Bruna: Eu quero 3 litros

Turno 136- Enedina: Mas eu ia falar para ela mas ela não estava aqui

Turno 136- Sônia: Que Você acha **Nina** do Alecrim um 'lanceolítico' (sic) aí a nossa próxima oficina?

Turno 138- Suely: Alecrim pra beber, passar no cabelo, passar na pele

Turno 139- Augusta: Tomar um banho...ai tudo de bom

Turno 139- Sônia: É mesmo, um foi a **Augusta**?..tomar um banhozinho de Alecrim..... Aí tudo de bom, foi a M3 que tá aí? Pode fazer chá cabelo...

Turno 141- Tosi: Eu já até comprei o vinho...

Turno 142- Oyèwúmí: Pergunta... **Enedina** o alecrim para fazer o chá e lavar o cabelo? Faz o chá e lava a cabeça?

Turno 143 - Sônia: Não, **Oyèwúmí** a gente vai separa as receitas...

Turno 144- Bruna: Mas é E bom para o cabelo oleoso. O alecrim. E é também...

Turno 145- Augusta: Mas então não é bom para o nosso cabelo crespo...

Turno 146- Bruna: Para a gente fazer o tônico lavar e passar no cabelo de de 3 em 3 dias... passa na raiz para não ter que ficar lavando todo dia

Turno 154- Sônia: Agora a gente tem 15 dias. **Sônia** Nossa 1ª semana a **Nina** manda as fichas, e agora a gente faz a compilação e a manda pra vocês, preenche e devolve... Agora o Alecrim tem pouquíssimo efeito colateral descrita na literatura..... né não tem quase nada descrito na literatura impeditivo do alecrim. Sabe. Por isso eu sugeri o Alecrim.

Turno 158- Nina: E quando a gente faz o teste. É uma planta usada por todo mundo... não deixa ter alzhameir, ela fortalece nossos neurônios, todo mundo pode tomar quando a gente faz o teste raramente... universal...recusa é uma planta que não deixa a gente pegar

Turno 161- Sônia: Não tem descrito quase nada desta planta... Não quantidade extra...é uma planta como o chapéu de couro...quem tem anemia falciforme não pode estar se entupindo de chapéu de couro.... Uma planta superequilibrada. Como é uma planta que tem algum impeditivo a gente consegue praticar. Sabe não tem problema vai ter uma receita fácil então a gente vai conseguir falar sobre as aplicações do Alecrim em outros lugares, né sabe como ocomo de um banho de alecrim para banho é usado como um banho energizante, né então sabe então não tem uma propriedade fitoterápica associada a esse banho energizante. Planta que lida com o elemento da natureza em si. Mas dá para brincar com um monte de formulações ...como essa que está associada ao vinho. Vai ser um lanceolítico...Mas também. Há banho para relaxar, pode ir falando dessas curiosidades..... para a gente praticar, né em que a gente pode ir falando sobre essas curiosidades né e praticar a planta

Turno 173- Nina: Mas também a gente pode bater a planta verde para dar banho...Iguar eu tô vendo elas falar do cabelo... a gente aqui faz a gente, tira o extrato da planta verde e coloca acrescenta na pomada, para dar banho de creme no cabelo... no creme para dar banho no cabelo...não é só para cabelo oleoso ... dá brilho no cabelo. Ele tira a sujeira do couro cabeludo e ele também ajuda o cabelo a crescer a nascer mais de crescer. ..Ele dá certinho para o nosso couro cabeludo;...cabelo...

Turno 179- Sônia: E outra coisa **Nina** para a gente que trança que usa trança, no cabelo é ótimo para passar no pé da trança.... Na trança de Cabelo liso que tem a extensão do cabelo ali vai poder usar ele na extensão... para gente que trança, no couro cabeludo ele remove a oleosidade...é muito bom para o cabelo que fica Três meses com aplique, quando lava não consegue secar e aí fica dando aquela porcaria do fungo. E fica atrapalhando. Nossa aqui né aí que a gente passa o alecrim ele dá aquela segurada, sabe e deixa o que minha trança fica muito mais tempo. Aí a gente não consegue secar o cabelo direito aí começa a ficar feio o negócio da pessoa que a trança da gente ta suja... o alecrim dá aquela segurada... do couro cabeludo. E a receita é qual...

Turno 191- Nina: ...Toma 9 gotinha pela manhã e 9 gotinha a tarde...

Turno 191- Mudimbe: Quantas gotas e que horário? Duas vezes ao dia...

Turno 192- Enedina: Esse pode ir para geladeira né. Aí, toma 9 gotinhas pela manhã tem um horário assim que hora que é Receita ainda porque a gente não a gente providencia é isso né aí o material de alecrim vinho e aí a gente na próxima ao nosso próximo encontro a gente faz a receita.

5.3.3 Análise de discurso na 6ª oficina

Os corpos que narram, descrevem, participam são um conjunto de mulheres majoritariamente, trazendo suas vivências com as plantas medicinais, nos quilombos, na ONG como sendo um espaço de partilha de saberes e experiências ancestrais formais e informais, científicos e naturais. As oficinas tiveram os temas aceitos pelas participantes. De acordo Marcushi (2003, p. 16), a conversação e interação envolve “[...] uma pressuposição básica que é a aceitação do tema pelo outro”. Pois o tema aceita envolve trocas de informações, saberes e conhecimentos do Cerrado através dos participantes das oficinas e da própria pesquisadora. Neste sentido, está-se diante da pesquisa participante (FAERMMAN, 2014).

A partir do turno 2 – “Nós estávamos até já dando uma parada porque hoje nós estávamos estudando o velame branco, que você... a gente estava conversando como o velame branco e o chapéu-de-couro que você tinha mandado as receitas aí nós...receitas para estudar, mas aquelas que nós não sabemos ainda não. E aí, ainda não passamos a receita porque a gente tá estudando as plantas primeiro...vendo sintomas, doenças...Má circulação do sangue, massagear os membros que ficaram sem movimento, reumatismo, dor nas juntas, prevenção da epilepsia, febre, gripe, pneumonia, asma, falta de ar, tosse, constipação, purgante e vermífugo...” – **Enedina** utiliza o plural para afirmar, de modo indireto, a consciência da participação e o conhecimento a ser partilhado como parte de saberes e conhecimentos ancestrais, mas também científicos modernos.

Ela trouxe as características princípios ativos nas plantas e os minerais químicos da planta em estudo, as diversas patologias ou doenças para as quais se utiliza a planta Velame branco. Bastava contextualizar a pandemia de covid-19. A curiosidade sobre o poder das plantas medicinais que os nossos ancestrais, quilombolas, professoras, pesquisadoras, ou mesmo da Articulação Pacari, contribuiu com a partilha de conhecimentos sobre o poder de algumas plantas. Entretanto, o fato de a 6ª oficina ter a participação de professoras, estudantes, pesquisadoras e todas as que participavam serem mulheres do movimento das mulheres e feministas, formulando receitas e aprofundando as patologias associadas a comunidade negra.

Dialogou-se sobre plantas, neste caso, o Velame branco, que, inclusive, tem as imagens no turno 2. A conversação, sua interação e a ‘troca de turnos’ (MARCUSCHI, 2003) deu-se por intermédio do diálogo entre **Enedina** formulando uma pergunta a **Nina**, correspondendo aos turnos 2 e 7. Entre a questão formulada e a resposta estão práticas, pois todas as participantes estavam ali para aprender, na prática, sobre o uso das plantas medicinais e seus limites – o que se encontra no turno 7, em que **Nina** diz: “Isso aí é bom...isso é muito bom, desse jeito que

vocês estão fazendo de conhecer todas as plantas e aí já vai fazer com segurança”.

Neste turno se percebe que os conhecimentos químicos contemporâneos e conhecimentos medicinais ancestrais que as participantes compartilharam enquanto a oficina decorria vão ao encontro do que aponta Marcushi (2003) em ‘Análise de conversação’, como forma de sustentação e compartilhamento de conhecimentos que permitem a interação. Porém, no turno 8, em que **Enedina** diz: “É isso que a gente estava falando, inclusive nós estávamos discutindo as duas plantas e lembramos que você deu uma receita sobre o que? Qual a importância? Para que e como? A quantidade de velame branco a quantidade de chapéu-de-couro. E daí gostaríamos de saber o que, que é? Você sabe onde que tem? Essas coisas, é bom saber o que, que é, onde a gente encontra essa Bendita planta. Você que é do Cerrado aqui você sabe onde que tem **Nina**”.

No turno 26 **Sônia** pergunta: “**Nina** É seca né...na loja a folha é seca né...”. Presencia-se um “Diálogo simétrico que os participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre o seu tempo” (MARCUSCHI, 2003, p. 16). Durante as falas as mulheres não tinham o domínio do tempo, pois todas são portadoras de um conhecimento empírico, mas algumas delas têm mais consistência do ponto de vista da explicação sobre as plantas, toxicidade e propriedades curativas delas.

Por exemplo, nos turnos 27, “Na loja a folha é seca aí, só aquele lembrete se for secar ou verde a questão das grammas... se ela for desidratada aí é 10 gramas de cada uma para uma receita né. Se for verde aí a 20g, mas no caso daqui das tinturas igual no caso do hormônio natural acho que eu a passei para a **Enedina** a receita do hormônio natural... passei... **Nina**”. E no turno 31 **Enedina** diz: “Sim passou, mas ainda não passei no grupo”. Um diálogo quase que informal, mas misturando os conhecimentos sobre as plantas medicinais, porém uma passa as informações de receitas, com as medidas para todas que estavam na 6ª oficina.

Na verdade, na pesquisa participante, conforme Faerman (2014, p. 17), “[...] toda conversão é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados”. As oficinas também evidenciaram como as experiências ancestrais continuam dentro das comunidades. Anna Benite e Niceia Amauro (2017) em ‘Por uma produção de ciência negra: experiências nos currículos de Química, Física, Matemática, Biologia e Tecnologias’, apontam como os conhecimentos mantêm-se vivos nas comunidades quilombolas e na sociedade em geral, pois os africanos “Trouxeram saberes e conhecimentos que impactaram e continuam a impactar o nosso desenvolvimento” (AMAURO, 2017, p. 3). Importa referenciar que não apenas em áreas majoritariamente conhecidas como a cultura, a religiosidade, mas sim em todas as áreas do conhecimento como presentes no artigo citado.

Neste modo, os conhecimentos compartilhados durante as oficinas, entrelaçados à Química, Biologia e plantas medicinais, também fazem parte da história africana indiretamente. Porque as pesquisas contemporâneas com as diversas áreas ou especialidades estão investigando como os conhecimentos espalhados pelos africanos continuam a ser mistério a descolonizar-se pelas academias.

Por exemplo, no turno 97 **Sônia** diz: “Então Ótimo. Então a gente pode combinar assim né no nosso próximo encontro a gente vai compilar né uma ficha de informações tal como a **Nina** indica para a gente ...química né gente eu sou química gente sou a mulher da alopatia, quanto mais química para tomar, melhor. Mas enfim a gente vai fazer um negócio bem bonitinho né para ter cuidado e aí na próxima, nosso próximo encontro, a gente já começa a trabalhar com a gente só porque eu tô aqui pensando era bom a gente fazer as receitas será bom a gente praticar para dar um gás, também para tirar dúvidas também. Né porque a gente vai falando muito sobre conhecer e na verdade essas propriedades estão todas... espalhadas... em manuais a gente também vai utilizar o nosso manual que não é uma novidade que é uma reprodução da a própria Farmacopeia que **Nina** é a autora, né e a gente essas informações elas estão aí mas eu acho que se a gente começa a preparar também isso ajuda a gente né porque o preparo também tem dúvidas que eu vou medir? Qual o tamanho da minha colher? Essas coisas que a gente estava conversando com o que é o meu punhado? Qual é a minha colher? Para a gente poder garantir que nós estamos reproduzindo a mesma coisa que se a gente tivesse como fazer isso juntas né presencial...”.

A química, a farmacopeia, a física, a matemática está presente no turno, apesar da linguagem informal da conversação. Sobre o contexto linguístico, importa referenciar que passar pela pandemia foi e ainda é uma realidade inegável para pesquisadores em formação e para a sociedade em si. E, em se tratando de um espaço educativo informal, as falas estão cheias de interrupções, hesitações, que nota se pela existência de muitos participantes. Parafraseando Marcuschi (2003), pelo fato de ter muitas participantes nos turnos, algumas falas são mais longas e outras não. Mas também por “[...] ocasionar [...] conversações paralelas” (MARCUSCHI, 2003, p. 22).

A curiosidade em saber a realidade de receita é percebida no turno. Por isso, os detalhes sobre colher as medidas certas, pois trata-se de aspectos químicos e é preciso muita atenção. A ciência precisa de respostas, no caso, as ciências exatas; e uma preocupação compartilhada com todasicineiras foi sobre o padrão operacional na fabricação na Farmácia Popular Doméstica que se estava construindo.

No turno 89, por exemplo: “Eu acho interessante, a **Nina** usa outras técnicas o pêndulo.

Bairros, a gente que trabalha com o biomagnetismo, usa pelo pé, faz a pergunta pelo corpo. ...outras técnicas.... Quanto a questão da ficha, até para a gente saber se a pessoa tem alguma doença...a gente chama isso de queixas, queixas que a pessoa traz né E também junto com as queixas. Que medicação a pessoa tá usando né, porque às vezes um fitoterápico com o alopático pode não dar, muitas das vezes podem não dar certo... Sempre vejo qual medicação a pessoa está usando A **Nina** deve saber mais do que ela está usando”. Traz aspectos técnicos, medicação e uma experiência prática era compartilhada. As dúvidas e falas narradas estão de acordo com as vivências, por isso, apresentavam-se para tirar as dúvidas.

Nas conversações, assim como nos turnos, têm sempre “[...] pausas, silêncios e hesitações são organizadores locais importantes, podendo configurar lugares relevantes para a transição de um turno a outro” (MARCUSCHI, 2003, p. 22). No turno 89 e em quase todos os turnos encontra-se, através de repetições de né, abreviações para dar a impressão da conversação em movimento e de informalidade, pois acredita-se que mesmo o espaço serve para aprendizagem.

Contudo, esse espaço de encontro de conhecimentos tradicionais e, sobretudo, da educação formal através de professoras, pesquisadoras, estudantes e membras do movimento feminista negro, traz suas contribuições nas ideias e, principalmente, na atuação da educação política informal e empoderadora. O engajamento de todas é um motivo de grande importância para a pesquisa participante (FAERMAN, 2014). Por isso as perguntas foram respondidas na medida em que eram formuladas, dentro do turno.

Lembrando que além do diálogo, foram apresentados tinha vídeos em que era possível visualizar as imagens das plantas Alecrim e Velame branco; principalmente daquelas plantas cujas receitas foram compartilhadas, estas foram mostradas através das câmeras ligadas. Portanto, a linguagem coloquial demonstra a interação, a informalidade e a cultura linguística entre as participantes e os turnos. No entanto, os conhecimentos das propriedades medicinais foram evidenciados pelas oficineiras. Na Figura 7 apresenta-se as plantas trabalhadas na oficina: Chapéu de Couro, Velame, Alecrim e Calêndula.

Figura 7 - Plantas trabalhadas na oficina. Em sentido horário: Chapéu de Couro, Velame, Alecrim e Calêndula



Fonte: Associação Pacari e Mara Cezaria (2022).

Figura 8 - Equipamento usado para os preparos



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os fármacos modernos são feitos nos laboratórios sofisticados e tecnológicos contemporâneos. E o seu processo é cada dia atualizado com novas pesquisas e práticas laboratoriais. Conforme o professor Barreiro (2018) tem alguma transformação ou extratos de plantas medicinais. Todavia, o processo de descoberta/intervenção de fármacos compreende identificar racionalmente um composto inédito, capaz de modular terapêuticamente um

processo biológico. Na Figuras 9 e 10 se tem uma visão da experiência de dois modelos para a fabricação de medicamentos vendo como nascem os fármacos.

Figura 9 - Laboratório



Fonte: Barreiro (2018, s/p) (esquerda). Elaborado pela autora (2022) (direita).

Figura 10 - Coleta de materiais e preparo de medicamento (Farmacopeia Popular do Cerrado)



Fonte: Articulação Pacari (2009).

Estudar os fatores moleculares relacionados ao modo de ação dos fármacos, incluindo a compreensão da relação entre estrutura química e a atividade (SAR) além das propriedades (SPR) que governam sua absorção, distribuição, metabolismo, eliminação (ADME) e toxicidade. Todavia, o processo de descoberta/intervenção de fármacos, compreende identificar racionalmente um composto inédito, capaz de modular terapêuticamente um processo biológico. (BARREIRO, 2018).

Porém, a Química orgânica, tem sido a base usada pela medicina popular. Os fármacos são moléculas orgânicas. E 85% dos fármacos são sintéticos. A linguagem da química

medicinal é a estrutura química, ensina Barreiro (2018). Porém, a química orgânica tem sido a base usada pela medicina popular.

Na seção do experimento associado foi possível compreender sobre as características das plantas, o espaço em que se desenvolvem as plantas, suas especificidades gerais, sendo tudo compartilhado durante a oficina. Houve uma troca de conhecimentos tradicionais, do cerrado e modernos. Foi abordado o experimento sobre as seguintes plantas: “Velame Branco; conforme o turno 2 que a **Enedina** faz apresentação desta planta, juntamente com outras plantas: Chapéu de couro, alecrim, cavalinha”. Nesse mesmo turno nota-se as informações de receitas e sua aplicação em casos de patologia que é indicada para tratar ou curar. A planta velame branco tem propriedades e características que são estudados cientificamente, por exemplo, pela Associação Pacari.

Os resultados de estudos sobre o Velame branco compartilhados pela Associação Pacari (2009) ressaltam a relevância dos conhecimentos do cerrado, muitos desses conhecimentos passados de geração em geração. Entretanto, no turno 7 **Nina** faz referência aos conhecimentos tradicionais sobre as plantas e a importância de as pessoas conhecerem para usar e usar com segurança.

Algumas questões da experiência foram partilhadas através das perguntas sobre Velame branco, Chapéu de couro, isso no turno 8 que **Enedina** foi questionada também sobre a quantidade a ser usada nas receitas, pois é necessário saber sobre a erva: quando verde e se está seco; suas medidas exatas e o modo de uso.

Neste contexto, nos turnos 26 e 27 **Sônia** formula a pergunta sobre as quantidades das folhas secas que aparecem nas lojas, e **Nina** confirma respondendo: “Se ela for desidratada aí é 10 gramas de cada uma para uma receita né. Se for verde, aí a 20g”. Essas medidas foram compreendidas pelo coletivo que participou nas oficinas. Porque a folha verde tem suas capacidades menos fortes em relação às folhas secas, por isso, é muito interessante que a quantidade e suas gramas tenham sido esclarecidas e com bases científicas de química e física. Como se trata de composições que contém substâncias tóxicas, é preciso que sejam observadas com bastante atenção.

Não obstante, o diálogo de conhecimentos tradicionais e modernos sobre as plantas e as curas venha sendo passado de geração em geração (BORGES, 2011), não se pode esquecer nunca é a quantidade de remédio, bem como a divisão e a validade, conforme se vê no turno 32, quando **Nina** chama a atenção dos presentes e participantes da pesquisa e avisa que as receitas de plantas medicinais têm validade que variam de quatro a cinco meses.... e coam, em seguida coloca nos vidrinhos para distribuição as pessoas que buscam os medicamento.

Durante o experimento, no turno 39, **Enedina** pede participação com mais perguntas. Isso ressalta que a experiência é interessante, sobretudo quando se trata de questões de plantas medicinais ou da medicina popular, ou seja, em tempos de covid 19 e outras pandemias, a curiosidade sobre as ervas, que curas doenças era mais pertinente. Borges (2011, p. 34), que aponta, com base na literatura científica, que “[...] a cura de doenças e outros males por meio das plantas medicinais, desde 50.000 anos atrás”. Por isso, os conhecimentos da medicina popular, foco de muitos participantes das oficinas desta pesquisa, mantêm a herança transmitida pelos parentes ou membros das comunidades do Cerrado ou quilombolas.

No turno 40 **Sônia** e **Bairros** estabelecem um diálogo sobre as limitações que são necessárias para as pessoas que usam o remédio caseiro. Falam sobre a anamnese, que consiste em saber o histórico das doenças que um paciente apresenta no ato da consulta. Entretanto, em termos populares, usa-se anamnese para todas as queixas sobre a saúde de determinada pessoa. Com a anamnese aprende-se sobre as limitações de doenças e de medicamentos utilizados. Por exemplo, o Chapéu de couro (FIGURA 11) contém propriedades que, como o ferro, não são compatíveis com quem tem anemia falciforme.

Figura 11 - Planta chapéu de couro



Fonte: Disponível em: https://static.tuasaude.com/media/article/9b/3y/chapeu-de-couro_187.webp. Acesso em: 10 set. 2021.

Sônia aponta que o Chapéu de couro tem alto teor de manganês, ferro e sódio. E **Sônia** deixa o recado de que nem todo mundo pode consumir muito sódio, por exemplo. O conhecimento científico e o conhecimento tradicional foram referenciados durante os resultados das oficinas e pesquisa. Quanto à anemia falciforme, há algumas especificidades e pede-se cuidados para cada paciente ou caso, pois existem vários tipos de anemia falciforme.

A anemia falciforme, por ser de origem africana, é mais prevalente (mas não exclusiva)

em pretos e pardos (negros), sendo de alta relevância epidemiológica. Os sintomas da doença variam de pessoa para pessoa. Alguns têm menos problemas, necessitando de pouca ou nenhuma transfusão de sangue. Outras podem ter crises de anemia mais intensas, necessitando de transfusões de sangue com urgência (BRASIL, 2012).

Alguns pacientes, mesmo com acompanhamento médico adequado, têm crises graves com sintomas como infecções, má circulação, insuficiência renal e pulmonar, dores ósseas, além de outros problemas que variam de acordo com a idade e a presença de outros tipos de hemoglobinas no sangue. Alguns doentes podem ter até mesmo acidentes vasculares cerebrais (derrames) com lesões graves e definitivas (BRASIL, 2012, LIRA, 2021).

E para prosseguir sobre os cuidados com as plantas, vê-se que, no turno 63, **Nina** faz o diálogo com as participantes anunciando que as ervas que usam tinturas exigem aplicações, mas antes devem ser feitas primeiro as avaliações sobre as patologias existentes, pois determinadas plantas precisam ser avaliadas também. As avaliações são preventivas sobre a pessoa e a planta e suas propriedades, como também a compatibilidade da planta a ser usada em determinada pessoa. Como afirma **Nina**, o pêndulo, em uma linguagem técnica, evidencia movimentos que ocorrem na avaliação da pessoa, ou como a própria planta ou erva pode se transformar devido às características químicas e suas propriedades quando são verdes, secas ou desidratadas. No mesmo turno **Nina** aponta, como um dos métodos avaliativos da pessoa, quando quer se usar o Chapéu de couro ou outra erva, o uso da bioenergética, compreendida também como as transformações de energias que podem ser trocadas entre pessoas ou seres vivos e não vivos.

Na verdade, o remédio, também na fitoterapia, não pode ser dado sem a devida avaliação, as medidas exatas a serem usadas e os cuidados no manejo das ervas e questões energéticas ou espirituais. **Nina** ainda comenta que a limpeza muitas vezes é necessária para se dar um determinado remédio derivado das plantas medicinais, por isso, a avaliação é fundamental para os cuidados com os pacientes. A pesquisadora Borges (2011, p. 31) afirma que, no Brasil, “A medicina popular valoriza os conhecimentos tradicionais do povo brasileiro. O uso de plantas medicinais, perpassou gerações e se mantém no cotidiano de vários sujeitos sociais”. Neste contexto, os povos do Cerrado têm o domínio de algumas plantas medicinais locais, pois é parte da tradição da região conforme já referenciado.

Observa-se, no entanto, que mesmo tendo conhecimentos populares e tradicionais, a cientificidade não fica de fora, porque a cautela em si é um dos métodos usados nas ciências. Os profissionais que lidam com as avaliações realizadas antes de receitar algum fitoterápico têm consciência dos perigos de aplicar algum chá de erva. A sabedoria ancestral continua em profissionais que realizam estudos, pesquisas e práticas fitoterapêuticas nas comunidades,

conforme se vê na compilação Farmacopeia Popular do Cerrado (2009), que tem vários estudos e participações de várias entidades tradicionais e contemporâneos, mantendo o diálogo entre os conhecimentos transmitidos pelos ancestrais e os que são pesquisados nas universidades.

Por exemplo, nos turnos 82, 86 e 89 **Sônia, Nina e Bairros** realizam um conjunto de informações técnicas sobre o pêndulo, alertando acerca das considerações sobre as queixas, mantendo anotações, ou seja, uma ficha de anamnese, para saber as doenças pré-existentes. Mas também partilham modelos de fichas para avaliação antes da medicação e de acordo com cada caso. Já na continuação do extrato da oficina 6, nos turnos 97 até 113, **Sônia e Nina** mantêm o diálogo com todas, procurando explorar mais informações sobre os procedimentos de medidas e as gramas necessárias, aliás, procuram formalizar um padrão perante as medidas de colher (FIGURAS, 8, 12 e 13), pois, sendo uma pesquisa participante a participação e a compreensão precisam ser engajadas coletivamente.

Figura 12 - Equipamentos usados para a produção dos remédios caseiros - balança



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 13 - Equipamentos usados para a produção dos remédios caseiros - colher



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Dialogou-se sobre a diversidade do alecrim (FIGURA 14) e suas utilidades, que se dão por várias formas, pois é uma planta que quase todas as pessoas podem usar, com vários benefícios à saúde. A experiência foi feita pelas receitas e as informações foram extraídas por meio da Associação Pacari.

Figura 14 - Alecrim



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Aponta Lucely Morais Pio, 2021 que Velame branco é potente, por exemplo, ela é capaz de tratar os problemas de “Má circulação do sangue, massagear os membros que ficaram sem movimento, reumatismo, dor nas juntas, prevenção da epilepsia, febre, gripe, pneumonia, asma, falta de ar, tosse, constipação, purgante e vermífugo”. No experimento foram compartilhados os conhecimentos baseados na tradição, o Cerrado que é o lugar disponível. Conforme **Nina**, “Na loja a folha é seca aí, só aquele lembrete se for secar ou verde a questão das grammas... se ela for desidratada aí é 10 gramas de cada uma para uma receita né. Se for verde aí a 20g, mas no caso daqui das tinturas igual no caso do hormônio natural acho que eu a passei para a **Enedina** a receita do hormônio natural...”. Pôde-se compreender especificamente como é administrada consoante as receitas.

Depois de conversar, compartilhar as receitas, os conhecimentos foram associados aos conhecimentos do Cerrado, unindo conhecimentos tradicionais e conhecimentos modernos sobre a química e a fitoterapia. A partir destes experimentos o estudo teve outros impactos para a comunidade presente. Foi muito importante aprendermos como usar, por exemplo, Velame branco, as grammas ou as folhas secas que podem ser tomadas em forma de chá. Conforme **Nina** “Então na quantidade das tinturas ...aí você pode fazer quem mora perto aí você já faz uma

quantidade, (coletividade) aí dividir. Aí dá outra vez a outra pessoa junto que assim, se não sei fazer uma receita com a pessoa só como tomar a gotinha, vai demorar demais para acabar e pode perder porque o remédio no vinho não pode demorar, pois pode perder a validade. A validade dele é de 4 meses a 5 meses. Então, assim é bom se fazer em grupo que cada uma tem uma planta e estudando a mesma consegue uma planta, outra consegue outra...o que dia que ela tá mais perto e fazem juntas. E aí, depois vocês coam e de vidros e dividem os vidrinhos”. Foi e continua a ser importante saber ou compartilhar a validade do remédio, bem como as especificidades que são reconhecidas através das pessoas depois da avaliação.

Na abordagem conceitual primeiro trouxemos as informações básicas: “Validade no vinho e no álcool. Patologias como a anemia falciforme e outros. Propriedades como o ferro presente nestas plantas. Por exemplo, o chapéu-de-couro tem propriedades cardiotônicas, cuidado na hora de manipular receita”. Por isso é “bom conhecer uma anamnese”, veja “o chapéu de couro tem alto teor de manganês, ferro e sódio”. “Nem todo mundo pode consumir em grandes quantidades...”. As propriedades da planta chapéu de couro pedem cuidado ao manipulá-la. Aliás, toda planta medicinal, por ter composição química, exige cautela.

A anemia falciforme por ser de origem africana, é mais prevalente (mas não exclusiva) em pretos e pardos (negros), sendo de alta relevância epidemiológica. Estima-se que no Brasil existam cerca de 60 mil pessoas com deficiência de ferro. A mutação na hemoglobina S faz com que a hemácia que normalmente é arredondada e flexível torna-se endurecida e em formato de foice. Daí o nome falciforme. Sem dúvida a doença falciforme é um destes desafios que requer a união de forças de uma rede social de forma a possibilitar conhecimento e poder ajudar no pleno desenvolvimento da criança. Pois é uma doença genética hereditária de maior incidência no Brasil, nascem cerca de 3.500 crianças por ano com doença falciforme, sendo 1 bebê a cada 1000 nascimentos (CUNHA, 2012). Em Goiás

O racismo secularmente praticado contra a população negra afeta a garantia de acesso aos serviços públicos de saúde, é fator estruturante na desumanização da atenção prestada a este contingente populacional na saúde. Esta publicação e as informações que ela nos traz resultam da consolidação do campo de pesquisa em saúde da população negra e reitera o nosso compromisso com a difusão de conhecimento científico para influenciar os processos decisórios e promover a equidade em saúde. (CUNHA, 2012, p. 30)

Para compreender um pouco mais os caminhos trilhados e os novos desafios neste processo da saúde integrativa e a saúde da população negra, Estela Cunha (2012) lembra que

[...] atualmente já contamos com respaldo científico consolidado para identificar algumas doenças consideradas mais prevalentes na população negra em virtude do condicionamento de fatores genéticos que atuam conjuntamente com fatores ambientais e que teriam efeito direto ou indireto na mortalidade: anemia falciforme; doença hipertensiva específica da gravidez; hipertensão arterial; diabetes mellitus”. (CUNHA, 2012, p.30).

Diante de tantos desafios Estela Cunha alerta sobre a necessidade de continuar produzindo evidências científicas sobre agravos, patologias ou causas de morbimortalidade que se apresentam com maior prevalência na população negra, e que deverão ser alvo de medidas específicas como:

[...] atenção especial ao diagnóstico e tratamento multidisciplinar de hemoglobinopatias (especialmente anemia falciforme) desde o nascimento e, especialmente, durante a gravidez. Esse tipo de medida requer treinamento específico de todos os servidores da área de saúde, assim como campanhas de informação direcionadas à população que esclareçam sobre a temática e de seus direitos como pacientes. E devemos estar atentos à implementação da medida; b. fomento de pesquisas que permitam conhecer com mais exatidão os tipos de agravos a que a população negra está exposta, a magnitude desses agravos, a identificação dos fatores de risco, o desenvolvimento de novas técnicas de diagnóstico e terapias; e c. incidência de mortalidade materna, mortalidade por causas externas e DST-Aids. (CUNHA, 2012, p. 32).

De acordo com Lopes e Werneck (2012), a luta pela melhoria das condições de saúde da população negra remonta ao enfrentamento da desumanização e violência vivenciadas na força da travessia transatlântica e na luta pela superação das condições degradantes decorrentes do trabalho escravo. Assim, as diversas lutas sociais empreendidas pela população negra no Brasil influenciaram direta e indiretamente as suas condições de saúde.

Os sintomas observados da anemia falciforme variam de pessoa para pessoa. Alguns têm menos problemas, necessitando de pouca ou nenhuma transfusão de sangue. Outras podem ter crises de anemia mais intensas, necessitando de transfusões de sangue com urgência. Alguns pacientes, mesmo com acompanhamento médico adequado, têm crises graves com sintomas como infecções, má circulação, insuficiência renal e pulmonar, dores ósseas, além de outros problemas que variam de acordo com a idade e a presença de outros tipos de hemoglobina no sangue. Alguns doentes podem ter até mesmo acidentes vasculares cerebrais (derrames) com lesões graves e definitivas (CORDEIRO, 2007; CUNHA, 2012).

Com o objetivo de mudar a história natural da doença falciforme no Brasil, reduzindo as taxas de morbidade e mortalidade, promovendo maior sobrevida com qualidade às pessoas portadoras dessa doença e informando a população em geral, em 16 de agosto de 2005 foi

instituída, no âmbito do SUS, a Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme (PNAIPDF), por meio da Portaria GM/MS n. 1.391/2005 (BRASIL, 2005). Essa política é um instrumento de apoio aos estados e aos municípios na implementação de ações de saúde para organização da linha de cuidado e da inclusão da temática nas Redes de Atenção à Saúde.

A construção de equidade racial em saúde para a população negra é um compromisso firmado pelo Ministério da Saúde na portaria 992/2009, que instituiu a Política Nacional de Saúde Integral para a População Negra, cuja marca é: *“reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais e condições de saúde, com vistas à promoção da equidade em saúde”* segundo Alexandre Padilha. (PADILHA, 2009, p. 9).

Em Goiás as estratégias para construir a Política Pública de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme tiveram início em 1996, no bairro Alphaville, no Quilombo Missionário, em Goiânia, a partir do projeto ‘Mulheres Negras Construindo a Consciência Cidadã’ (FIGURAS 15 e16). O tema foi abordado a partir de um folheto da Organização das Mulheres Negras Latinoamericanas.

Em 1997 o debate continuou no Seminário Regional de Entidades Negras, no CENFORH, realizado no bairro Santo Antônio, em Goiânia, coordenado por Maria Moura, presidenta do Abarajé - RJ, e por Marta Cezaria de Oliveira, representante do FENEGO.

Figura 15 - Folheto Malunga (frente)



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 16 - Folheto Malunga (verso)

PROJETO	PROGRAMAÇÃO	ATIVIDADES CULTURAIS
<p>MULHERES NEGRAS CONSTRUINDO A CONSCIÊNCIA CIDADÃ</p> <p>Naná, a Terra, abriu seu ventre para o dia que vai nascer. Oxum saudou o fruto desse ventre. Ventre Latino-americano e caribenho. Quente e negro! O fruto desse ventre é bendito. É mulher. É negra. Negra mulher de muitos desafios. Negra parideira dos caminhos de florescer. Iemanjá criadeira de novas possibilidades. E nasce a Mulher, a Negra, Latina e Caribenha, neste dia 25 de julho. Nasce com a determinação de Obá. Nasce guerreira em vento e fogo, Ewá, Iansã. Muitas lutas de ser Mulher. Honita. Poderosa. Vitoriosa. Rainha sim. Yabá!</p>	<p>25 de julho de 1998</p> <p>Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.</p> <p>Capela Nossa Senhora das Graças Rua C-174, Qd. 422, Lt. 23 - Jardim América - Goiânia - GO</p> <p>Fone: 296-8353 286-1417</p> <p>Em 1993, na República Dominicana, cerca de 400 mulheres negras de todas as partes do mundo decidiram comemorar um reencontro há muito gestado. Irmãs de todos os continentes firmaram o 25 de julho, para que celebrássemos a vitória de estarmos aqui na América Latina e no Caribe sem perder o axé e a dignidade. Por isso comemoraremos esta data com festa e reflexão.</p>	<p>13:30 h - Feira Cultural Artesanatos, roupas, livros, bijuterias, etc.</p> <p>14:00 h - Credenciamento</p> <p>14:30 h - Dinâmica de conhecimento</p> <p>15:00 h - Abertura Cultural Assessoria: Maria Zita Ferreira</p> <p>Tema: A Mulher Negra: → seu espaço na sociedade → Arte e Educação → E Religião → E a Sexualidade</p> <p>14:40 h - Debate 16:00 h - Lanche 16:20 h - Mesa redonda 18:30 h - Encerramento</p> <p>Expositoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Angela Maria Lopes → <i>Ascensão da Mulher Negra no trabalho.</i> ▶ Tatiane Taveira Silva → <i>A Luta da Jovem Negra</i> ▶ Sônia Cleide Ferreira da Silva e ▶ Geralda Pereira da Silva → <i>Anemia Falciforme.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em 1998, no salão da Capela Nossa Senhora das Graças, no bairro Jardim América, em Goiânia, em comemoração ao 25 de julho, Dia Mulher Negra Latino Americana, em continuação do projeto ‘Mulheres Negras Construindo uma Consciência Cidadã’, o tema foi novamente debatido a partir das contribuições de Geralda Pereira da Silva, Sônia Cleide Ferreira da Silva e Marta Cezaria de Oliveira. Sonia Cleide Ferreira da Silva tinha, em sua família, uma sobrinha que convivia com a anemia falciforme, a qual empresta o nome hoje para a Associação de Anemia Falciforme Karoliny Vitória, situada em Aparecida de Goiânia (GO).

Em 1999, ainda em continuação ao projeto ‘Mulheres Negras Construindo a Consciência Cidadã’, o Grupo de Mulheres Malungas convidou, para contribuir no processo de formação das mulheres negras, o médico Dalton Biachi Pfeifer, do Instituto Hemocentro Estadual. Seguindo, no mesmo ano, outro evento foi realizado no Centro Comunitário Maria da Libertação, na Vila Mutirão I, em Goiânia (FIGURA 17). O evento teve início da manhã com várias oficinas de autocuidado, como tranças, vestes, desfile afro, comidas e grupos de discussões na parte da manhã. À tarde ocorreu uma palestra sobre a saúde da população negra com o médico Dalton fazendo um recorte sobre anemia falciforme. O evento contou com a participação de vários grupos e muitas pessoas das comunidades de Goiânia e teve repercussão na mídia local (FIGURA 18).

Figura 17 - Folheto Malunga - Dia Mulher Negra Latino Americana

MALUNGA

Malunga é um grupo de mulheres negras que reúnem em Goiânia desde 1996, sendo estas provenientes de várias inscrições profissionais, grupos e áreas de atuação.

Nossa Meta: construir a consciência cidadã, buscando transformar a realidade social, pluricultural e pluriétnica, sem racismo e sem sexismo.

Confirme sua participação pelos telefones:

(01452) 296 8353 - Quilombo Missionário
(01452) 286 1417 - Sônia ou Teodorico
(01452) 298 1242 - Goiânia, Leocárdia ou Geráida

Telefax:
(01452) 296 8353
Via Alpha 12, Qd. 42, Lt. 828 - Bairro Alphaville
74393-680 - Goiânia - GO


Coordenação:
Geráida Pereira da Silva
Marta Cezária de Oliveira
Marizélia Moreira Dionízio
Sônia Cleide F. Silva

REALIZAÇÃO

GRUPO DE MULHERES NEGRAS MALUNGA

ILUSTRAÇÃO: JOÃO LUIZ

MULHERES NEGRAS
CONSTRUINDO A CONSCIÊNCIA CIDADÃ



DIA DA MULHER NEGRA
DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

25 de julho de 1999

LOCAL
Centro Comunitário Maria da Liberação - Núcleo I
GOIÂNIA - GO

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 18 - Página de jornal sobre as questões - O Popular

GOIÂNIA, segunda-feira, 26 de julho de 1999 7

CIDADES

Campanha alertará sobre doença que acomete a população negra

Dionízio Gomes

Ao completar o primeiro ano de vida, Carolina, hoje com seis anos, começou a apresentar sinais de cansaço, baixa imunidade, fortes dores no corpo e uma anemia profunda. Ao longo de meses, a garota, que é descendente de negros, passou por várias internações e submeteu-se a tratamentos contra a anemia, sempre consumindo medicamentos à base de ferro. Seu estado de saúde só piorava e foi durante uma internação que, finalmente, diagnosticou-se que a menina era portadora de anemia falciforme, uma doença que atinge principalmente a população negra e cujo tratamento deve excluir remédios e alimentos ricos em ferro.

Sem esse diagnóstico, Carolina corria risco de vida. "Ela poderia ter morrido", diz o pai da garota, o gráfico João Ivan, que atualmente respira aliviado por saber que a filha submeteu-se ao tratamento adequado e pode levar vida "normal, apesar de ter de consumir medicamentos não encontrados na rede pública e cujos preços pesam no orçamento familiar. O diagnóstico da causa do mal-estar de Carolina aconteceu quase por acaso, pois vários médicos que a examinaram, segundo Ivan, desconheciam a anemia falciforme.

Mas, muitas pessoas não



Encontro em Goiânia comemora o Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe

têm a mesma sorte da menina. "Elas morrem vítimas dessa doença sem que a causa sequer seja diagnosticada", lamenta a bióloga Marta Cezária de Oliveira, que pretende realizar campanha, voltada principalmente para os profissionais de saúde, para divulgar o que é e como deve ser tratada a anemia falciforme. A campanha foi aprovada durante a comemoração do Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe, celebrado ontem em Goiânia.

No evento, comemorado em vários países, foi definida ainda ampliação da divulgação da prevenção, do diagnóstico precoce e do tratamento do câncer de útero e da hipertensão, outras enfermidades que ameaçam a saúde e a qualidade de vida dos negros. Com esse trabalho, a bióloga espera alertar para os riscos dessas doenças e garantir assistência adequada. Dessa forma, Marta acredita que estará sendo dado mais um passo para melhorar a vida da população negra, segundo ela, massacrada e discriminada ao longo dos 500 anos da história do Brasil. Ajudar as mulheres negras a melhorarem sua auto-estima a partir de gestos simples, como fazer um penteado ou uma maquiagem, ou ainda de uma mudança de comportamento, envolvendo o reconhecimento do valor da raça negra, foi outra meta do encontro realizado durante todo o domingo, no Centro Comunitário da Vila Mutirão 2.

Lailson Duarte

Contra o crime

Fonte: O Popular (1999).

Já em 2001 foi realizado o Seminário Saúde da Mulher Negra "Uma questão de saúde pública", cujo objetivo foi estabelecer um compromisso com a sociedade civil para a inclusão

da saúde da mulher negra na agenda da cidadania (FIGURA 19). E, ainda, criar e multiplicar a ação de prevenção na saúde da mulher negra visando a continuidade e potencialização desse trabalho no Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), bem como a implantação do programa de anemia falciforme. Para ampliar horizontes e reforçar essa questão como urgente e imprescindível nas políticas públicas de saúde, foram convidados profissionais da área da saúde, mulheres e homens para participar deste importante momento de discussão.

Figura 19 - Folheto sobre o evento da mulher negra



Fonte: Fórum Goiano de Mulheres e Malunga (2000).

A continuidade do trabalho se deu através da implantação do programa de triagem neonatal, (FIGURAS 20, 21 e 22) com a identificação das crianças portadoras do traço de anemia falciforme e com anemia falciforme por meio do exame do pezinho. Com a estratégia, foram identificadas as crianças e prestado acompanhamos a toda a família, com a orientação

genética em nove unidades de saúde referências por distrito sanitário e o tratamento no Hospital das Clínicas. Do total de 17.120 testes de pezinho realizados, de janeiro até dezembro de 2002, identificou-se 472 crianças com traço de anemia falciforme, cujas famílias receberam orientação genética nas novas unidades de referência, e três com anemia falciforme. Desde a implantação deste atendimento, que começou em agosto de 2001, já foram identificadas 532 crianças com um traço de anemia falciforme e cinco com anemia falciforme.

Figura 20 - Folheto prefeitura de Goiânia (Parte 1)



AÇÕES TRABALHADAS COM OUTRAS SECRETARIAS -

Secretaria Municipal de Educação - Objetivando implementar ações educacionais para superação das desigualdades raciais no município de Goiânia, a Secretaria Municipal de Educação (SME), através do Grupo de Trabalho no Departamento Pedagógico, têm viabilizado investimentos financeiros e didáticos - pedagógicos para que sejam realizados cursos, palestras e eventos em que a inclusão, a partir da perspectiva étnica, seja não somente discutida, mas também vivenciada. Desta forma, a Secretária de Educação do Município nomeou o servidor Warley Carlos de Souza para coordenar o GT de políticas afirmativas, que tem como objetivo a implementação da lei 10639/GF e outras ações em andamento.

Secretaria Municipal de Turismo
Exposição dos Oxais da Bahia do artista plástico Tatti Moreno - 20 de novembro de 2003.

Secretaria Municipal de Saúde
PROGRAMA ANEMIA FALCIFORME

Justificativa

A Prefeitura de Goiânia, por meio da Secretaria Municipal da Saúde, implantou em 2001 o Programa de Triagem Neonatal, com o objetivo de diminuir a mortalidade infantil. O programa é uma ampliação do exame Teste do Pezinho e visa o diagnóstico precoce de patologias congênitas possíveis de serem tratadas. Entre elas, a Anemia Falciforme e outras Hemoglobinopatias, que antes

Fonte: Conego - Prefeitura de Goiânia, 2003

Figura 21 - Folheto prefeitura de Goiânia (Parte 2)



não eram realizados. Esse diagnóstico precoce possibilita o início de terapias em tempo de evitar maiores complicações e propiciando melhor relação custo-benefício aos usuários dos serviços públicos de saúde. Somente no ano de 2001, foram realizados 16.311 exames para o Teste do Pezinho, numa cobertura de 82% dos nascidos vivos no município de Goiânia.

Secretaria Municipal de Cultura
Proporcionar à comunidade goianiense o conhecimento das manifestações culturais afro-descendentes, através da arte e tradições afro-brasileiras.

A IMPLANTAÇÃO DO ATENDIMENTO DO PORTADOR (A) DE ANEMIA FALCIFORME:

A implantação se deu através da implantação do Programa de triagem Neonatal, com a identificação das crianças portadoras do traço de anemia falciforme e com a anemia falciforme, através do exame do pezinho. Com a estratégia, identificamos a criança e acompanhamos toda a família, com a orientação genética em nove unidades de saúde, referências por distrito sanitário e o tratamento no Hospital das Clínicas. No total de 17.120 testes de pezinho realizados, de janeiro até dezembro de 2002, tivemos 472 crianças com traço de anemia falciforme, que as famílias receberam a orientação genética nas novas unidades de referência e (03) com a anemia falciforme. Desde a implantação deste atendimento, que começou em agosto de 2001, já tivemos um total de 532 crianças com traço de anemia falciforme e (05) doentes de anemia falciforme.

Fonte: Conego - Prefeitura de Goiânia, 2003

Assim se deu a implantação desta política pública com ações da comunidade negra em Goiânia, buscando ampliar as informações nas secretarias e na comunidade em geral sobre as doenças que mais afetam a população negra em Goiânia com levantamentos feitos nos atendimentos nos CRAS e acompanhamento às pessoas com anemia falciforme e formação de profissionais da área da saúde.

Figura 22 - Folheto prefeito de Goiânia



Fonte: Conego - Prefeitura de Goiânia, 2003

É “[...] importante enfatizar que a articulação e a pressão política de vários setores do movimento negro junto ao Estado e a sensibilização de atores importantes na produção de saúde possibilitaram o avanço e a institucionalização do tema no SUS” (LOPES; WERNECK, 2012, p. 107).

[...] a realização do I Seminário Nacional de Saúde da População Negra em 2004, a inserção do tema saúde da população negra no plano nacional de saúde e no PPA (2004-2007); e a realização, em 2005, do II Seminário Nacional de Saúde da População Negra e o reconhecimento, por parte do ministro da saúde, da existência de racismo institucional no SUS; a criação de uma vaga oficial para o movimento negro no Conselho Nacional de Saúde em 2006 e, no mesmo ano, a aprovação, deste Conselho da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), a instituição do dia 27 de outubro como o Dia Nacional de Mobilização Pró-Saúde da População Negra e a criação da Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme foram fatos marcantes na história da saúde da população negra no

Brasil. (LOPES; WERNECK, 2012, p. 107).

Pois com toda luta histórica das mulheres negras, movimento negro em geral e usuários do SUS, ainda não foram efetivadas ações que possam vencer as estruturas do racismo institucional.

Embora a PNSIPN só tenha sido publicada no *Diário Oficial* em 13 de maio de 2009, configurando um descompasso entre as duas fases do seu plano operativo (2008-2009 e 2010-2011) e o momento objetivo de sua publicação, configura-se como importante marco na institucionalização de todas essas demandas históricas, abrindo precedente para a consolidação de ações efetivas de promoção da equidade racial em saúde.

No campo do controle social das políticas de saúde, é possível observar avanços significativos na qualidade da intervenção junto ao setor. Seja pela resistência organizada para proteger a vida, seja pela manutenção da identidade e preservação de um conhecimento ancestral relacionado à arte da cura, ou mesmo pela intervenção política junto ao Estado ou opinião pública na denúncia do racismo, nota-se a influência positiva do movimento negro na saúde da população negra (Faustino e Spiassi, 2010). (LOPES; WERNECK, 2012, p. 107).

As oficinas de aprendizado sobre a construção da farmacinha doméstica são práticas que articulam os aspectos intelectuais e afetivos, exercitando uma aprendizagem mediatizada pelo conhecimento e participação coletiva das/os participantes e professoras/es. Para entender este processo a Farmacopeia Popular do Cerrado nos diz

A medicina popular é um sistema de cura utilizado pelo povo para o tratamento de seus diversos males. A sua prática é baseada no conhecimento tradicional, transmitido de geração em geração e no uso de diversos recursos como: remédios caseiros, dietas alimentares, banhos, benzimentos, orações, aconselhamentos, aplicação de argila, entre outros. (LAUREANO; DIAS, 2009, p. 42).

Para as mulheres que atuaram na construção da Farmacopeia Popular do Cerrado, Laureano e Dias (2009) reiteram que a medicina popular é exercida no cuidado com a família, principalmente pelas mulheres, e em forma de atendimentos de saúde nas comunidades, por diversas categorias de conhecedores tradicionais, ou por grupos organizados, como grupos de mulheres, pastorais da saúde e da criança, entre outros.

Os conhecedores tradicionais, reconhecidos como raizeiros e raizeiras, são especialistas em caracterizar os ambientes do Cerrado, identificar suas plantas medicinais, coletar a parte medicinal da planta, diagnosticar doenças, preparar e indicar remédios caseiros. Os atendimentos de saúde realizados pelos raizeiros se dão, geralmente, no próprio domicílio em

que residem, onde também preparam os remédios caseiros. Conforme a especialidade do raizeiro, ele pode receitar um remédio pronto, dar a receita para a pessoa preparar o remédio em casa; ou, ainda, entre outras coisas, indicar dietas e banhos. O atendimento pode ser gratuito, cobrado em dinheiro ou trocado por outro bem qualquer.

A seguir fala-se um pouco como se dá o processo de conhecimento junto a raizeiras e raizeiros no Cerrado, no qual aconteceu a troca no aprendizado com as mais velhas sobre as plantas do Cerrado que são medicinais, suas características e locais que as encontramos para colheita, como e quando colher. Assim como formas de armazenamento e indicações na fabricação dos remédios caseiros, a indicação das pessoas que vão até a farmacinha buscar soluções para sua saúde e de familiares.

Aprendendo e conhecendo mais sobre a realidade da Farmacopeia Popular do Cerrado, que é a base da nossa investigação, vendo a desvalorização do Cerrado brasileiro, bioma que as comunidades, especialmente as mulheres, com sabedoria preservam, mas de forma bastante reduzida e restrita à biodiversidade. “Sem dúvida a biodiversidade pode ser elemento importante na consolidação do território e na formulação de estratégias de desenvolvimento articulando uma nova relação entre natureza e sociedade em contextos globais da ciência, da cultura e da economia” (ALMEIDA, 2003, p. 71).

A gestão da biodiversidade constitui-se também na valorização da cultura local, dos saberes tradicionais e suas formas regionais de relação com os diferentes ecossistemas. Muitos estudiosos e ambientalistas salientam que, principalmente quando as populações tradicionais apresentam algum tipo de comércio local, devem ser fortalecidas, visando o uso racional dessas espécies e o ecodesenvolvimento. Neste sentido, os/as raizeiros/as têm um importante papel a desempenhar ao potencializar seus conhecimentos populares sobre plantas medicinais do Cerrado, em uma atividade sistemática de produção de medicamentos e remédios. Assim, podem propiciar uma diminuição na pressão sobre este bioma, pela valorização do potencial de sua flora.

O uso de plantas medicinais no tratamento e na cura de enfermidades é tão antigo quanto a existência humana. Ainda hoje este saber simboliza, muitas vezes, o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000), cerca de 80% da população mundial utiliza plantas medicinais como principal opção terapêutica, devido, em muitos casos, ao baixo poder aquisitivo de compra que possuem. Além deste aspecto, nas últimas décadas o interesse populacional pelas terapias naturais tem aumentado nos países industrializados, expandindo o uso de plantas medicinais e de fitoterápicos, que, apresentam, de forma geral, menos efeitos colaterais (OMS, 2002).

Ao recorrer à história pode se constatar que o raizeiro, em linhas gerais, consistia em um sujeito com conhecimentos sobre caracterização de ambientes naturais, identificação de plantas medicinais, coleta, diagnóstico de doenças, preparo e indicação de remédios. Salientando que muitos destes não comercializavam o serviço prestado. Diante das transformações pelas quais a sociedade passou, há certas características que já não são tão comuns nas/nos raizeiras/os em certos locais no Brasil. Assim, há trabalhos que, de acordo com a postura de cada pesquisador, tem considerado atribuir o nome ‘raizeiro’ somente àquele que comercializa as plantas medicinais.

Faz-se necessário esclarecer que, nesta investigação, o sujeito raizeira/o abordado é aquele que conhece onde estão as espécies vegetais que necessita coletar, que prepara e indica plantas medicinais, podendo ser ou não comerciante.

5.4 ANÁLISE DO 2º ENCONTRO

Apresenta-se a seguir o Extrato 2, que trata sobre estudo das plantas Erva de Santa Maria (FIGURA 22) e da Salsa (FIGURA 23).

Figura 22 - Erva de Santa Maria



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

EXTRATO 2 - Estudo da Erva de Santa Maria e Salsa

Turno 1 - Enedina: Bom dia meninas, hoje vamos falar sobre algumas plantas medicinais, e gostaria de começar perguntando se vocês possuem alguma planta em casa.

Turno 2 - Evaristo: Eu tenho plantado na minha casa “mentraste”, eu tenho nos vasos, tenho plantado “anador”, “novalgina”, e outras plantas medicinais,

eu não fico sem remédio caseiro não. Que nem, eu curei a bronquite do meu filho, com um remédio caseiro que foi um pediatra lá do Centro Materno que me ensinou né. Então nunca deixei de ter essas plantas em casa.

Turno 3 - Bairros: Eu queria fazer uma sugestão dentro disso que a Enedina falou, para que a gente durante esses 15 dias possa de fazer um levantamento de todas as Plantas medicinais mesmo aquelas que a gente não conhece, nos nossos quintais na nossa chácara, que eu penso que a gente vai passar dessas 100 plantas, que a Nina sugeriu anteriormente. O que vocês acham?

Turno 5 - Enedina: Eu também acho que é legal. E a gente pode olhar e tirar uma foto aí vocês podem mandar no grupo. Porque, manda e fala, “ó essa é a planta tal”, porque eu vou fazer uma apresentação, porque aí gente apresenta para todo mundo. Vou pegar uma planta aqui para apresentar para vocês ver, pra gente fazer um teste. Eu não estou vendo vocês, vocês estão vendo né?

Turno 7 - Enedina: Só pra gente fazer uma experiência. Que planta é essa que vocês estão vendo?

Turno 8 - Katemari: Erva de Santa Maria.

Turno 9 - Nina: Erva de Santa Maria.

Turno 16 - Enedina: É aqui a gente queria ver além da planta, as potencialidades dela. Você quer falar um pouquinho sobre essa planta?

Turno 17 - Nina: A erva santa maria é uma planta que a gente usa pra várias patologias. A gente usa pra dor, no álcool, a gente usa pra verme, porque ela é vermífuga também. A gente usa pra por no shampoo quando a pessoa tá com problema de cabelo. Usa também o sumo pra quem tem problema no ovário. É uma planta muito boa, muito poderosa. Mas é uma planta que concentra muita toxicidade, então quando a gente vai fazer um sumo, a gente tem que pegar 20 gramas dela bater em um litro de água e vai tomando 6 ou 7 vezes ao dia, tipo da manhã até a noite, tá ouvindo? então ela assim, é uma planta que a gente tem que ter um cuidado com a quantidade que a gente vai usar. Se for fazer remédio de verme tem que ser a mesma quantidade. E é uma planta que se a gente vai preparar tem que colher as 6 horas da manhã porque o princípio ativo dela é óleos essenciais. Então a gente nunca pode esquecer o horário de coleta pra gente ter um bom remédio com o princípio ativo que a gente vai produzir.

Turno 20 - Rosy: Eu só quero perguntar um negócio, eu quero perguntar se a salsa é realmente é bom para limpar o fígado como as pessoas falam.

Turno 21 - Nina: A salsa é uma planta que ela faz uma coisa, ela faz uma limpeza geral vai estar geral, em toda a parte do nosso corpo né, principalmente essa parte mais feminina né, a gente a chama de planta da saúde da mulher, é uma planta que é mais usada pelas mulheres.

Turno 22 - Rosy: Obrigado. Mais aí tem um tempo de fazer um chá dela? Por exemplo, bate agora de manhã aí você tem que tomar tudo num dia?

Turno 23 - Nina: Todo sumo a validade dele é 12 horas e todo chá a validade dele também é 12 horas, se você for fazer da planta verde é 20 g se você for fazer da planta seca é 10 g para 1 L.

Figura 23 - Salsa (salsinha)



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Turno 27 - Augusta: Oi Enedina, bom dia, bom dia, bom dia, bom dia meninas, bom dia mulheres, bom dia homens. Estamos no mês das mulheres e eu acho muito importante né, nós fazemos esse trabalho, principalmente nós mulheres negras, e se ela falou aí a questão do chá e do sumo aí ela disse 10g e 20g né... Traduzindo Nina, esse 10g é também, a gente tem assim, é pessoas como “raizeiras” né, nossas conhecedoras do assunto, sabedoras, é falado “punhado” né, aquele punhado para fazer um chá, aquele punhado pra medir... Então queria que você explicasse.

Turno 28 - Nina: Então a gente transformou em 10g, porque se a gente começa a fazer um trabalho, a gente tem que começar a se organizar em pensar na Vigilância sanitária, porque você fala para ele um “punhado” ela vai falar assim aí, o quanto é que vale esse “punhado”? Então pra ele tem um linguajar que é nosso né, então o quê que a gente faz? A gente está começando a nos adequar nesses moldes para a gente ter um sonho, acho que vocês também têm esse sonho de um dia a gente ter uma farmácia de medicina caseira que a gente possa estar fazendo parte com a Secretaria de Saúde. Então por isso a gente já começa a se organizar, já fala em vez de punhado diz a peça escolhida para saber quantas gramas que é que vale um punhado e nisso a gente espera além de disso desenvolver outras técnicas. Porque tem pessoas que não tem uma balança para pesar, mas ela tem uma colher de sopa, ela vai picar a folha bem picadinha, então 4 colheres de sopa da planta verde bem picado equivale 10g. Se for planta seca bem picadinha, 2 colheres bem cheias que vale a 10g.

Turno 29 - Felipa: Nina, mais muitas a gente vai nesses lugares que vendem plantas e a pessoa fala, “não, põe 20 folhas e bate no liquidificador e toma”.

Turno 30 - Nina: Pois é, mas quanto é que é essas 20 folhas valem? Às vezes esse remédio vale pra 15 dias só, porque às vezes a folha é grande e uma folha só da 10g. Por exemplo, o assa peixe, se você pegar 20 folhas, vai dar pra 1 semana.

Turno 31 - Felipa: Pois é, eu fiz esses dias com 20 folhas. Ele disse pra eu bater no liquidificador e deixar secar aquele pó mais ou menos umas 2 ou 3 horas pra depois coar e aí depois que você cõa você vai tomando porque é batido.

Turno 32 - Nina: Mais assim, quando você faz esse processo pra fazer o sumo, que a folha é batida, é esse processo aí que eu tô chamando da validade,

você vai fazer isso daí, bater pra deixar esse tanto de dia, ela perde o princípio ativo, porque todo sumo que a gente faz o princípio ativo de sumo dura 12 horas. Então se passar das 12 horas a senhora não vai ter remédio com princípio ativo aí. Agora se a senhora fizer uma infusão aí é diferente. A senhora vai pegar a folha colocar dentro da água sem bater e deixa de infusão aí dá pra usar uma semana. É diferente de quando faz com o sumo porque usa todas as partículas da planta aí ela é quebrada e quando quebra ela a validade é menor. Então ela vale 12 horas.

Os resultados apontam para o estabelecimento do diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional, como nos turnos 27 e 28 do extrato 2. Nestes turnos observa-se que a dúvida que a participante **Augusta** tinha, referente à palavra ‘punhado’, que no contexto diz respeito à quantidade de determinada matéria, foi sanada pela integrante Nina no turno 28. Neste mesmo turno ela diz que, para enquadrar os trabalhos nas exigências da Vigilância Sanitária e para a devida padronização de quantidades, a palavra punhado foi relacionada com seu correspondente científico para determinação de quantidade de matéria: a notação científica gramas (g).

O uso das plantas medicinais, como, por exemplo, da Erva de Santa Maria, vem sendo utilizada desde o século XVII no centro-sul do continente americano. A Salsa teve seu primeiro registro de uso pelos romanos no século XVIII e o Ipê roxo vem sendo estudado para tratamento contra o câncer desde a década de 1990, remetendo, assim, à ancestralidade do conhecimento do poder de cura das plantas medicinais (Farmacopeia do Cerrado, 2009). Nos resultados do turno 17 pode-se detectar o uso e a eficácia das plantas mencionadas, mesmo com o passar de séculos o conhecimento agregado referente a estas práticas de cura foram mantidos e ainda são utilizados nos nichos de produção e manutenção do conhecimento tradicional.

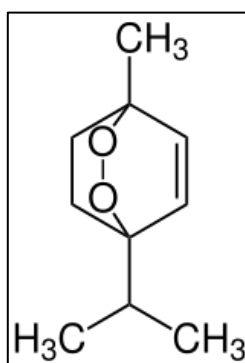
No turno 5 os resultados encontrados dizem respeito à identificação sistematizada da amostragem de trabalho, o registro fotográfico e a catalogação da amostragem, ou seja, o tratamento e a análise de dados coletados, técnicas utilizadas em pesquisa qualitativa (FONTANELLA *et al.*, 2011). No turno 17 nossos resultados dizem respeito ao uso e escolha de dois diferentes tipos de solventes, o álcool e a água. Segundo Batista (c2011), solvente é uma substância na qual o soluto (no caso a Erva de Santa Maria) será dissolvido para a formação de um novo produto. Esse resultado demonstra que as práticas sistematizadas, características das ciências e utilizadas em espaços de educação formal, como a universidade, por exemplo, também são utilizadas na produção dos remédios caseiros, que, por sua vez, estão sendo preparados em um ambiente não formal de educação.

Ainda no turno 17, **Nina** se refere à relação estrutura e propriedade da planta, apontando para a alta concentração de princípio ativo e os riscos da ingestão de grandes quantidades do

mesmo. Segundo Pires (c2023), o princípio ativo é o composto responsável pelo efeito farmacológico e está presente em plantas, medicamentos e alimentos. Para a extração do princípio ativo, como visto no turno 17, utilizam-se técnicas de operação unitária, como a extração líquido-sólido, ou a filtração, que é uma operação unitária de separação de um sólido particulado de um fluido, fazendo com que o sólido permaneça retido em um meio poroso, enquanto o fluido passa através desse meio.

Tendo isto em vista, vale atentar que doses excessivas de medicamentos podem causar intoxicação grave e diversos problemas à saúde. Ainda neste contexto, vale lembrar que a diferença entre remédio e veneno é a dose, remetendo, assim, ao cuidado no preparo e na posologia do medicamento para que não ocorra uma superdosagem.

Fórmula 1 - Estrutural do Ascaridol, princípio ativo da Erva de Santa Maria



Fonte: Araújo e Andrade (2022, s/p).

O ascaridol, princípio ativo da Erva de Santa Maria – cuja fórmula estrutural pode ser vista na Fórmula 1 –, segundo Garrett (2008), é uma substância orgânica de origem natural pertencente à classe dos monoterpenos bicíclicos e que possui uma ponte formada pelo grupo funcional peróxido. Ele foi o primeiro, e por muito tempo, o único derivado de ocorrência natural contendo o grupo peróxido. Apresenta-se como um líquido incolor e pode ser tóxico em grandes quantidades, possui odor pungente e solúvel em muitos solventes orgânicos, como citado no turno 17. Está presente no óleo essencial do boldo do Chile e na Erva de Santa Maria, sua ação possui um efeito inibitório contra parasitas intestinais, fazendo com que eles se desprendam do tecido onde estão grudados; por causa dessa ação ele é muito utilizado com vermífugo, tanto em humanos quanto em animais (GARRET, 2008).

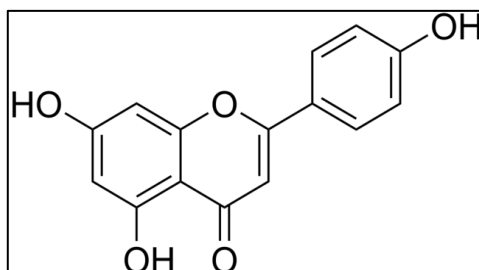
No método de preparo de chás e sumos é importante se atentar à quantidade e ao tipo de matéria prima que estão sendo utilizados. A participante **Nina**, delimita no turno 23, as quantidades de plantas a serem utilizadas, quando verde e quando secas. Sobre ‘folha verde’ e

‘folha seca’, falados nos turnos 23 e 28, trata-se da quantidade de princípio ativo presente em cada uma delas. No caso em específico da salsa, também do nível de toxicidade que pode conter em cada folha. As folhas secas, quando na mesma quantidade que as verdes, apresentam as seguintes diferenças: são mais leves, pois já passaram pelo processo de desidratação, perdendo, assim, a água que nela continha; também apresenta menor quantidade de toxinas, pois parte delas foi perdida no processo de desidratação sofrido quando verde (BOVI; SERRA, 2001).

Outro fator de forte relevância a se observar, conforme Bovi e Serra (2001), é que quando estão na mesma quantidade as folhas secas possuem duas vezes mais princípio ativo que as verdes, isso se dá porque após o processo de desidratação as folhas ficam mais leves, perdendo compostos indesejados, restando praticamente o princípio ativo. Isto explica o fato de ter que usar metade de folhas secas em um chá quando se compara com as folhas verdes, como mostrado no turno 23.

A apigenina é um composto orgânico pertencente à classe das flavonas, tratando-se da aglicona¹⁴ de diversos glucósidos¹⁵ presentes na natureza. Este composto pode ser encontrado em diversos frutos e vegetais, sendo as fontes mais comuns a salsa, o aipo e o chá de camomila – pode-se observar a fórmula molecular da salsa na Fórmula 2.

Fórmula 2 - Apigenina, princípio ativo da salsa



Fonte: Araújo e Andrade (2022, s/p).

A salsa seca contém cerca de 215,5 mg g⁻¹ de arginina, já a salsa fresca contém apenas 45,5 mg g⁻¹ (RODRIGUES, 2011). No caso da salsa observa-se que a quantidade de princípio ativo nas folhas secas é aproximadamente quatro vezes maior do que nas folhas verdes, fato que foi observado no turno 23 quando mencionado o uso de menor quantidade de folhas secas de salsa para preparo de chás.

Quando as participantes **Nina** e **Felipa** mencionam, nos turnos 17 e 29, a forma que se

¹⁴ Aglicona é um composto que, por hidrólise, fornece um ou mais açúcar, sendo a mais comum a D-glicose (GINDRO; LOURENÇO, 2015).

¹⁵ Glucósidos são compostos orgânicos formados por uma porção alicona (GINDRO; LOURENÇO, 2015).

deve ingerir os medicamentos, os resultados mostram que se trata da posologia. A posologia, conforme a Revista da Farmácia (POSOLOGIA..., 2022), é a maneira correta de consumir remédios, conhecer a quantidade, a frequência e as dosagens ideais. É de extrema importância seguir a posologia corretamente para que o efeito desejado seja alcançado e se evite problemas como intoxicação, ineficiência do tratamento e/ou maior resistência à cura.

Levando em consideração a produção dos fitoterápicos, um fator importante a se ponderar é o preparo de amostras, como mencionado nos turnos 30 e 31. A determinação das concentrações, a retirada de impurezas e a padronização das quantidades, tamanho e peso das amostras são de fundamental importância para a obtenção de um fitoterápico puro e eficaz. Neste ponto os resultados da pesquisa dizem respeito ao uso das unidades de concentração, sendo que a concentração comum de uma solução é dada pela razão da massa do soluto em gramas (g) e o volume da solução em litros (L). As unidades usuais são g/L e kg/m³ conforme o Sistema Internacional (SI). Também podem ser expressas pelas unidades físicas g/ml, g/cm³ e kg/L (PAULA, 2016). Ou seja, conhecimento tradicional e conhecimento científico conversam e têm muitas práticas integradas a despeito de fornecerem leituras diferentes do mundo.

5.5 ANÁLISE DO 3º E 5º ENCONTROS

Apresenta-se, a seguir, os extratos 3 e 4 que tratam sobre estudo das plantas Colônia, Algodãozinho do Cerrado e Ipê roxo (FIGURAS 23, 24 e 25).

EXTRATO 3 – Estudo da Colônia

Turno 04 - Magda: O jeito que prepara a colônia é cerca de 20 gramas de folha seca e para cada 100 ml de álcool 70. Essa folha tem que ser seca né, tem que secar ela de alguma forma né, diz para secar numa estufa só que se não tiver a estufa a gente faz no forno mesmo, aí deixa ela por 48 Horas parada, seca e depois a gente vai extrair o líquido que vai sair dela, tipo o amassador de alho mesmo [...].

Turno 14 - Clara: Eu utilizo os óleos essenciais na neném, e eu já vi muito óleo essencial de colônia uns chama também de aupinha, aupinha. E aí tem outras propriedades assim se a gente for olhar o óleo essencial né que o óleo bem concentrado que eles extrai da planta e tem propriedade bactericida, usa para conjuntivite para doença de pele, é bem usado como aromaterapia, por causa do cheiro né.

Figura 23 - Planta Colônia



Fonte: D. L. Nickrent.

EXTRATO 4 – Algodãozinho do Cerrado e do Ipê roxo

Turno 179 - Nina: O algodãozinho do Cerrado é anti-inflamatório e depurativo do sangue então aonde tiver infecção vai sair. A gente faz tipo uma tintura pra tomar e essa infecção vai sair pela urina, não é para colocar no ouvido é para fazer o chá ou tintura.

Turno 180 - Enedina: Foi nessa questão que a gente não chegou nas medidas.

Turno 181 - Nina: Geralmente eu gosto de trabalhar com vinho branco, não de trabalhar nem com álcool nem cachaça, então pica bem pequenininho a cada duas colheres de sopa equivale a 10 gramas, uma colher de sopa bem cheia é 5 gramas, se a planta for verde é 5 grama para 1 litro se planta for seca 10 grama para 1 litro. E o algodãozinho você tem que colocar alguma coisa diurética junta para eliminar a infecção pelo xixi, aí eu pego 20 grama chapéu de coroa com 20 grama de algodãozinho mais 1 litro de vinho branco misturo e deixo curtir por 10 dias e depois coa e toma 2 colheres de sopa por dia.

Figura 24 -Algodãozinho do Cerrado



Fonte: Marcelo Kuhlmann.

Turno 237 - Bairros: Gostaria de saber sobre o ipê roxo para tratamento de

câncer.

Turno 238 - Nina: A gente fala que não tem planta que cura o câncer, mas que fortalece o corpo. No caso do ipê roxo ele fortalece contra 22 doenças. Eu em meus preparos sempre coloco ipê roxo. A cada três meses eu tomo uma garrafada dele, uma xicrinha 3 vezes ao dia. Entenderam?

Turno 240 - Nina: Colocar 30 gramas de ipê roxo em 500 ml de água e toma 3 vezes ao dia. Mas pode colocar vinho branco, é que na água vira um chá, mas o vinho tira mais princípio ativo.

Figura 25 - Ipê Roxo



Fonte: Divulgação/ Articulação Pacari.

Turno 244 - Nina: Quando você for tirar tira a entrecasca, de preferência de um galho, e depois passa um óleo uma argila para aquilo ali cicatrizar não tira até o centro da planta não.

Turno 245- Ciata: Se for pegar de um galho pegar acima de 1 metro do chão.

Turno 246 - Conceição: Tem alguma lua específica?

Turno 247 - Nina: Casca e raiz a gente tira na lua minguante, se você for tirar para guardar se for desidratar dura até um ano. Pra tirar para consumir rápido não precisa, eu gosto de colher só na minguante porque ela está mais pura.

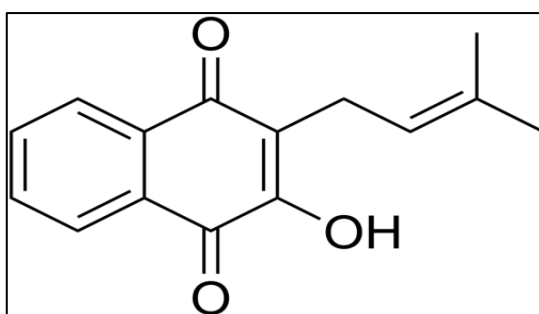
O resultado encontrado no turno 238 relata sobre o uso e a eficácia das plantas mencionadas, nota-se que, mesmo com o passar de séculos, o conhecimento agregado referente a estas práticas de cura ainda é mantido e utilizado. Foi possível ver, também nos turnos 238 e 240, mais uma vez sendo mencionada a relação da posologia com respeito à periodicidade com a qual se deve consumir os medicamentos. O número de vezes e a quantidade de medicamento a ser utilizado a cada dia pode variar em função do paciente, da doença que está sendo tratada e do tipo de medicamento utilizado. Desta forma, reforça-se a importância de seguir rigorosamente as instruções de uso indicadas pelo profissional em questão, sejam farmacêuticos, fitoterapeutas ou raizeiras.

Nos turnos 181 e 240 os resultados tratam da seleção de solvente, momento em que relatam sobre a preferência em fazer a solução em vinho do que em água para extrair com mais facilidade as propriedades da amostra. Isso nos traz novamente a relação soluto-solvente existente entre a entrecasca do ipê roxo e a água ou vinho branco.

Quando a raizeira opta pelo uso do vinho branco como solvente, nos turnos 181 e 240, ela corrobora que o uso de álcool é extremamente explorado como forma de aumentar o poder extrativo sobre as plantas medicinais empregadas nas ‘garrafadas’, buscando extrair uma maior diversidade de compostos, especialmente os apolares¹⁶, que são pouco extraídos com veículos aquosos. Além disso, deve-se destacar a importância do álcool na estabilidade das garrafadas, especialmente contra a proliferação microbiana. A solução em meio aquoso restringe a extração, de um modo geral, apenas a constituintes polares, além de apresentar um período de validade extremamente curto, sob o risco de contaminação microbiana. Provavelmente, por conta disso, o uso de veículos aquosos é raramente empregado (OLIVEIRA *et al.* 2018).

O Lapachol, princípio ativo do Ipê roxo é um produto natural – pode-se ver sua estrutura na Fórmula 3. Segundo Araújo *et al.* (2002) ele é quimicamente identificado como uma naftoquinona¹⁷, extraído do Ipê roxo, com reconhecida ação anti-inflamatória, analgésica, antibiótica e antineoplásica.

Fórmula 3 - Fórmula estrutural do Lapachol, princípio ativo do Ipê roxo



Fonte: Araújo e Andrade (2022, s/p).

Ainda conseguimos identificar, no turno 4, o trabalho com unidades de concentração e seleção de solvente, também a relação da concentração entre as plantas verdes e secas. Quando

¹⁶ As moléculas apolares são praticamente insolúveis em água, pois ela é polar, mas esses compostos tendem a se dissolver em outros compostos orgânicos como, por exemplo, o álcool (MUNDO EDUCAÇÃO, 2022).

¹⁷ As Naftoquinonas são estruturas privilegiadas em Química Medicinal por apresentarem um amplo espectro de atividade farmacológica, dentre elas contra o câncer e infecções bacterianas, A presença de nitrogênio ligado ao anel quinônico, ou 3,4-isoxasolinas, proporcionam uma potencialização das propriedades biológicas dos novos derivados bioativos naftoquinônicos (SILVA, 2014).

a participante Magda diz: “20 gramas de folha seca e para cada 100 ml de álcool 70”, logo se vê a relação entre gramas(g) e mililitros (ml), podendo ser expressa por g/mL. Também o uso do álcool como solvente, pois o álcool é um solvente orgânico apolar, desta forma consegue fazer uma melhor abertura da amostra, extraíndo as propriedades desejadas.

No turno 14 observa-se a prática do uso dos óleos essenciais, tanto como anti-inflamatório quanto para aromaterapia. Azambuja (2019) comenta que, ao se analisar os óleos essenciais pelo ponto de vista físico-químico, considera-se que os mesmos não são considerados ‘óleos’, isso devido ao fato de serem voláteis e possuírem baixíssima viscosidade, bem como por serem formados por misturas de moléculas oriundas do metabolismo secundário dos vegetais. Portanto, são chamados de ‘óleos’ simplesmente por seres hidrofílicos e lipofílicos¹⁸.

Ainda no turno 14 é apontada a extração dos óleos essenciais. Para extração de tais óleos a técnica mais utilizada é a destilação por arraste a vapor, que por sua vez faz parte das operações unitárias de transferência de massa. A destilação por arraste a vapor é um processo de separação usado para purificar e isolar substâncias sensíveis à temperatura, como compostos aromáticos naturais. Adiciona-se vapor ou água ao aparelho de destilação, diminuindo os pontos de ebulição dos compostos. Sendo objetivo desse método aquecer e separar os componentes a temperaturas abaixo do seu ponto de ebulição (COELHO, 2012).

Por último, mas não menos importante, observa-se o cuidado que as ‘raizeiras’ têm com a preservação do meio ambiente, o cuidado para extração de matéria prima e o cuidado com a natureza. Tais cuidados são mencionados por Nina nos turnos 244 e 247 do Extrato 4; esta consciência é fundamental para continuidade da produção das garrafadas e dos fitoterápicos.

5.6 VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS EM GRUPO, FAVORECENDO A AFROTERNIDADE E COMBATENDO O RACISMO

Vivenciando experiências em grupo, momentos de vivências, extirpando o racismo estruturante que impede o crescimento de mulheres negras na sociedade atual e concordando com Edna Martins e Renata Marcilio Candido (2016), que me fez optar por pesquisar *afroternidade* entre mulheres negras, grande família coletiva, pois:

Em distintos contextos históricos, o conceito de família possuiu diferentes configurações, desde os grupos mais numerosos (aldeias, tribos) nos quais todos eram responsáveis pelos cuidados e educação dos menores, passando

¹⁸ Os hidrofóbicos tendem a dissolver-se em água e outras substâncias hidrófilas, já os lipofílicos tendem a ser dissolvido em gorduras, óleos vegetais, lipídios em geral.

pelo modelo tradicional burguês (família nuclear), atualmente trabalhamos com os mais diversos arranjos que se organizam para permitir o suporte necessário ao pleno desenvolvimento do ser humano (MARTINS; CÂNDIDO, 2016, p. 1).

O planejamento tendo toda uma memória entre as vivências com o grupo de mulheres, a formação política como feministas negras e a formação acadêmica da própria pesquisadora. Toda a narrativa dialoga entre a ciência, movimentos sociais-mulheres negras feministas, e a temática *afroternidade*, contudo como já demonstramos na introdução que a *afroternidade* tem uma história que está marcada em vários movimentos da comunidade negra.

É uma prática científica o ato de cuidar dentro do movimento negro. Já na ciência o cuidar é tratado como uma ação que compreende respostas emocionais às experiências, com conhecimentos técnico e científico e com muita sensibilidade de percepção. Neste processo do cuidado temos pessoas interagindo, dialogando, ouvindo, construindo, (re)construindo conhecimentos e ele se dá nas dimensões sociocultural e histórica de grupos que buscam sair da pressão que as sociedades colocam sobre a comunidade negra. Para vencer estas opressões, buscam grupos de mulheres negras, terreiros de Candomblé, casas de cultos de matriz africana e afro-brasileira, territórios quilombolas, grupos de estudos afro-brasileiros, grupos de samba, rodas de capoeiras, rodas de Sussa, blocos carnavalesco, ou mesmo seu grupo familiar. Pois são estes espaços que abrem novos horizontes e restabelecem a consciência de quem somos e de onde viemos.

A *afroternidade* tem marcos históricos nos terreiros de Candomblé, em casas de cultos de matriz africana e afro-brasileira, nas rodas de conversas entre mulheres negras, nas vivências interculturais, nos coletivos de negros e negras nas universidades, nas ONGs de mulheres negras, na luta pelo respeito à vida no planeta e ao meio ambiente. Também é comum encontrar contadoras de histórias que tem, ao seu redor, muitos aprendizes. Tem as parteiras e doulas, que acolhem as crianças que chegam ao mundo. No entanto, os terreiros de candomblé e as comunidades quilombolas sempre tiveram com a tradição baseada na oralidade e pela passagem de conhecimentos sobre as plantas, ervas medicinais e o seu consequentemente cuidado (BORGES, 2011).

Quem vem traz um chá ou um abraço para quem chega. E assim se dá a *afroternidade* no meio das mulheres negras. Foram realizados nove encontros com 75 participantes (60 mulheres negras). O resultado parcial da pesquisa remete à integração entre as participantes da mesma, a catalogação de 156 plantas de uso cultural e cujos diferentes usos foram disponibilizados conforme sua cultura. Esta catalogação vai permitir um estudo sistematizado

para a inserção das mesmas no currículo para o ensino de ciências em todos os níveis; e para a montagem de uma Farmácia Popular Doméstica na sede da ONG Dandara no Cerrado a partir das experiências e do estudo de várias plantas do conhecimento ancestral com saberes e receitas partilhadas no grupo, bem como estudos sobre doenças e curas nas comunidades tradicionais.

As mulheres negras, sempre à frente do tempo, oferecem matéria prima para esta pesquisa, com saberes e curas da alma e do corpo em momentos em que, vivenciando a pandemia da covid-19, com hospitais lotados, voltamos para esse olhar do cuidado entre mulheres negras. Elas que, com saberes ancestrais, impulsionam a todos para agir dentro de medidas que possibilitam acontecer a solidariedade e o acolhimento, para compreender e vencer os transtornos e as doenças que vivenciamos com a pandemia.

PENSANDO O FUTURO

Pensando o futuro é pensar, no coletivo, as categorias abraçadas nesta investigação divididas em seis subcategorias da afroternidade, conhecendo e discutindo a potencialidade da farmacopeia popular do Cerrado; bem como os saberes tradicionais, com a dedicação da mestra pelo Saberes Tradicionais na Universidade de Brasília (UnB), Lucely Moraes Pio – hoje doutoranda pela UnB, professora em cursos de pós-graduação em farmácia, plantas medicinais e saberes tradicionais na UnB e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde ministra uma disciplina chamada Encontro de saberes e outra chamada Curas e cuidados.

Quilombola da Comunidade Cedro, griot, membra da Articulação Pacari, uma das autoras da Farmacopeia Popular do Cerrado, ela nos fala da sua trajetória enquanto uma mulher negra quilombola: “Meu tataravô Chico Moleque, que hoje eu sou a sexta geração dele. E a gente carrega essa ancestralidade de trabalhar com as plantas medicinais, de preservar o Cerrado, de cuidar do Cerrado e também esse respeito da energia que o Cerrado traz pra gente. Porque nós, quilombolas, a gente não usa só a planta como remédio, a gente usa a planta também como energia. E a gente tem cura pela energia, pelo cheiro, por ficar perto de uma planta. A gente fala de ficar perto da nossa planta companheira, da nossa planta amiga, que ela nos oferece energia, que traz a cura do nosso corpo. Além da gente trabalhar com a casca, com a raiz, com a flor, com a folha, a gente também trabalha com a energia da planta, sem ter que extrair aquela planta do ambiente dela”.

Analisando os turnos das oficinas desenvolvidas pode-se entender mais um pouco sobre esta grande mulher negra no Cerrado goiano. Diante da experiência vivenciada, é preciso pensar como agir depois de tantas informações recebidas durante esta investigação.

A *afroternidade* diz respeito ao cuidado e ao autocuidado entre mulheres negras. Que transborda em articulação para Ana Clara Costa (2022, p. 124), que a “[...] nomeia por cerradania, que pressupõe direitos plenos à natureza e tudo que ela comporta”. Nesse sentido, os tratos com a farmacopeia apresentada, demonstrando a necessidade de ter precaução com a segurança uma da outra na produção dos fitoterápicos, da coleta até o processamento; o cuidado com a forma como se refere aos conhecimentos tradicionais; seus entrelaçamentos com as ancestralidades; o próprio conhecimento científico e a didática com a qual os conceitos científicos são explicados, levando em conta o grupo social para os quais são apresentados; e, ainda, o engajamento político inerente à ação, são bases da *afroternidade*.

Partindo desses pressupostos, nas categorias de análise textual discursiva de Galiuzzi (2004) é possível, talvez, ensaiar a escrita de uma categoria analítica que seja também um

‘conceito nativo’, que tenha sentido no cotidiano, principalmente de mulheres negras. Ou seja, que possui um sentido histórico, um sentido específico para um determinado grupo humano (GUIMARÃES, 2003; REGO, 2021). Sendo assim, a tentativa de nomear o cuidado e o autocuidado entre mulheres negras, através de uma categoria analítica, tem a intenção visibilizá-la para que possa ser compartilhada e entendida de forma mais direta e efetiva, pois “[...] não nomear [...] não permite ver como problemas sociais impactam todos os membros de um ‘grupo’” (CRENSHAW, 2002, p. 176) e as soluções encontradas dentro do próprio grupo. Nesse sentido, para demarcar o exercício de deslocamento discursivo proposto, proponho nomear o cuidado e o autocuidado entre mulheres negras de *afroternidade*. Ela deve ser entendida como uma experiência de vida de acolhimento, aprendida com a ancestralidade a partir das vivências de cuidados entre mulheres nos quilombos, nas ONGs de mulheres negras, nas cientistas negras, na capoeira especialmente feminina e nos terreiros e outros. Que em movimento metodológico de luta e resistência, nos chega nos dias de hoje revivendo, reinventando, gestando os gestos da ternura de nossas ancestrais.

Os resultados apontam para a compreensão do conceito de *afroternidade* a partir de seis subcategorias: segurança procedimental, horizontalidade de saberes, engajamento político, conhecimento científico, didática do espaço não formal de ensino e ancestralidade. A seguir fala-se de cada uma delas. E no Quadro 4 em anexo, estão dispostas as subcategorias de *afroternidade* e os respectivos discursos representativos nas oficinas.

Segurança procedimental: turnos em que os sujeitos demonstram a necessidade de precauções com a segurança uma da outra na produção dos fitoterápicos, da coleta até o processamento. Sobre essa convivência das raizeiras com o Cerrado, espera-se chegar a uma “[...] relação de respeito, de sabedoria e de muito cuidado, porque o Cerrado é parte de nós, é a vida que nos permite trabalhar com as plantas medicinais, que nos dão os princípios ativos pra gente trabalhar e cuidar do outro”, conforme ressalta Aparecida Ana de Arruda Vieira, conhecida como Tatinha raizeira de Minas Gerais (REZENDE, 2020). Mas esse ofício tão importante e ancestral das raizeiras enfrenta muitos desafios, como conta Lucely Pio: “É um desafio muito grande exercer esse ofício de raizeira, porque a gente não tem um respaldo das autoridades e da lei. A gente não tem uma normativa que nos favoreça para que a gente possa exercer o nosso ofício, como nas outras áreas da saúde”. É um compromisso continuar lutando por ações de direito das mulheres.

Há vários turnos onde as mulheres perguntam, analisam e refletem sobre essa segurança procedimental durante as oficinas “Nina diz: Que as pessoas que integrar é importante que

depois dê continuidade nesse aprofundamento de cuidar da plantinha... de poder mesmo que você não pode ter na sua casa. Amanhã você pode disseminar essa informação e ajudar outras pessoas. Nos mostram o poder da sucupira e como devemos prepara-la para não perder o princípio ativo da planta ou semente. Fala do poder que tem essa semente de sucupira como um antibiótico mostrando seu poder de um remédio anti-inflamatório dando informações sobre os passos a dar neste processamento da semente até chegar ao objetivo final e a forma de utilizar como medicamento em várias doenças”.

Nina ensina qual é a melhor forma para armazenar as folhas secas das ervas. Fala do tempo de duração desta folha. Em outro momento dialoga-se sobre os cuidados, mesmo que seja fitoterápico, pois cada pessoa é uma pessoa e é preciso ter cuidado em relação àquilo que você oferece como remédio ou mesmo como chá, pois há muitos princípios ativos contidos nas plantas e é preciso conhecê-los bem antes de utilizá-las. Bem como conhecer os sintomas que a pessoa tem, que remédios ela utiliza e se tem algum tipo de doença como pressão alta, anemia falciforme e outras.

Mostra o conhecimento científico ancestral para falar de princípios ativos, quantidades e tempo de utilização, assim como do processo de aprendizagem. “Nina diz: Conhecer bem os princípios ativos que uma planta contém, a quantidade a ser ingerida, o tempo de uso deste remédio”. Lucely Pio, conversando com o grupo durante a pesquisa, refletiu muito e sugeriu muitas leituras e aprofundamentos com as pessoas que detêm os conhecimentos ancestrais para que as novas gerações tenham oportunidade de vivenciar estas experiências que este grupo pôde vivenciar.

Concordando com Rezende, (2021, p.41) que os espaços comuns das comunidades e os terreiros das casas são os lugares privilegiados para esses acontecimentos como nos mostram as Matrinarrativas Cerradeiras (GIRO LEODEGÁRIA DE JESUS, 2022). Portanto, ouçam o rufar dos nossos tambores, escutem os espíritos das matas e trilhem nos caminhos de nossas/os antepassadas/os gestando um novo amanhã.

Nós somos as guardiãs do Cerrado e dos saberes populares que herdamos nossos e nossas ancestrais. Por toda nossa história, lutamos para que nossa cultura e modos de vida resistissem. Unidas na nossa diversidade, afirmamos aqui que o Cerrado brasileiro tem cara de mulher! Essa mulher é resistente, resiliente, negra, indígena, quilombola, feminista, camponesa, assentada e acampada, sem-terra, atingida por mineração e barragens, quebradeira de coco babaçu, sertaneja, pescadora, vazanteira, LGBTQ+, assalariada rural, fundo e fecho de pasto, raizeira, benzedeira, parteira, agricultora familiar, geraizeira, ribeirinha. O Cerrado é um mosaico de vidas e biodiversidades. É berço das águas do país e seus campos e florestas são os lugares que nos alimentam. Por isso, participamos da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado por

compreender a profunda relação desse bioma com nossos modos de vida. (A FORÇA..., 2020).

As raizeiras do Cerrado vivenciaram uma relação de respeito, de sabedoria e de muito cuidado, pois sabemos que ele é parte de nós. É a vida que nos permite trabalhar com as plantas medicinais, que nos dão os princípios ativos para a gente trabalhar e cuidar uma da outra. Estamos num momento muito importante e ancestral das raizeiras, que enfrentam muitos desafios, como bem disse Lucely Pio: “É um desafio muito grande de exercer essa função de raizeira, porque a gente não tem respaldo das autoridades e da lei. A gente não tem uma normativa para poder exercer essa profissão como outras áreas de saúde” (PIO, 2021).

Horizontalidade de saberes: turnos em que os sujeitos da pesquisa demonstram cuidado com a forma como se refere aos conhecimentos tradicionais. Para Tânia Rezende a escola somente prescinde desses loci fundamentais de construção de conhecimento e desses conhecimentos construídos e mantidos nesses loci porque está presa a uma matriz epistêmica moderna colonial euro-andro-centrada. Afinal de contas, hierarquizar os conhecimentos e as maneiras de os conceber, construir e expressar é um princípio de dominação. Valorizar e prestigiar alguns conhecimentos mais que outros, estigmatizar a narrativa e a oralidade em favor da argumentação e da escrita são maneiras de inferiorizar corpos, territórios e historicidades em favor de outros, considerados superiores (REZENDE, 2020).

Augusta, dialogando com o grupo: “Estamos no mês das mulheres e eu acho muito importante estarmos fazendo esse trabalho, principalmente nós mulheres negras. E se a Nina falou a questão do chá e do sumo. Disse 10g e 20g, traduzindo Nina esse 10g é também, a gente tem assim, é pessoas como ‘raizeiras’, nossas conhecedoras do assunto, sabedoras, é falado ‘punhado’, aquele punhado para fazer um chá, aquele punhado para fazer principalmente para o chá, então queria que você explicasse”.

Então, Nina diz que é importante a gente se organizar e ir pensando na vigilância sanitária, porque se você fala para o agente um ‘punhado’ ele vai falar questionar sobre quanto é que vale esse ‘punhado’. “Então, eles têm um linguajar que não é o nosso né, então o que que a gente faz? A gente está começando a nos adequar nesses moldes porque a gente tem um sonho, acho que vocês também têm. O sonho de um dia a gente ter uma farmácia de medicina caseira que a gente possa estar fazendo parte com a Secretaria de Saúde”.

Então por isso a gente já começa a se organizar, em vez de punhado já diz a peça escolhida, para saber quantas gramas que é que vale um punhado e a gente espera, além de

disso, desenvolver outras técnicas. Porque tem pessoas que não tem uma balança para pesar, mas ela tem uma colher de sopa, ela vai picar a folha bem picadinha e transformar isso em gramas. Como diz Tânia Rezende (2021): “[...] depois de muito viver e de muito assuntar a vida, do modo ressabiado que garante a existência do povo cerradoeiro, fui entendendo que a narrativa oral é loci afetivo, epistêmico e pedagógico para muitos(as) de nós”.

Como visto anteriormente, em primeiro lugar temos que cuidar de nós mesmas, das nossas famílias, para a gente viver melhor. Cuidado de nós mesmas para viver melhor e, então, uma vez tenha cuidado de si mesma, poder cuidar dos outros. “Agora eu tenho segurança, pois já usei os remédios e aí posso ajudar outras pessoas a se cuidar...foi bom? Perguntar para a pessoa... qual é o sintoma que você sentiu quando tomou... se teve algum efeito, se melhorou”. E aí assim de ter se cuidado. Porque a planta é natural, mas ela mata também. Então a gente pode levar uma pessoa para o médico, pode levar uma pessoa à óbito, se você dá uma planta errada. Então tem que ter certeza que é essa a planta mesmo que você quer. Especialmente quando a gente está no processo de aprendizado.

Lucely Pio chama a atenção para a variedade das plantas do Cerrado, a planta nativa pode ter várias parecidas, várias da mesma família, a que tem o princípio ativo que se pode usar tem três espécies, mas só se usa uma. Diz que é preciso ter certeza daquela que não vai ter risco de vida. E quando tem uma planta que se sabe que ela é perigosa, é melhor nem indicar. Tem que ter muito cuidado; se ela é venenosa então é melhor nem usar. Se quiser faça uso próprio ou então prepara aquele remédio com dose certinha para poder passar para o outro.

Preocupação, seriedade, ética para não pôr o serviço em risco, alerta Lucely Pio. É preciso, então, ter muito cuidado, de conhecer, de saber os horários para colher as folhas – tem que levantar de madrugada, 5h30. O horário da coleta da planta é muito importante para que você tenha um bom remédio; ao lavar, deve-se ter todos os cuidados para ter um bom princípio ativo ali, no remédio. Outra coisa que ela ressalta é que quando se vai colher no Cerrado não se deve colher na beira da estrada, onde tem contaminação, procurar um lugar sempre mais dentro da mata par a colheita.

Lucely Pio mostra a importância do que Bairros conta: “O que que você fez experiência para que a gente tem primeiro baru ele é anti-inflamatório né e os homens adoram porque diz que é estimulante sexual na experiência de indicação de baru. Essas são as respostas que as pessoas trazem para nós guardar. Vejam Enedina ficou doente para mim foi um grande desafio a preocupação de poder ajudá-la a se cuidar que eu acho que todos sabem que passou por um processo de problema na coluna é muito sério né, precisava de ajuda para ir ao banheiro. E uma enfermeira amiga nossa lá do Tocantins me falou que tem um amigo médico aqui em Goiânia

que é ortopedista. Aí eu falei com ela perguntando o que que ela indicaria para coluna de plantas naturais? Imediatamente falou do baru para mim, aí falei com a Enedina se ela queria fazer experiência e ela me respondeu: qualquer remédio que me tira desse lugar aceito. Também para isso é importante sua fala...E aí eu e uma comadre fizemos a trituração da semente do baru e a Enedina fez uso quase um ano, Enedina que você usou a semente do baru inteira triturada não é fácil de triturar, é muito difícil, é muito dura a semente, mas aí a gente conseguiu triturador de ração animal e foi ali naquele lugar que foi triturado uma lata de baru, semente de baru secou e a Enedina fez uso dessa mistura da semente (Coco) inteira na verdade que essa casca de fora e a semente do fruto do baru inteiro, depois colocava no vinho e tomava duas vezes ao dia... Depois foi reduzido, né E aí a Enedina tá aí para todo mundo ver... a gente vê e agradece bem, né, que a coluna praticamente ficou curada”.

Bárbara diz: “Mas eu vendo vocês falarem sobre o Baru a minha mãe, a minha família passou por isso também. Minha mãe tinha reumatismo Enedina e era muito sério, doloroso e ensinaram essa receita do baru no vinho, e a inflamação baixou e foi melhorando. Ela foi buscar essas castanhas de baru muito longe e tomou por alguns meses esse remédio do Baru e o reumatismo dela cedeu. Então realmente é verdade mesmo, nós passamos por isso”.

Então Nina nos fala que tem no terreiro de sua casa tudo de que precisava para curar os males das pessoas que a procuravam, é saber procurar no lugar e na hora certa. Algumas raízes ou cascas de árvores maiores as vezes é no Cerrado, outras estão bem ali, no fundo do quintal. E sabemos que nunca devemos entrar na horta, no mato, no cerrado, no rio ou em alguma casa sem antes pedir licença e se preparar para ouvir as donas ou donos do lugar. Essa é a dica de todas as mais velhas. É bom saber ouvir e esperar resposta pois assim você irá fazer o bem (REZENDE, 2021).

Engajamento político: turnos de fala em que há a discussão explícita sobre racismo, sexismo, antirracismo, antissexismo e outros temas. Enedina fala do ‘Investiga Menina!’ No Colégio Estadual Solon Amaral, o qual as/os alunas/os do Ensino médio, graduação e pós-graduação davam aulas de 15 em 15 dias para estudantes mostrando experiências de químicas experiências que podem serem feitas como mexer com o cabelo afro, descolorir o cabelo, falar do cabelo, da comunidade negra, falar do cabelo de forma geral. Experiências com o pó de café, pegavam de três a quatro ônibus para poder chegar até lá. Isso mostra o poder que tem esse processo articulador e formativo de novos/novas cientistas negros/negras.

Com essa experiência Enedina conta que daí vem o Afrocientista, que é um filhote do ‘Investiga Menina!’. Mas Sônia, sendo a presidente da ABPN, sendo uma Dandara, achou

interessante que esse projeto fosse realizado em nível nacional, para 100 alunos beneficiados e que puderam fazer suas escolhas com a mesma linha da pesquisa do investiga, com uma amplitude maior. E dentro desse projeto Sônia sempre envolve todos os estudantes. Independente se é doutorado, se é mestrado, se é graduação, nível médio, todos para ela têm o mesmo patamar. E a gente tem um grupo de estudo dentro do LPEQI, que é o Coletivo Ciata.

Enedina: “É mesmo que hoje é véspera do Dia Internacional da Mulher, a gente queria vir e trazer essa fala do autocuidado, Lucely Pio e a sua fala que é muito importante para as mulheres negras. O mundo inteiro tá reunido, né? Discutindo a questão mulher e da igualdade racial. Sabemos os desafios que as comunidades quilombolas tem. Você tem um saber tão importante, tão grande e não tem o espaço e as condições necessárias pra contribuir nesse momento, de repassar as suas informações, o seu conhecimento, por falta de tecnologia. E a gente fala que essa investigação buscou trabalhar um pouco isso, justamente pra trazer um pouco esse conhecimento que você tem a tantas outras mulheres. O que na verdade não dá pra colocar todo esse conhecimento assim tão rápido. E estamos agradecidas de você estar conosco neste momento tão importante trilhando esse sonho, da esperança e da continuidade. O sonho da história oral, que não foi escrita por ninguém, mas que sempre foi transmitida oralmente”.

A data de hoje é memória de luta, de dedicação, entrega prol dos direitos das mulheres. Então, Nina faz sua fala partindo da saúde das mulheres dentro desta investigação: “Vamos falar sobre a planta calêndula que é uma planta que ela trabalha muitos sintomas... a gente usa no hormônio natural para fazer reposição hormonal. Essa planta que a gente até chama ela de planta da mulher. Então plantas do hormônio são plantas mais ligada no feminino e a calêndula é uma planta que ela trabalha também suas emoções, ela desfaz as emoções, as tensões que quando a mulher entra na menopausa. Quando a mulher entra na menopausa ela perde várias coisas... cada planta daquela vai agir numa parte do nosso corpo. Vai trabalhar a nossas emoções e desfazer isso nesse período da passagem da menopausa”.

Bairros fala um pouquinho da experiência com a calêndula: “Uso muita calêndula para tratar alergia né Para mim tem um resultado fantástico para tratar alergia eu falo do lugar que sou alérgica a 10 coisas diferentes que desde que descobri a calêndula graças a Deus minhas crises são bem controladas, fraca, quando eu sinto que eu vou ter crise eu já recorri a minha tintura de calêndula ou os chás...”.

Nina fala sobre a cavalinha é uma planta que é diurética: “Por que a gente coloca uma planta diurética na receita? Por que tudo aquilo que é impureza que vai sair, ela vai passar no nosso rim, então a função da cavalinha nessa receita é para purificar nosso rim e a cavalinha tem colágeno e a colágeno ela faz muito bem para nós principalmente para nós mulheres. Então

a função da cavalinha é essa limpeza do nosso corpo e fortalecer nosso colágeno que é uma coisa que a gente perde quando chega na menopausa. A pele fica muito flácida que tá muito flácida então a cavalinha vai ajudar nesse processo pode fortalecer a pele para pele não ficar flácida por isso que ela é colocada nessa receita aí também. “O ipê roxo todo mundo já sabe o potencial que tem o ipê roxo né então é uma planta que a gente usa então. Usamos em todas as formulas que faço aquela que nós estudamos...sabe que ela cura mal de Parkinson, aumento dos glóbulos vermelhos ela tem uma série de coisas dentro do Ipê roxo e é uma planta que o uso dela em todas as receitas. Vocês não têm noção quanto de gente que usa essa receita então tem vários ginecologistas aqui que já pede para as mulheres me procurar esses que tem mais uma noção de coisa de produtos naturais ele já pede para procurar. Engraçado que a gente pede para depois a pessoa depois de 30 dias já começar medir a taxa de hormônio a gente vê o quanto a pessoa fica bem tipo tem. Outro problema é que muitas mulheres que quando me procure já está com ressecamento de vagina. Então acompanho e daqui 30 dia esses sintomas praticamente já sumiram tudo por que essa... esse conjunto de planta ele vai trazer aquela força, aí tem que trabalhar todos os órgãos do nosso corpo então mulher está com um pouco de libido que me procura aumentou. Isso é uma função das quais os sintomas que vai ficar aparecendo depois do uso e a gente vai passando né na ficha da pessoa nesse acompanhamento...”.

Lima diz: “Eu ajudava minha avó ela era benzedeira, curandeira, ali no Guapó-GO, Abadia de Goiás, tinha um quilombo ali... E ela sempre, eu ia com ela, uma coisa que eu não nunca esqueci foi a carobinha. Ela era mais difícil de achar e ela sempre procurava o carapiazinho, né, então a gente ia para lá para carregar um sacão, ela é mais velhinha carregava um sacão de raízes então eu quero agradecer... muito importante esse Resgate aí, porque eu ajudava minha vó só que eu não lembro hoje para que essas raízes serviam...novinha trepando nas arvores, mais só que eu não lembro mais o quê remédio para quê? Porque ela não falava para gente. Porque eu a ajudava levar e fazer garrafada. Foi maravilhoso participar destas oficinas, porque eu sempre gostei quero somente agradecer a vocês, viu, esse projeto, não sei Nina você, Enedina, com as meninas aí, que agora que eu tô conhecendo Magda. Então para mim é um presente de Deus, muito obrigado”. Então Nina responde: “Deixa eu te falar um pouquinho o Carapiá ela é uma planta que a gente usa para sinusite e renite alérgica e a Carobinha é depurativo do sangue, quando tá saindo muita pereba muita ferida no corpo aí o chá Carobinha na garrafada para limpar o sangue é um dos melhores depurativos...”.

Mazama: “Quero agradecer a Enedina que colocou o convite no grupo da Rede de Mulheres Negras Goiana. Fiquei conhecendo hoje. Estou achando fantástico, como algumas meninas colocou ali no Chat...agradecer a Nina. Orgulho de te conhecer... Prazer de conhecê-

la Nina, prazer em conhecer você e as outras meninas, que participam... fantástico é uma coisa que eu pessoalmente né gosto disso e eu uma mulher negra, sabendo deste resgate, sabendo que vem de uma comunidade quilombola, que os conhecimentos de algumas plantas vêm dos nossos ancestrais, já trazem esse conhecimento do continente africano. Importância histórica também. Agora quando fala assim perguntar para os avós. Eu já não tenho. Minha mãe tem 88 anos e mais eu posso perguntar para ela pois nos curou com remédios... agora quando fala de conhecer uma farmácia eu infelizmente eu não tenho conhecimento e se é de referência eu não sei... não conheço... eu mesmo manipular eu não sei... como vou ter esse saber. Talvez se tivesse essa farmácia seria muito melhor. Mas por conta da pandemia eu sei dessa dificuldade. Estou aqui pensando gente, imaginando eu queria fazer todos esses remédios como eu já estou no climatério e problema de coluna... fico imaginando se a Nina tivesse uma referência aqui em Goiânia. Um lugar sério seria interessante nos indicar..., mas também tem outra questão que a Nina pode nos falar ...porquê... eu assistir uma Live com uma terapeuta da Bahia falando sobre remédios. Eu vou lá vou comprar... e que nem tudo é para todo mundo. Enedina no início da oficina refletiu sobre isso. Quais os remédios são para todo mundo? Isso ascendeu mais uma luzinha amarela ...acho que vermífugo, alguns remédios para uma coisa ou outra..., mas quando são remédios para cuidar do emocional, né que a Matilde, ela falou que é do Mato Grosso... eu tenho a questão emocional, mas de repente a questão que desencadeou o emocional em mim... não é o mesmo da outra pessoa... estava falando dos remédios para alergias, mas cada remédio e pessoas são diferentes. Por isso pedi o telefone da Nina, pois já quero fazer um monte de tratamento completo das coisas que está me atrapalhando aqui. Por isso fico me perguntando quais medicamentos vamos ter na farmacinha que será de uso geral e os específicos... porque nessa Live que fui fazia se uma pergunta se alecrim é para todo mundo usando? Tava falando sobre isso. Também já trata a questão da religiosidade, da ancestralidade. A questão da árvore Nina eu achei maravilhosa a referência. Eu tenho muito contato com pessoas da religião de matriz africana, esse contato com a natureza ... essa questão da árvore maravilhosa...”.

Dalva diz: “Enedina muito obrigada, por poder participar deste grupo... realmente sou uma mulher negra crua no assunto, mas eu tenho muito interesse e hoje em dia eu ando trabalhando e aprendendo a fazer os cursos de terapia principalmente de Cultura de música.... Tenho interesse em aprender trabalhar remédio caseiro com plantas medicinais... que eu vou mudar para chácara né aqui eu tô pensando agora. E aí interessante da questão funcional da gente né envolve muito porque a gente sente isso e as pernas dói, as costas. O que é a mudança do corpo... porque eu não tenho nada... é a mudança do nosso corpo.... Uma mulher. Que mulher? Eu raciocinei nada agora no momento né quantas mulheres trabalham, as outras então

acho que sim, nós mulheres maravilhosas né... Ansiedade e doenças verdade vai fazer com que não são as mulheres, mas toda a população pode contribuir, né a melhorar as pessoas que tinha compromisso, com a energia, com o despertar dessa nossa oficina preocupar muito com essa energia desses saberes é uma renovação é um momento de renovar e eu tô ...preocupada com o pós pandemia covid-19. Muito contente temos compromisso com a energia e estou muito contente de ter encontrado vocês... Muito obrigado”.

Enedina apresenta o filme ‘Afro argentinos’, que faz uma reflexão sobre identidades “Aí tem que dar a identificação e a autodeclaração racial é um processo individual uma vez que envolve uma percepção de si próprio e do outro muitas vezes o resultado de uma reflexão de auto descoberta construída com base em fatores que vão além da cor da pele e podem envolver origem, classe social, sentimentos, a pensadora brasileira a Lélia González nos apresenta os conceitos de América Latina, Americalandina...que trazem uma abordagem mais ampla e que levam em consideração a interessante debate sobre nós... que envolve a união da população negra e o reconhecimento da sua influência na formação histórico-cultural do continente americano como um todo no Brasil país com uma das maiores população negra fora do continente africano. Essa é a forma de coleta de informações sobre cor e raça oficial do IBGE”.

Bairros diz: “Isso vamos aprendendo...o vídeo faz o resgate...que a gente acaba achando que o Brasil tá desligado né aí para mim Argentina! Nem imaginava que tinha toda essa experiência afro...sabe porque a gente não escuta quem fala... né. E aí para mim outra coisa que me veio na hora que o filme acontecia é desse lugar que a gente vê que tá registrado na nossa memória, na memória da maioria da população, não só brasileira, mas da América Latina em aonde tem negro, né. Aonde a gente rotula onde está a figura da mulher negra sobretudo...registro na nossa memória... O branco mais inclusive. Nós também mulheres negras né reforçamos nesse lugar de mulher negra colocar na cozinha tá ligada a questão da prostituição, em e nós somos muito mais que isso, eu acho que o filme vem para mim mexer lá exatamente nesse lugar. E ao fazer esse resgate ninguém diz para nós que o Tango é uma dança afro. A gente é o que a gente é.... Aquele cara disse que ele é casado com uma mulher branca que que o filho dele é negro. Me coloco no lugar dele. Por que os meus filhos eles são o que eu representar, significar para eles”. Enedina diz: “A sociedade vai dizer para eles não... A questão da melanina muita das vezes ela determina o seu lugar, né. Quanto mais você tem, mais você é caracterizada/o quando menos você tem, menos você é caracterizada, mas no momento que você é e não tem como camuflar”.

Bairros: “Eu acho que o filme traz as questões das camuflagens... Dr Chocolate a gente se tende querer se camuflar com essas novas palavras para não ser negra...”. Então, Enedina

diz: “Também eu falo isso porque aqui uma vez teve uma festa ali na casa das jovens quilombolas e estava todo mundo. Quilombolas todo mundo preto, preto, preto, aí uma irmã branca aí ela foi para festa. Ai que as pessoas percebem o que é sentir discriminada... aí não tinha outra branca na festa ela ficou sem lugar. E assim são as minorias na universidade. E a maioria nos olhos da sociedade. A maioria nos ônibus, em outro lugar de força de trabalho. Mas a gente não é reconhecida ainda. Alguns desafios que nós, ainda temos pela frente. E participava de discussão do PL 02 falando sobre a questão das políticas antirracistas nas escolas... continua ignorante sem saber a história e aí olha nos livros didáticos muito pouca a história do povo negro. Mas a história nos livros as pessoas que têm não são negras, indígenas e da história da homossexualidade. Isso sempre existiu e Sempre existirá mais os livros não trabalham. Não pode trabalhar os direitos sexuais reprodutivo e com isso quando alguém joga uma criança fora todo mundo condena essa pessoa.... Por que uma mulher só faz um aborto, só jogar uma criança na rua porque ela não está bem de saúde ou ela está depressiva ou ela não teve acolhimento em lugar nenhum...a gente as condena. Todas as quem tem um bebezinho fica lá, ai mas essa mãe não presta. Aí não, coitada dessa cidade...mulher.... Comunidade.... Esses dias aí menina o negócio que alguém jogou um bebê fora aí eu falei, mas será que ninguém nunca viu essa menina, nunca deu carinho para ela, quando ela estava grávida né.... A escola não dá, por não ter dinheiro ou muita das vezes não vai para escola porque lá foi discriminada. Uma reflexão ampla para a gente entender como é o processo dos afroargentinos porque não é fácil ser um afroargentino, mas eles se organizaram e resistiram. E aí quem mais quer falar... Jurema seu microfone tá fechado...É isso mesmo...”.

Como vimos que a família é o porto seguro, mas estamos sendo desafiadas a entender esse nosso porto seguro e fazer a ternura acontecer, deixar o afeto chegar, pois exemplos nós temos do que vieram antes de nós, que resistiram e resistem. Veja a lição de Lucely Pio, Dona Ana e Dona Marta: “Elas tinham no terreiro de suas casas tudo de que precisavam para curar os males das pessoas que as procuravam”. Algumas raízes ou cascas de árvores maiores elas buscavam no Cerrado, que estava bem ali, no fundo do quintal. E para Ailton Krenak e Tânia Rezende nos alertam que,

[...] uma consequência dessa devastação é a pandemia da Covid-19¹⁹. Curiosamente o SARS-CoV-2, da grande família denominada de Coronavírus, que gerou a Covid-19 e acarretou a atual pandemia, só contamina, adoece e

¹⁹ Por exemplo, durante os primeiros casos de covid-19, no Brasil, foi uma cientista negra que se destacou entre muitas pesquisadoras, ela é a Jaqueline Goes. O site criado e liderado pelas mulheres negras destaca a ‘luta pela ciência’. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/jaqueline-goes-a-pesquisadora-que-luta-por-mais-mulheres-na-ciencia/>. Acesso em: 8 jun. 2022.

mata pessoas, ou seres humanos. Essa doença ataca principalmente o sistema respiratório, tira o ar, mata sufocado. O vírus faz com as pessoas o que as pessoas fazem com o planeta, mas pensar que é vingança é reproduzir o raciocínio “branco”, isto é, moderno colonial. (KRENAK; REZENDE, 2020, p. 49-50).

Contaram que nunca entrava em sua horta, no mato ou na mata cerrada sem antes se prepararem, sem pedir e aguardar a licença das donas do lugar, que não era elas (REZENDE, 2021). Também lembra a lição da “Cachoeira do Machadinho era aquela que tirava, além da vida, o direito ao morrer com dignidade, na perspectiva cristã católica branca. Para nós, isto é, dona Marta, dona Ana, eu e muitos(as) outros(as), ela era a Água Maior, Senhora do Cerrado, a que fazia justiça aos homens, tirando-lhes o oxigênio que a Mãe Terra lhes dava de graça. A única exigência em troca era o respeito. Por isso, entendíamos que eles não faziam por merecer o que recebiam, porque não respeitavam a espiritualidade das águas e das matas”.

Conhecimento científico: denota discursos tipicamente científicos da biologia e da química que aparecem nos extratos.

Dona Marta benzedeira nos diz que ‘há lugares licenciados, os lugares que podem ser frequentados livremente, e há lugares que não podem ser frequentados, os não licenciados. Para adentrar às matas e às águas, é necessário se preparar, pedir e obter licença das guardiãs dos lugares. (REZENDE, 2021).

Para Krenak (2020) os humanos estão ‘comendo o planeta’ por isso registra-se alguns passos desse conhecimento trazidos por várias mãos iniciando com Katemari, que diz: “Na casa da outra minha irmã que já trabalhava com essas plantas no projeto que a gente tinha um projeto saúde natural que chamava 1001 Ervas & Sabores. Aí também esse projeto era mais coisas naturais, remédios naturais, comida, essas coisas. Que planta é essa?... Essa planta aqui é a babosa, essa outra é a salsa. E Enedina então fala “aqui a gente quer ver além da planta, as potencialidades dela”. Nina você quer falar um pouquinho sobre essa planta? Nina Diz: “A Salsa é uma planta que ela faz uma coisa. Ela faz uma limpeza geral vai estar em toda a parte do nosso corpo né, principalmente essa parte mais feminina né. A gente fala que a salsa ela é a planta da saúde da mulher, é uma planta que é mais usada pelas mulheres. Fala também sobre o sumo e o chá. Sobre a validade. Mais se esse processo que a folha é batida, é esse processo aí que eu tô chamando da validade. Aí perde rápido o princípio ativo, porque todo sumo o princípio ativo dele dura 12 horas. Agora se a senhora fizer uma infusão aí é diferente. A senhora vai pegar a folha colocar dentro da água sem bater e deixa de infusão aí dá pra usar uma semana. É diferente de quando faz com o sumo porque usa todas as partículas da planta aí

ela é quebrada e quando quebra ela, a validade é menor. Porque quando o nosso organismo rejeita alguma coisa porque cada planta ela tem uma substância e ela tem dentro daquela informação dela que é o DNA da planta. Então o que que a gente tem que ver no caso a gente vai fazer um biótipo... ver o que que seu organismo suporta... simplesmente pegar que cada um de nós tem o nosso DNA cada um de nós tem a nossa formação, nossa da célula do nosso corpo, então faço a consulta faço avaliação e vou pedir pra voltar no outro dia porque eu vou falar através daquela data aí, vou fazer o equilíbrio do corpo dela para mim saber qual é a planta que eu vou colocar naquele remédio dela. Então assim, eu não vou pegar a formulação pronta e te entregar porque cada um de nós tem o nosso DNA”.

Magda diz: “Acontece igual essas informações que eu encontrei a respeito da colônia isso tá registrado na farmacopeia brasileira. Então significa que isso foi estudado por alguém, né. E que realmente ela tem essas características, mas igual outras características iguais você falou é de fazer de outras partes da planta e tudo, mais talvez isso ainda não tem esse resultado, né não tenha sido estudado lá no laboratório como que faz? Que qual a quantidade adequada? Qual o tanto que faz bem? né. Então é por isso que é importante a gente fazer esse processo, né para saber mesmo a quantidade certinha? Para que que serve? Se tem outras utilidades para tratar outras doenças e outras coisas”.

Ciata diz “Mas sobre a colônia a eu tenho experiência muito interessante com ela com óleo principalmente mesmo óleo essencial da folha que a gente já destilou, e casos de pessoas que teve derrame né para fazer a massagem diluir um pouco do óleo essencial com óleo de gergelim e massagear e os movimentos voltarem mais rápido a gente acompanha os casos bem interessante sabe de fazer a massagem na pessoa que tava com paralisia por causa do derrame e melhorou..., como não sei se já falaram antes também dela para questão de pressão ela já é bem conhecida também né o chazinho da folha, da flor para pressão. Mas em outros lugares utiliza a raiz... não sei como fazer ele”.

Magda diz: “Ciata, tá bom. E aí nesses estudos que a gente foi lá tentar entender um pouco melhor para saber para quê que serve e o que que é esse algodãozinho. Encontrei algumas informações que tá na própria Farmacopeia do Cerrado. E as partes utilizadas desse algodãozinho vai desde a folha dele, as flores e os frutos. Ok então! Então... como eu estava dizendo né, as partes utilizadas desse algodãozinho vão desde as flores, as folhas, os frutos e até mesmo a batata dele. E aí eu fui dá uma estudada a respeito dos usos medicinais que até muitas de vocês devem conhecer também... então eu encontrei algumas informações a respeito do pó ou do polvilho feito desse algodãozinho tá?! Esse algodãozinho tem duas variedades o algodãozinho que ele é o amarelo e o algodãozinho que ele é o roxo e quando fizer o polvilho

dele, desse pó dele tem que ter cautela no pó desse quem vem do roxo porque ele é mais forte. Então a quantidade que vai ter que utilizar é menor”.

Magda diz: “Então a recomendação, os cuidados que a gente deve ter a respeito desse algodãozinho é justamente na quantidade, usar somente a dose recomendada? Pra evitar a qualquer tipo de intoxicação, apesar de lá na Farmacopeia do Cerrado eles não informam nenhum caso de intoxicação por algodãozinho né, mas mesmo assim a gente precisa de ter cautela aí no uso dele, tá?! Agora então Enedina você quer comentar alguma coisa? E as outras meninas também?”.

Nina diz: “E nenhuma planta a gente, não tem um uso prolongado por muito tempo. Igual no caso quando a gente faz aquela tintura do alecrim a gente coloca 9 gotinhas...é o que nosso corpo suporta..... então e aí depois dá uma parada com 15 dias...depois de usar mais 30 dias, se você ainda não melhorou o suficiente. Então vai fazendo essa alternância. Porque nenhuma planta a gente a usa três meses, quatro meses direto. A gente dá uma pausa para o nosso organismo limpar aquela toxina que a planta tem para depois a gente voltar a tomar. Se a gente não curou do problema durante os 15 a 30 dias então toda planta medicinal a gente faz essa alternância de uso. A Melissa que ela faz o mesmo efeito do alecrim. Então a gente procura usar a mesma planta que vai trabalhar, mas não a mesma planta durante um mês seguindo então os cuidados que a gente tem é isso e também, a gente usa também na alimentação. Em vez de você fazer o chá ou você tomar a tintura, você pode colocar ele na sua alimentação, no seu tempero que é uma forma também da gente prevenir. Cuidando da nossa saúde dentro da alimentação no tempero, na salada, ou coloca ele dentro do azeite, a maioria orienta assim: colocar os galinhos verde dentro do azeite ou do vinagre e na hora que for temperar a salada, ela usa ele na salada, que a maioria orientam assim colocar o galho dele verde e deixa curtir uns dias, então a gente usa também dessa forma”.

Magda diz: “O uso do Jatobá é para os usos medicinais, mas eu encontrei algumas outras informações que eles também que ele também pode ser utilizado com para tratar feridas, as cistite, cólica, doenças respiratórias, feridas na boca ou no estômago, prisão de ventre, na digestão diz que seria fraqueza, problemas na próstata, tosse, laringite, enfim há uma série de coisas que ele tem propriedades, só que aí como que a gente vai utilizar ele, só, aí gente precisa da Nina para nos confirmar tá. Então ele tem propriedades adstringente, antibacteriana e antifúngica, anti-inflamatória, antioxidante, descongestionante, diurético, expectorante, enfim é uma série de propriedades que esse Jatobá tem e aí na receitinha que eu encontrei dele precisamos confirmar para a gente não fazer nada de forma incorreta, até porque a gente precisa saber a quantidade certa né, como que usa essa casca, como que usa essa folha, para gente não

fazer uma receita, aí uma quantidade de errada, alguma coisa nesse sentido. Então esse foi o Jatobá. Aí deixa eu ver aqui, oh, Enedina, já posso falar sobre a outra planta”. Enedina diz: “Não, para aí. Aí nesse estudo não falou sobre a resina e na receita que a Nina inclusive deu fala sobre a resina. Aí a gente precisa aprofundar muito sobre uma planta. O Jatobá principalmente”.

Bairros diz: “Além da resina tem o vinho de Jatobá que é um líquido que sai do tronco da árvore, que ele é usado muito no interior. Enedina diz óleo de pau? ” Bairros diz: “Não. Vinho de Jatobá, ele é o depurativo do sangue, como saiu o óleo copaíba, no Jatobá também sai esse líquido...”. Bairros diz: “Para ajudar a complementação a farinha de Jatobá que é comercializada, tem uma médica aqui em Goiânia ginecologista que ela indica quando a gente entra no processo da menopausa, ela indica a farinha de jatobá para fazer o equilíbrio hormonal. Eu compro também farinha de Jatobá dessas casas que vende produtos naturais é comercializado inclusive...”.

Nina: “Quando a gente vai fazer algum remédio ligado ao emocional e o praticamente todos os remédios que eu vou fazer eu gosto de fazer... depois que eu aprendi... porque eu gosto de muito observar que energia que a pessoa tá vibrando naquele momento... quando eu vou fazer eu vou conversar com ela porque assim como eu trabalho nessa parte mais de energia então eu gosto de fazer o remédio depois que eu faço avaliação, depois que eu converso, depois que eu sinto um tranco como que a pessoa tá, aí que eu gosto de fazer o remédio que cada pessoa tem um DNA diferente então às vezes ele tem o alecrim que eu passei para uma pessoa tomar eu já vou passar Melissa, porque depende da energia que tá vibrando ela naquele momento do atendimento e também Além disso eu também gosto de fazer avaliação das plantas para mim fazer o remédio as pessoas muitas vezes tem pessoas que vou fazer o remédio com 10 plantas”.

Enedina: “Por isso aquela ficha (Anamnese) que pedimos para todo mundo responder ela tem uma dessas funções. Mas além dessa ficha quando vai se fazer de atendimento passar uma medicação Mazama é muito importante essas avaliações ...aqui no grupo nós temos Nina que faz esse acompanhamento né e a Bairros também ela faz acompanhamento, mas ela faz com outra linha né mas também muito importante...Portanto vimos que o conhecimento científico tem várias formas de ser experimentado e achar meios de um bom resultado colocando nossa energia a serviço da vida”.

“A ciência e a tecnologia acham que a humanidade não só pode incidir impunemente sobre o planeta como será a última espécie sobrevivente e a única a decolar daqui quando tudo for pelo ralo” (KRENAK, 2020, p. 63).

Didática do espaço não formal de ensino: turnos em que os conceitos científicos são explicados levando em conta o grupo social para os quais são apresentados.

Em noite de lua cheia, qualquer lugar é espaço para instaurar o “terreiro” para a fogueira e a roda de conversa, de prosas, causos e muitos risos. O “terreiro ancestral”, físico ou simbólico, é o lugar das narrativas, do afeto, da criação e manutenção dos vínculos entre os grupos, é o espaço de manutenção e transformação dos conhecimentos, das linguagens e é um importante espaço de aprendizagens. (REZENDE, 2021, p. 38-58).

Ancestralidade: turnos ou expressões que denotem tratamento diferenciado pelas mais velhas. Enedina diz: “Nós fomos parar nos quilombos né e daí ajudamos a organizar as mulheres do Quilombo se hoje tem muita gente na faculdade eu digo que nós temos um pedaço da contribuição da Dandara no Cerrado principalmente na organização das associações quilombolas do Estado... A Augusta também participou e ajudou muito no projeto de formação muito grande... A Bairros grávida de 7 meses... e fazendo Tranças... esse foi um projeto nosso inicial, ... e eu penso assim nossas rodas de conversa foi muito além disso né... ele gerou muitas outras opções para essas mulheres ... até Bairros ela com aquele barrigão até o cara da Furnas dizer? Mulher você nem pode ir na frente porque você tá grávida você não tem medo desse bebê nascer. E na verdade Bairros virou e disse: não lá no mato tem muitas Parteias se ela quiser chegar, ela chega... porque a preocupação da sociedade é diferente da nossa preocupação, se a criança quiser chegar, ia chegar na mão das parteias né. Então Bairros não tinha medo então, isso é a Dandara... a gente subir em cima de um caminhão vir daqueles Quilombos até aqui em Goiânia, é umas coisas assim... Ah se a gente escrever nossa história é muito grande”.

Bairros: “Eu queria falar com ela dentro dessa proposta da formação e afirmação das mulheres quantas mulheres negras né. Acho que Dandara fez um trabalho assim de resgate, não gosto muito desta palavra Resgate, mas depois o que me vem na memória agora das mulheres negras em Goiás e aí eu entendo isso acho que na região Centro-Oeste inteira quando a gente tem Goiás sobre tudo, as comunidades onde se iniciava a expectativa de se tornar um quilombo eu acho que a Dandara foi responsável por isso né. E com isso resgatar dentro de cada mulher ou de cada pessoa desses espaços de cada pessoa o que tem de bonito de ser negra e afirmar isso com toda a identidade. Aqui essa palavra carrega né acho que isso foi responsabilidade, foi um trabalho da Dandara. E aí eu falo que toda pesquisa que você fez Enedina registrando cada quilombo em Goiás, eu acho que isso precisava ser de fato documentado e divulgado mais né. Eu acho que eu tenho toda certeza e as pessoas quando afirma que Dandara faz muita coisa mais as vezes registra pouco isso é real. Mas isso é primeiro porque as nossas pernas são curtas para fazer tudo né, se eu falasse das rodas que a gente fazia de conversa que era parte das

tranças, que foi uma metodologia que a Dandara, criou para poder chegar em um lugar de autocuidado com essas mulheres negras eu acho que nós fizemos muito...foi fantástico. Isso foi um projeto e tanto né, que a gente saiu daqui ficava 15 dias rodando as Comunidades Quilombolas de Goiás. Então a Dandara tá na estrada já um tempo nessa preocupação do autocuidado né. E aí quando se fala do autocuidado se estende ao cuidado com as plantas, com a sobrevivência né, a autonomia Econômica dessas mulheres, que é super importante. Então acho que a Dandara precisa mesmo, acho que a gente tem que se preocupar com esse registro, porque o registro é o que fica dentro da história”.

Augusta diz: “Então, né a gente tá assim, né de falando de cabelos clareados, que vai mudando o tempo, mas eu fiz agora uma viagem aí para Goiás, viajei para Dandara, né... Enedina a gente tem uma história no fórum Nacional da contribuimos no fórum, na Dandara. Né. Que bom a que Katemari bem lembrou a história do Fórum Estadual de Mulheres Negras que tem história...e a nossa marca ficou no Fórum Nacional de Mulheres Negras, que até hoje a gente veio aqui nossa, não sei o que aconteceu essa parte é Desafio. Desafio, mas muito enriqueceu Mato Grosso do sul e Goiás né...resistimos. Fizemos a diferença e para mim foi um grande aprendizado mais do que pesquisa, mais do que experiência, né vivenciar junto ao Dandara a execução de projeto, enfrentar a estrada, a gente conhecer Kalunga. Nossa olha eu fiz agora ...eu viajei...aí eu já nem tô mais aqui eu viajei. O trabalho que o Dandara realizou. Isso foi um dos projetos. Né Dandara? ”. Enedina: “O foco foi a Lei n. 10.639/2003, resgate da 10.639/2003. O que você fez com a gente”. Augusta: “Então e aí o quando você contextualiza que saiu do Malunga. E cria o Dandara com geração de renda, né. Então olha só a visão. Sabe o Dandara nasce Enedina com A... idealização né de vocês. Você que criou ele, ele nasce com uma perspectiva visionária”.

Dias diz: “Sou Dandara desde a formação do grupo, do pensamento em formar o grupo e a concretização. Faço parte de comunidade de igreja né, mas pra mim a melhor coisa que fiz até hoje é ser Dandara, por que me descobri enquanto mulher negra e mulher livre, posso falar e expor meu pensamento. Estou feliz por voltar por que faz tempo que eu estava afastada, não por que eu quisesse, queria sim poder ta la todos os dias, mas a vida da mulher negra tem muitos contratempos e a gente precisa acudir tudo ao mesmo tempo. O sonho da farmacinha as Dandara já traziam, eu hoje trabalho no administrativo da educação e faço parte de vários e vários grupos... Pra mim o importante é ser mulher, mulher negra e livre. O Dandara é um grupo que é forte. É saudável, a mudança ta ai, eu preciso fazer, e como fazer? Feliz em ta no meio de vocês”.

Marcia diz: “Faço parte da Dandara no Cerrado, trabalho na Comurg faço parte do Coletivo de Mulheres, faço parte das Mulheres que transformam lixo em lucro. Eu aprendi a ser negra, me aceitei a ser negra depois que entrei na Dandara no Cerrado, aprendi muita coisa boa.

Nina diz: “Mas assim a tira a gente não tem muito uso com a casca da fruta a gente tem um uso polpa... a gente tem toda uma técnica de tirar a né então tem toda uma técnica da maneira de Coleta, quando eu falo assim ficando um pouco porque Jatobá é uma madeira que ela tá que a gente não cuidar, por causa daquela madeira de lei que o povo derruba muito nesses grandes tá Cerrado aí daqui a pouco não tem porque hoje você vai pensar tira para fazer tábua né pessoalmente para o Mato Grosso então tem uma quantidade de árvore mas a gente tem que começar a pensar na gente protege-las mais...”.

Nina diz: “Conversar com as avós as pessoas mais velhas, vó, tios, o que que eles usavam, como que eles usavam, isso eu gosto muito de pedir para meus alunos ...fazer isso e se faz cada coisa assim para a gente sentir dentro da própria família isso é muito importante. Enedina essa foi uma das falas que a gente usou muito buscar nos Antepassados das pessoas mais velhas nas pessoas da comunidade o que realmente elas conhecem e me conhece...”.

8 RECEITANDO O FUTURO

É possível concluir que a *afroternidade* configura duas frentes, uma que a considera um meio de enfrentamento ao racismo e outra como a promoção dos saberes ancestrais e culturais quanto às práticas de uso de plantas medicinais e a promoção da saúde. Ambas as frentes podem contribuir, ainda, para relativizar os currículos quanto ao ensino de ciências em todos os níveis.

Tais conhecimentos precisam ser disseminados nas comunidades e no meio acadêmico para que cumpra verdadeiramente com a promoção dos saberes e práticas ancestrais, bem como fortaleça o cuidado entres as mulheres – e, em especial, entre as mulheres negras, vez que são estas mulheres as promotoras do cuidado –, envolvendo, assim, toda a sociedade.

Com isso, espera-se potencializar o trabalho das mulheres que se dedicam a investigar as condições da vida das mulheres negras partindo de releituras de cientistas neste campo. E, assim, produzir espaços de vivências interculturais e fortalecimento da participação das mulheres na produção científica e na mitigação da violência de gênero, raça e classe, estimulando a difusão de conhecimentos científicos das ciências feitas por mulheres negras.

Nas universidades, nos grupos de pesquisas, nas cidades do interior, nas fazendas, nas roças, nas aldeias, nos quilombos, nos grupos de mulheres, nas ONGS de mulheres negras, nos

núcleos étnicos raciais nas universidades, nos NEADIs, nos terreiros de culto de matriz africana, e em outros tantos espaços com contação de caso ou de histórias, os encontros são sempre eventos de “[...] ajuntamento, em busca da re-união. É o momento e o espaço de ouvir os(as) mais velhos(as) e de dar seguimento às suas sabedorias”.

A Farmacopeia Popular do Cerrado coloca luz na produção dessas mulheres, o primeiro lugar em que ela corre é a FAMÍLIA. Está-se falando daquela família de quem vai chegando e vai entrando, sem papel assinado, e herda o saber. Em famílias pobres todo mundo é tia, prima, mãe e com esta relação as plantas do Cerrado ensinam todos os dias saberes e sabores desta vida no coletivo.

É possível concluir que a *afroternidade* se configura como uma tecnologia ancestral de enfrentamento ao racismo, por um lado, e, por outro, como a promoção dos saberes ancestrais e culturais quanto às práticas de uso de plantas medicinais e promoção da saúde. Pode contribuir ainda para relativizar os currículos quanto ao ensino de ciências em todos os níveis

Preservar as narrativas é uma forma de preservar a cultura e as memórias das mulheres negras e indígenas no Cerrado. Essas memórias foram experienciadas nos discursos representativos abordados nas oficinas sobre a Farmácia Popular, na sede da ONG Dandara no Cerrado, com as receitas e sabedorias partilhadas entre mulheres negras; foi possível acudir e estar presente, nestes momentos de formação, partilhas e capacitação. Entre o grupo da farmacinha todas e todos buscaram superar desafios e dores acreditando na ciência, nas capacidades de estudos científicos que nos mostram caminhos trilhados e caminhos ainda a trilhar.

Tais conhecimentos precisam ser disseminados nas comunidades e no meio acadêmico para que cumpra verdadeiramente a promoção dos saberes e práticas ancestrais, bem como fortalecer o cuidado entre as mulheres e, em especial, entre as mulheres negras, vez que são estas mulheres as promotoras do cuidado, envolvendo assim toda a sociedade.

Com isso, espera-se potencializar o trabalho das mulheres que se dedicam a investigar as condições da vida das mulheres negras partindo de releituras de cientistas neste campo. E, assim, produzir espaços de vivências interculturais e fortalecimento da participação das mulheres na produção científica e na mitigação da violência de gênero, raça e classe, estimulando a difusão de conhecimentos científicos das ciências feitas por mulheres negras.

O Cerrado um dos maiores biomas da América Latina, com conexão com a Mata Atlântica, a Amazônia, o Pantanal e a Caatinga. Importante para a regulação do sistema climático de vários territórios. Portanto, é de suma importância que o seu legado seja, reverenciado, respeitado e preservado.

Portanto, receitando o futuro, junto-me a várias e vários cientistas que nos alertam sobre a luta com a natureza; esta é uma escolha de quem decide não respeitar a natureza. O preço do desrespeito pode ser a morte, até mesmo de quem está acostumado a lidar com as forças naturais. A natureza tem sua força, age e se defende, mas não é vingança. Muitas vezes as consequências da sua força natural decorrem das ações humanas impensadas, e destruindo tudo isso tem consequências, como clamam as cientistas Anna Benite, Lucely Pio, Tânia Rezende, Ludimila Almeida e tantas outras estudiosas do planeta terra olhando, analisando, investigando e pensando as ações futuras no Cerrado brasileiro, com seus habitantes e guardiãs/ões.

Por isso, minha conclusão para se chegar a esta mudança é a de que o caminho a ser trilhado é a educação em espaços não formais em interação com espaços formais de educação. E a responsabilidade é de todos que acreditam na pesquisa feita por mulheres negras cientistas, formulando novas perspectivas com toda população do planeta terra construir uma educação antirracista, antissexista e anti-homofóbica reconhecendo a individualidade de cada ser humano avançando numa prática que gere mais vida e o bem viver entre estudantes, professores/as e sociedade comprometidas/os com o respeito a todas pessoas.

REFERÊNCIAS

- A FORÇA das mulheres do cerrado: raizeiras e quebradeiras. **Le Monde Diplomatique Brasil**, [Paris], 4 jun. 2020. Biodiversidade. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-forca-das-mulheres-do-cerrado-raizeiras-e-quebradeiras/>. Acesso em: 10 out. 2022.
- ALCORN, Jane B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, Richard Evans; REIS, Siri von (ed.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge: Timber Press, 1995. p. 22-39.
- ALMEIDA, Ludmila Pereira de. Cerrado: berço de guardiãs dos saberes ancestrais. **#Colabora: Jornalismo Sustentável**, [s. l.], 9 jun. 2021. Disponível em: [https://projetocolabora.com.br/ods8/cerrado-berco-de-guardias-dos-saberes-ancestrais/#:~:text=Como%20guardi%C3%A3%20de%20plantas%20medicinais,sa%C3%BAde%2C%20especialmente%20para%20as%20mulheres](https://projetocolabora.com.br/ods8/cerrado-berco-de-guardias-dos-saberes-ancestrais/#:~:text=Como%20guardi%C3%A3%20de%20plantas%20medicinais,sa%C3%BAde%2C%20especialmente%20para%20as%20mulheres.). Acesso em: 20 jan. 2021.
- AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1377-1399, dez. 2007. DOI 10.1590/S0104-59702007000400015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9mDtKNWqm5rszyjrhcHKDkN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ANTUNES, José António Pereira de Jesus. Crise económica, saúde e doença. **Psicologia, saúde e doenças**, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 267-277, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36242128011.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- ARTICULAÇÃO Pacari promove uso de plantas medicinais do bioma Cerrado. **FLD Projetos de Vida**, Porto Alegre, 23 mar. 2012. Disponível em: <https://fld.com.br/todas/2012/articulacao-pacari-promove-uso-de-plantas-medicinais-do-bioma-cerrado/>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- AZAMBUJA, Juliana. **Produção e extração de óleos essenciais em pequenas propriedades rurais**. 2012. Monografia (Especialização em Gestão do Agronegócio), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/44747/R%20-%20E%20-%20JULIANA%20AZAMBUJA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- AYÉ: Revista de Antropologia, Acarape, n. 1, v. 3, 2021.
- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, maio/ago. 2014. DOI 10.1590/S0102-69922014000200008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BARREIRO, Eliezer J. Fundamentos de química medicinal: como nascem os fármacos. In: SEMANA DA QUÍMICA DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UFRJ, 26., 2018, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. Disponível em:

http://www.lassbio.icb.ufrj.br/download/cursos_semin/2018/26a_iq_09042018_4.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

BASSO, Eloísa; LOCATELLI, Aline; ROSA, Cleci Teresinha Werner. O ensino de Ciências com base no conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, Belém, v. 17, n. 39, p. 234, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/11438>. Acesso em: 2 maio 2021.

BASTOS, Morgana Abranches. **Investiga menina**: estudos sobre a parceria colaborativa entre o movimento social e a universidade como estratégia de divulgação científica. 2020. Dissertação (Mestrado em Química) - Instituto de Química, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/10910/3/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Morgana%20Abranches%20Bastos%20-%202020.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BATISTA, Carolina. Soluto e solvente: o que são, diferenças e exemplos. **Toda Matéria**, [s. l.], c2011. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/soluto-e-solvente/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BATISTA, Luís Eduardo; WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda (org.). **Saúde da população negra**. 2. ed. Brasília, DF: ABPN, 2012. (Coleção negras e negros: pesquisas e debates).

BENITE, Anna M. Canavarro. A ciência como caminho. Entrevistadora: Diana Carvalho. **ECO-A-UOL**, São Paulo, 26 out. 2020. Causadores. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-anna-benite/#page724-10-2022>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BENITE, Anna M. Canavarro *et al.* Dai-me agô (licença) para falar de saberes tradicionais de matriz africana no ensino de química. **Química Nova**, São Paulo, v. 42, n. 5, p. 570-579, 2019. DOI 10.21577/0100-4042.20170351. Disponível em: https://quimicanova.sbq.org.br/detalhe_artigo.asp?id=6907. Acesso em: 21 ago. 2022.

BENITE, Anna M. Canavarro. Ensino de química e a ciência de matriz africana: uma discussão sobre as propriedades metálicas. **Química Nova Escola**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 131-141, maio 2017. DOI 10.21577/0104-8899.20160069. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc39_2/05-QS-72-15.pdf. Acesso em: 21 ago. 2022.

BENITE, Anna M. Canavarro. Por uma produção de ciência negra: experiências nos currículos de química, física, matemática, biologia e tecnologias. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 9, n. 22, p. 3-8, mar./jun. 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/392>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BENITE, Anna M. Canavarro. Sementes de transformação, Jornal da UFG no 15º Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONPEEX/UFG), 2018.

BORGES, Viviane Custódia. **Pequi, Jatobá e algodãozinho... biodiversidade do Cerrado na medicina popular**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/1782/1/Viviane%20Tese%20Final.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BOVI, Roberto; SERRA, Gil Eduardo. Folhas verdes, folhas secas, fibra do colmo e a clarificação do caldo de cana-de-açúcar. **Scientia Agricola**, Piracicaba, v. 58, n. 3, p. 457-463, jul./set. 2001. DOI 10.1590/S0103-90162001000300003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sa/a/5rvP8LTK73RKSH34XFWMDhK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 51-62, jan./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Chefes de família são elas**: quase metade dos lares é sustentado por mulheres no país. Brasília: IPEA, 2022. Disponível em, https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça: 1995 a 2015**. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_gnero_raca.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.391, de 16 de agosto de 2005**. Institui no âmbito do Sistema Único de Saúde, as diretrizes para a Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme e outras Hemoglobinopatias. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/sau/legis/gm/2005/prt1391_16_08_2005.html. Acesso em: 2 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série B, Textos Básicos de Saúde).

BRITO, de Maria Cecília Wey. Apresentação. In: LAUREANO, Lourdes Cardozo, DIAS, Jaqueline Evangelista (coord.). **Farmacopeia popular do Cerrado**. Goiânia: Associação Pacari, 2010. Disponível em: <https://ava.icmbio.gov.br/mod/data/view.php?d=17&rid=2765>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues. **Denegrindo o ensino de química**: a prática do quilombismo na formação docente. 2022 Tese (Doutorado em Química) - Instituto de Química, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural e práticas pedagógicas**. Documento de trabalho. Rio de Janeiro: GECEC, 2013.

CARNEIRO, Suelaine. **Mulheres negras e violência doméstica: decodificando os números**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/e-BOOK-MULHERES-NEGRAS-e-VIOL%C3%8ANCIA-DOM%C3%89STICA-decodificando-os-n%C3%BAmeros-isbn.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: Ashoka Empreendedores Sociais; Takano Cidadania (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003. p. 49-58.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 19 out. 2022.

CARVALHO, Diana Maul de. Doenças dos escravizados, doenças africanas? *In*: PÔRTO, Ângela (org.). **Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

CERQUEIRA, Daniel **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4123084/mod_resource/content/1/Crenshaw%202002%20revista%20estudos%20feministas.pdf. Acesso em: 19 out. 2022.

CRENSHAW, Kimberle. **Interseccionalidade, mais de duas décadas depois: uma entrevista com o Dr. Crenshaw de 2017**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.law.columbia.edu/news/archive/kimberle-crenshaw-intersectionality-more-two-decades- mais tarde>. Acesso em: 19 out. 2022.

CDSS Redução das desigualdades no período de uma geração. Igualdade na saúde através da acção sobre os seus determinantes sociais. Relatório Final da Comissão para os Determinantes Sociais da Saúde. Portugal: Organização Mundial da Saúde. 2010.

COELHO, Pedro. Destilação por arraste de vapor: funcionamento, usos, e vantagens do processo. 2012. *In*: COELHO, Pedro. **Blog de Engenharia Química**, [s. l.], 7 mar. 2021. Disponível em: <https://www.engquimicasantosp.com.br/2012/03/destilacao-com-arraste-de-vapor.html>. Acesso em: 21 out. 2022.

COSTA, Ana Clara Gomes. **Micropolíticas de Dandarás**: a comunicação como tática de existências de mulheres negras. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=23. Acesso em: 21 out. 2022.

CUNHA, Estela Maria Garcia de Pinto da. Recorte étnico-racial: caminhos trilhados e novos desafios. *In*: BATISTA, Luís Eduardo Batista; WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda (org.). **Saúde da população negra**. 2. ed. Campinas: NEPO/Unicamp, 2012. (Coleção Negras e negros: pesquisas e debates. p. 23-33.

CUNHA, Josafá Moreira; KIRCHHOFF, Rafael dos Santos (org.). **Educação e interseccionalidades**. Curitiba: NEAB-UFPR, 2018.

DAMASCO, S. Mariana; MAIO, Chor Marcos; MONTEIRO, Simone. Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993). **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 133-151, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100008/21855>. Acesso em: 21 out. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. Brasília, DF: Liber, 2004.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000a.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez, 2000b.

DESIGUALDADES de raça, de gênero e nas periferias urbanas e a emergência de novos agentes políticos. **Fundação Tide Setúbal**, São Paulo, 10 jul. 2019. Notícias. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/desigualdades-estruturais-ainda-promovem-o-silenciamento-de-negros-mulheres-e-perifericos-no-brasil/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

DI MAURO, Cláudio. Conexão dos saberes, saber popular e saber científico. **Diário de Uberlândia**, Uberlândia, 6 fev. 2020. Política. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/coluna/3970/conexao-dos-saberes-saber-popular-e-saber-cientifico>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DOVE, Nah. **DUAFE**: Mães africanas; portadoras da cultura, desenvolvedoras da mudança social. São Paulo: Medu Neter Livros, 2020.

ELISABETSKY, Elaine. Traditional medicines and the new paradigm of psychotropic drug ation. *In*: IWU, Maurice M.; WOOTTON, Jacqueline (ed.). **Ethnomedicine and drug development, advances phytomedicine**. Amsterdam: Elsevier, 2002. (Series 1 Advances in phytomedicine). p. 133-44.

EUGÊNIO, Alisson. Ilustração, escravidão e as condições de saúde dos escravos no Novo Mundo. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 25, n. 41, p. 227-244, jan./jun. 2009. DOI 10.1590/S0104-87752009000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/MCYdnPmSJ5FMZd8T33ccPpq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2022.

FAERMANN, Lindamar Alves. A pesquisa participante: suas contribuições no âmbito das ciências sociais. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 7, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2014. DOI DOI 10.32813/2179-1120.2014.v7.n1.a121. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/121/69>. Acesso em: 21 out. 2022.

FARMACOPEIA popular do cerrado. **ECOIA**, São Paulo, 17 dez. 2019. Publicações. Disponível em: <https://ecoia.org.br/livro-digital-farmacopeia-popular-do-cerrado-disponivel-para-download-gratuito/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes; SPIASSI, Ana Lúcia. Movimento negro, vulnerabilidade e saúde. **BIS: Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 162-166, 2010. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/01/1048332/bis-v12n2-desigualdades-e-iniquidades-162-166.pdf>.

FERREIRA, Evanete Antunes; BATTESTIN, Cláudia. Integrar saberes advindos das diversidades culturais: base epistemológica para a educação. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 21, n. 230, p. 356-365, set./out. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/56023/751375152646>. Acesso em: 16 ago. 2022.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **As doenças dos escravos: um campo de estudo para a história das ciências da saúde. Uma história brasileira das doenças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 252-274.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. São Paulo, n. 14, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 1º fev. 2021.

GALIAZZI, Maria do Carmo; GONÇALVES, Fábio P. A natureza pedagógica da experimentação: uma pesquisa na licenciatura em química. **Química Nova**, v. 27, n. 2, p. 326-331, 2004. DOI 10.1590/S0100-40422004000200027. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/qn/v27n2/19283.pdf>. Acesso em: 1º fev. 2021.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/ não-formal**. 2005. Disponível em https://www.academia.edu/40533664/a_quest%C3%A3o_da_educa%C3%A7%C3%A3o_formal_n%C3%A3o_formal. Acesso em: 9 out. 2022.

GIMENES, Olympia Maria Piedade; SILVA, Maria Júlia Paes; BENKO, Maria Antonieta. Essências florais: intervenção vibracional de possibilidades diagnósticas e terapêuticas. **Revista da Faculdade de Enfermagem da USP**, São Paulo, p. 386-395, 2004. DOI 10.1590/S0080-62342004000400004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/re USP/a/8fvTmD9N9DYQG8zdTd9cB6J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 out. 2022.

GIRA LEODEGÁRIA DE JESUS (org.). **Matrinarrativas cerradeiras**. *E-book*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. v. 1. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Matrinarrativas.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes: Vozes, 2019.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: LUZ, Madel T. (org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia. A questão negra no Brasil. **Cadernos trabalhistas**, São Paulo, n. 2, p. 60-66, 1980.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, 1984, p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6608168/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 8 jun. 2022.

GUIMARÃES, Maria R. Cotrim. Os manuais de medicina popular do Império e as doenças dos escravos: o exemplo do ‘Chernoviz’. **Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental**, Palmas, v. 11, n. 4, p. 827-840, dez. 2008 (Suplemento). Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1838>. Acesso em: 8 jun. 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995.

HOUNTONDJII, Paulin (org). O antigo e o moderno. In: autor. **A produção do saber na África Contemporânea**. Tradução de Manuel Ferreira, Glória Sousa, Pedro M. Patacho, Ana Madeiros. Angola e Portugal: Coedição Edições, LDA e Mulemba, 2012.

HUGHES, Ellen F. Overview of complementary, alternative, and integrative medicine. **Clinical Obstetrics Gynecology**, [s. l.], v. 44, n. 4, p. 774-779, dez. 2001.

DOI 10.1097/00003081-200112000-00015. Disponível em: https://journals.lww.com/clinicalobgyn/Citation/2001/12000/Overview_of_Complementary,_Alternative,_and.15.aspx. Acesso em: 22 ago. 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO, 6., 2012, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. v. 1. p. 1-15. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233854734_Identidade_de_genero_e_politicas_de_afirmacao_identitaria. Acesso em: 22 ago. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAMPTEY, Edayatu Abieodun. **Articulação Pacari Brasil**: série de estudos de casos da iniciativa equatorial. United Nations Development Programme. 2013. Pacari Network, Brazil. Equator Initiative Case Study Series. New York, NY.

LAUREANO, Lourdes Cardozo; DIAS, Jaqueline Evangelista (coord.). **Farmacopeia Popular do Cerrado**. Goiás: Associação Pacari, 2010.

LE BOTERF, Guy. Pesquisa Participante: propostas e reflexões metodológicas. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. Feminismo negro em marcha: O pensamento de Lélia Gonzalez e a Marcha das Mulheres - 2015. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 4., 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos** [...]. foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325534393_FEMINISMO_NEGRO_EM_MARCHA_O_PENSAMENTO_DE_LELIA_GONZALEZ_E_A_MARCHA_DAS_MULHERES-2015_LEMOS_Rosalia_de_Oliveira. Acesso em: 22 ago. 2022.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. **O feminismo negro em construção**: a organização das mulheres negras no Rio de Janeiro. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

LIMA, Carla Moura (org.). **Protagonismo quilombola**: na luta por saúde e direitos sociais. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016.

LIMA, Kelly Diogo de. **Vivências de mulheres negras na assistência ao parto**: vulnerabilidades e cuidados. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/28208/Disserta%20a7%20a3o%20Kelly%20Diogo%20de%20Lima%20certa.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 2022.

LOIOLA, Adão Afonso *et al.* **Farmacopeia Popular do Cerrado**. Goiás: 2009.

MAGALHÃES, Karla do Nascimento, BANDEIRA, Mary Anne Medeiros, MONTEIROS, Mirian Parente (org.). **Plantas medicinais da caatinga do nordeste brasileiro: etnofarmacopeia** do Professor Francisco José de Abreu Matos. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. *E-book*.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS, Edna; CANDIDO, Renata Marcilio. Práticas educativas de famílias negras e relações étnico-raciais: uma experiência em formação de professores. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 690-709, jul. 2016. DOI 10.20396/etd.v18i3.8638937. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v18n3/1676-2592-etd-18-03-00690.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MARTINS, Michele. Ser mulher e fazer ciência. **Jornal da UFG**, Goiânia, 8 fev. 2019. Especial. Institucional. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/113300-ser-mulher-e-fazer-ciencia?locale=pt-BR>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. *In*: NASCIMENTO, ELISA Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: Matriz africanas da cultura brasileira, 4).

MIGUEL, M. D.; MIGUEL, O. G. **Desenvolvimento de fitoterápicos**. São Paulo: Robe Editorial, 1999.

MEKUKRADJÁ 2020 - Cura. [*S. l.: s. n.*], 2020. 1 vídeo (1h24min55s). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EkWLE4GKdiI>. Acesso em: 9 out. 2022.

MELO, Paula Balduino de *et al.* (org.). **Descolonizar o feminismo**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019.

MOURA, Maria Aparecida. **A poética das folhas de flandres: notas afetivas de uma cidadania forjada entre muros**. Memorial apresentado à banca de professora titular da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MUDIMBE, Vitorin Y. **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Tradução de Ana Madeiros. Angola e Portugal: Coedição Edições, Lda e Mulemba, 2013.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUNIZ, Andressa da Silva; GONÇALVES, Monique. **Chá de boldo: o saber popular fazendo-se saber científico no ensino de química**. Estudos Interdisciplinares nas Ciências Exatas e da Terra e Engenharias. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. 2. ed. Brasília : Rio: Fundação Cultural Palmares/OR Editora, 2002.

NICOLETTI, Maria Aparecida *et al.* Principais interações no uso de medicamentos fitoterápicos. **Infarma**, Brasília, v. 19, n. 1/2, p. 32-40, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=222&path%5B%5D=210>. Acesso em: 8 jun. 2022.

OLIVEIRA, Joana. Jaqueline Goes, a pesquisadora que luta por mais mulheres na ciência. **Portal Geledés**, São Paulo, 14 fev. 2022. Mulher negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/jaqueline-goes-a-pesquisadora-que-luta-por-mais-mulheres-na-ciencia/>. Acesso em: 8 jun. 2022.

OLGUIN, Conceição de Fátima Alves *et al.* Plantas medicinais: estudo etnobotânico dos distritos de Toledo e produção de material didático para o ensino de ciências. **Acta Scientiarum Human and Social Science**, Maringá, v. 29, n. 2, p. 205-209, 2007. DOI 10.4025/actascihumansoc.v29i2.920. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/920/447>. Acesso em: 8 jun. 2022.

OLIVEIRA, Maristela da Fonseca; SILVA, Delano. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

OLIVEIRA, Megg Rayara. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba: Prismas, 2017.

OLIVEIRA, Megg Rayara. O que não tem nome não existe: feminismo negro e o percurso histórico do conceito de interseccionalidade. *In*: OLIVEIRA, Ligia Ziggotti de; CUNHA, Josafá Moreira da; KIRCHHOFF, Rafael dos Santos (org.). **Educação e interseccionalidades**. Curitiba: NEAB-UFPR, 2018.

OLIVEIRA, Roberta Gondim de *et al.* Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a covid-19 e o racismo estrutural. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, p. 1-14, 2020. DOI 10.1590/0102-311X00150120. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/QvQqmGfwsLTFzVqBfRbkNRs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução da Juliana Araújo Lopes, para uso didático. Dakar: CODESRIA, 2004. (CODESRIA Gender Series. v. 1). p. 1-10. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero._os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

PALESTRA - Pluriepistemologias e OC em ambientes digitais - Prof^ª. Maria Aparecida Moura (UFMG). Rio de Janeiro: CBGCOM - UFRJ, 2021. 1 vídeo (1h30min22s). Publicado

pelo canal CBGCOM – UFRJ. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=mrXlJj7x48>. Acesso em: 19 out. 2022.

PAULA, Camila. Quais são os principais tipos de concentração química? *In*: BLOG DESCOMPLICA, 13 jun. 2016. Disponível em: <https://descomplica.com.br/artigo/quais-sao-as-principais-unidades-de-concentracao-quimica/xWD/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

PEREIRA, Dulce. Mulher negra: ditando as regras da história. **Informativo da Rede Mulher**, São Paulo, 1988.

PESSOA, Monica do Nascimento, CARDOSO, Paulino F. de Jesus. Heranças e Saberes Africanos no Brasil: Tradição oral e enfrentamento ao racismo. In KOMINEK, Andrea Maila Voss; VANALI, Ana Crhistina (Orgs.) **Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil** [recurso eletrônico] /-- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

PIO, Lucely Morais. **Entrevista**. [S. l.: A Rede Cerrado], 2018. 1 vídeo (2min05s). Publicado pelo canal A Rede Cerrado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WM-f1DpUfqc>. Acesso em: 9 out. 2022.

PIO, Lucely Morais. **Investiga Menina! apresenta a cientista e pesquisadora Lucely Morais Pio**. [S. l.: Investiga Menina!], 2018. 1 vídeo (4min03s). Publicado pelo canal Investiga Menina - UFG. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=EkWLE4GKdiI>. Acesso em: 9 out. 2022.

PIRES, Juliana. Princípio ativo. **Info Escola Navegando e Aprendendo**, [s. l.], c2023. Disponível em, <https://www.infoescola.com/farmacologia/principio-ativo/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio. **Escravidão e práticas de cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras; 2016.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. As mulheres negras e a ciência no brasil: “e eu, não sou uma cientista?”. **Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, Campinas, 8 fev. 2019. Artigo especial. Disponível em: <http://www.comciencia.br/as-mulheres-negras-e-ciencia-no-brasil-e-eu-nao-sou-uma-cientista>. Acesso em 29 de agosto de 2020.

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. O período das artes práticas: a química ancestral africana. **Revista Debates em Ensino de Química**, Recife, v. 6, n. 1, p. 4-15, 2021. Disponível em:
<https://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/3566/482483479>. Acesso em: 21 ago. 2022.

POSOLOGIA é essencial para a eficácia dos medicamentos. **Revista da Farmácia**, Rio de Janeiro, 3 maio 2022. Saúde. Disponível em:
<https://revistadafarmacia.com.br/saude/posologia-e-essencial-para-a-eficacia-dos-medicamentos/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

RAMOS, Andressa de Jesus Araújo; RAMOS, João Batista Santiago. Diálogos entre o conhecimento popular e científico. **RPI- Revista Pesquisa Interdisciplinar**, Campina

Grande, v. 3, n. 1, 2018. Disponível em:
<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/432/pdf>.
 Acesso em: 21 ago. 2022.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. *In*:
 CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães (org.). **Pensadores negros pensadoras
 negras**: Brasil séculos XIX e XX. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço,
 2016. (Coleção Uniafro, v. 11).

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção
 Retratos do Brasil Negro).

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento. São
 Paulo: IMESP, 2007.

REGO, Yordanna Lara Pereira. “**Combinamos de não morrer**”: transfobia, racismo e
 resistência à necropolítica entre pessoas trans negras em Goiás. 2021. Dissertação (Mestrado
 em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11544/2/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Yordanna%20Lara%20Pereira%20R%20aago%20-%202021.pdf>. Acesso em: 20 jan.
 2023.

REGO, Yordanna Lara Pereira. Reflexões sobre afronecrotransfobia. **Humanidades e
 Inovação**, Palmas, v. 6, n. 16, Edição Especial: Epistemologias e Feminismos negros, p.
 2019. Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1838/1249>. Acesso
 em: 20 jan. 2022.

REZENDE, Tânia. Narrativas do cerrado: as vozes das matas para uma educação linguística
 antirracista. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 38-58, 2021. DOI
 10.29327/232521.8.1-4. Disponível em:
<https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/208>. Acesso em: 26 fev. 2023.

RIBEIRO, Mônica. Raizeiras, raizeiros e a Articulação Pacari: saúde com recursos naturais do
 Cerrado. *In*: CONEXÃO PLANETA. **Blog Economia em Sol Maior**, [s. l.], 31 mar. 2017.
 Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/raizeiras-e-raizeiros-do-cerrado-e-articulacao-pacari-saude-com-recursos-naturais/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

RIBEIRO, Katiuscia. O laboratório de filosofia africana Geru Mãã na UFRJ e os desafios para
 produção de conhecimento sobre a filosofia africana e as relações raciais. **Encantar**:
 Educação e Sociedade, Bom Jesus da Lapa, v.1, n. 1, p. 9-27, 2019. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8080>. Acesso em: 26 fev. 2023.

RIOS, Flavia. A cidadania imaginada pelas mulheres afro-brasileiras: da ditadura militar à
 democracia. *In*: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (org.). 50 anos de feminismo:
 Argentina, Brasil e Chile, a construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São
 Paulo: Edusp, FAPESP, 2017. p. 227-253.

RIOS, Flavia; MACIEL, Regimeire. Feminismo negro em três tempos: mulheres negras, negras
 jovens ativistas e feministas interseccionais. *Labrys*, Brasília, n. 1, p. 120-140, 2018.

RÍOS, Flavia y Marcia LIMA (orgs.) (2020). *Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar. (376 pp.)

RIOS, Flavia. Protagonismo das mulheres negras, 2019
<https://fundacaotidesetubal.org.br/desigualdades-estruturais-ainda-promovem-o-silenciamento-de-negros-mulheres-e-perifericos-no-brasil/> acesso em:20/03/2023

ROSS, Chistine *et al.* Frontier medicine: the future and integrative medicine. **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 351-377, 2001. DOI 10.1016/s0749-0739(17)30067-6. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0749073917300676?via%3Dihub>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SABERES e conhecimentos tradicionais [E por falar em ciência...]. Belo Horizonte: UFMG. 1 vídeo (1h24min20s). Publicado pelo canal Pensar Educação, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A9H3bPuTJN4>. Acesso em: 24 out. 2022.

SAMPAIO, Luis Fernando Rolim; RODRIGUES, Angelo Giovani; SIMONI, Carmem de. **Políticas Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

SANTOS, Luane Bento dos. Bens culturais afro-brasileiros: o ofício de mulheres negras **Revista Eixo**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 123-148, jun./dez. 2019. DOI 10.19123/eixo.v8i2.583. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/583/477>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SANTOS, Ravelly Lucena *et al.* Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 13, n. 4, p. 486-491, 2011. DOI 10.1590/S1516-05722011000400014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/ZBKcPvMgQ4LTN8KRbsdGxjj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SIMONI, Rosinalda Correia José. Ancestralidade feminina: da essência do sagrado aos movimentos feministas, mulheres negras e representatividade. **Fragmentos da Cultura**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 293-300, abr./jun. 2019. DOI 10.18224/frag.v29i2.7067. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7067/4246>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SILVA, Cássia Cristina da. Makota Kidoiale. **Saberes tradicionais UFMG**, Belo Horizonte, 6 mar. 2018. Mestras e mestres. Disponível em: <https://www.saberestradicionais.org/cassia-cristina-da-silva>. Acesso em: 19 out. 2022.

SILVA, Débora Balzan. **Diálogo intercultural**: a ciência moderna e a ciência tradicional. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/122185/000971238.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 out. 2022.

SILVA, Gabriela. A ciência também é lugar de mulher negra? **Portal Geledés**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://mulheresnaciencia.com.br/a-ciencia-tambem-e-lugar-de-mulher-negra/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SOUSA, Rafaela. O cerrado. **Brasil Escola**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://brasilecola.oul.com.br/brasil/Cerrado.htm>. Acesso em: 6 jun. 2022.

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências e Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2008, v. 15, Suplemento, p. 269-281, 2008. DOI 1590/S0104-59702008000500015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZcRqYbsQR4cxYkgfCGyjr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2022.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc, 2001.

SCHUCK, Camila Botelho. Mulheres negras pioneiras na ciência e o conhecimento produzido na enciclopédia digital Wikipédia Brasil. *In*: CONGRESSO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS DA REGIÃO SUL, 4., 2019, Jaguarão. **Anais eletrônicos** [...]. Jaguarão, RS: ABPN, 2019. p. 1-11. Disponível em: https://www.copenesul2019.abpn.org.br/resources/anais/11/copenesul2019/1566772385_ARQUIVO_2fa99b4926900d7ad065ab90b67e31d3.pdf. Acesso em: 21 maio 2022.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

VASCONCELOS, Luciana Machado de. **Mais definições em trânsito: interculturalidade**. [Salvador: UFBA, 2007]. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>. Acesso em: 21 maio 2022.

VARGAS, Regina Nobre. **Sobre produção de mulheres negras nas ciências: uma proposta para a implementação da Lei 10.639/03 no ensino de Química**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8879/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Regina%20Nobre%20Vargas%20-%202018.pdf>. Acesso em: 21 maio 2022.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, Maria Lucia; DIAS, Monique. Espaços não formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 4, out./dec. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a14v57n4.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência: homicídios femininos no Brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2015. p. 7.

WERNECK, Jurema Pinto. **O samba das Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_jwerneck_2007.zip. Acesso em: 15 abr. 2022.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 7-17, jun. 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/303>. Acesso em: 15 abr. 2022.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2022.

XAVIER, Lucia *et al.* Diálogos com Lúcia Xavier: uma trajetória de lutas no combate ao racismo e à opressão das mulheres negras. **Trabalhos Necessários**, Niterói, v. 19, n. 38, p. 331-374, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/48725/29396>. Acesso em: 15 abr. 2022.

APÊNDICE A – MAPA DAS ATIVIDADES

Questionários inicial para as oficinas

Questionário Respostas

Link: <https://forms.gle/sqEmH7vAtqvgC6FL6>

Questionário pós oficinas

Link da Avaliação das oficinas: <https://forms.gle/Ff9Q5KcTBL9JxZGW8>

APÊNDICE B - AGENDA DE ENCONTROS DA FARMACINHA

TABELA DAS OFICINAS

NÚMERO DA OFICINA	DATA DA OFICINA	TÍTULO/TEMÁTICA Abordagem Cultural e Conceitual
1	20/02/2021	Memoria da ONG
2	06/03/2021	Corpos que escrevem a história
3	20/03/2021	Patogenias associadas a população negra
4	03/04/2021	Usos das plantas medicinais
5	17/04/2021	Farmacopeia do Cerrado
6	15/05/2021	Mestras e conhecimentos tradicionais, e Receitas
7	29/05/2021	Anemia falciforme, Saúde da população negra
8	26/06/2021	Construção da Farmácia Popular Doméstica
9	07/08/2021	Identities na América Latina

APÊNDICE C - LISTA DAS PLANTAS DO PROJETO

Nº	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE(S) UTILIZADA(S)
1.	Abacate	<i>Persea americana</i>	Folhas e frutos
2.	Amburana	<i>Amburana cearensis</i>	Bulbo/Casca
3.	Acariçoba	<i>Hydrocotyleumbellata</i> L.	Folhas
4.	Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Folhas
5.	Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	<i>Rizoma</i>
6.	Água de Colônia	<i>Alpiniazerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt. & R.M. Sm.	Folhas e flores
7.	Alecrim	<i>Rosmarinusofficinalis</i> L.	Folhas
8.	Alecrim Pimenta	<i>Lippiasidoides</i> Cham.	Folhas
9.	Alcachofra	<i>Cynara scolimus</i>	Folhas
10.	Alfavaca	<i>Ocimumgratissimum</i> L.	Folhas e flores
11.	Alfavacão	Ocimum gratissimum L.	Folhas e flores
12.	Algodão	<i>Gossypium</i> L.	Folhas
13.	Algodãozinho do cerrado	Cochlospermum regium	
14.	Agrião do Brejo (Erva Botão)	<i>Eclipta alba</i> (L.) Hassk.	Folhas
15.	Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Bulbo
16.	Almeirão	<i>Cichoriumintybus</i>	Folhas e raízes
17.	Amora	<i>Morus nigra</i> L.	Folhas e frutos
18.	Alquilea (Mil folhas)	<i>Achilleamillefolium</i> L.	Folhas
19.	Ananás	Ananas comosus	Fruto
20.	Angico Vermelho	<i>Anadenanthera colubrina</i> <i>var. cebil</i> (Griseb.) Altschul	
21.	Anis	Illicium verum	Folhas e raiz
22.	Arnica	Kalanchoe daigremontiana	Folhas e tronco
23.	Arnica caseira		Folhas
24.	Aranto	<i>Bryophyllum</i> <i>daigremontianum</i>	
25.	Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Folhas
26.	Araruta		
27.	Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i>	Folhas
28.	Ampicilina		
29.	Artemísia	<i>Artemisiavulgaris</i> L.	Folhas e flores
30.	Assa peixe branco		Folhas
31.	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Folhas e flor
32.	Baunilha		Folhas
33.	Bananeira Roxa		Fruta e o Umbigo
34.	Bananeira Nanica (banana d'água)		Fruta e o Umbigo
35.	Bananeira Prata		Fruta e o Umbigo
36.	Bananeira Maçã		Fruta e o Umbigo
37.	Bananeira da Terra		Fruta e o Umbigo
38.	Bananeira (banana d'água)		Fruta e o Umbigo
39.	Bambu		

40.	Bardana		
41.	Barbatimão		Casca
42.	Baru		Fruto completo
43.	Bálsamo		Folhas e batata
44.	Batata doce		
45.	Batata de Pulga		
46.	Bertalha	<i>Basella alba</i> L.	Folhas
47.	Berdoega	<i>Portulacaoleracea</i> L.	Folhas
48.	Boldo (7 dores)	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews;	Folhas
49.	Boldo Brasileiro	<i>Coleus barbatus</i>	Folhas
50.	Boldo Chileno		Folhas
51.	Boldo alemã	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Folhas e Raiz
52.	Buriti	<i>Vereda</i>	Fruto
53.	Caferana (Boldo)		Folhas
54.	Calêndula		Flores
55.	Cajazinho (Teperebá)	<i>Spondiasmombin</i> A St-Hil.	Folhas
56.	Cana de Macaco		Folhas
57.	Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Folhas
58.	Capim Cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Folhas e rizoma
59.	Capim Limão/Citronela		Folhas
60.	Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Folhas/Haste
61.	Carrapia		Bulbo/batatinha
62.	Cavalinha		Folhas
63.	Cajuzinho do Campo		Fruto
64.	Caferana /Boldo		Folhas
65.	Congonha de Bugre		
66.	Cebola	<i>Allium cepa</i> L.	Bulbo
67.	Centela	<i>Centella asiatica</i> (L.) Urb.	Folhas
68.	Chambá/Chacrona	<i>Justicia pectoralis</i>	Folha e raízes
69.	Chapéu de Couro		Folhas
70.	Citronela	<i>Cymbopogon nardus</i> L.	Folhas
71.	Coentro		Folhas
72.	Couve		Folhas
73.	Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm.	Folhas, flores e rizoma
74.	Copaíba	<i>Copaifera officinalis</i>	Oléo
75.	Damiana		Folhas
76.	Dente de Leão	<i>Taraxacum officinalis</i> F.H. Wigg	Folha e raízes
77.	Doradinha		Folhas
78.	Espada de São Jorge		Folhas
79.	Embaúba	<i>Cecropia</i>	
80.	Erva Baleira	<i>Varronia curassavica</i> Jacq	Folhas
81.	Erva Cidreira	<i>Lippia alba</i>	Folhas
82.	Erva de Santa Luzia		Folhas
83.	Erva de Santa Maria ou	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.	<i>Partes aéreas</i>

	Mastruz	Mosyakin & Clemants	(<i>folha, caule, sementes</i>)
84.	Espada de São Jorge		Folhas
85.	Folha Santa	<i>Bryophyllumpinnatum</i> (Lam.) Oken	Folhas e flores
86.	Folha de Mandioca ou Aipim		Folhas
87.	Funcho		Folhas e flores, semente
88.	Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i>	Bulbo
89.	Gervão		
90.	Guapeva		Fruto
91.	Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Folhas e fruto
92.	Gota do Zeca		Entrecasca
93.	Grajeru, Crajeru		Folhas
94.	Guaco	<i>Mikaniaglomerata</i> Spreng.	Folhas
95.	Guapó		
96.	Guiné		Folhas e raízes
97.	Hortelã Gradua	<i>Plectranthusamboinicus</i> (Lour.) Spreng	Folhas
98.	Hortelã gordo		Folhas
99.	Hortelã Pimenta		Folhas
100.	Ibisco		Flores
101.	Romão		Fruto
102.	Imburana Cheirosa		
103.	Imburana Vermelha		
104.	Insulina		
105.	Insulina Natural		
106.	Ipê Amarelo		
107.	Ipê Branco		
108.	Ipê Roxo		Flores e Casca
109.	Jamelão		
110.	Jaborandi		Fruto
111.	Jabuticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	Fruto
112.	Jambu	<i>Acmella oleracea</i> (L.) RKJansen	Flores
113.	Jatobá		Casca, fruto, Resina
114.	Jamelão		Folhas e fruto
115.	Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Folhas
116.	Lima de Bico		Fruto
117.	Limão China		Fruto
118.	Limão Galego		Fruto e casca
119.	Limão Taiti		Fruto e Casca
120.	Malva do Reino		
121.	Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Folhas, flores e caule
122.	Mamacadela		Fruto
123.	Mamona		Fruto
124.	Manga	<i>Mangifera indica</i> L .	Folha e frutos

125.	Manjeriçã		Folhas
126.	Manjerona		Folhas
127.	Maracujá		Fruto
128.	Melão de são Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Folhas e fruto
129.	Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	Folhas e flores
130.	Mentrassto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Folhas
131.	Moringa	<i>Moringa oleifera</i> Lam.	Folhas e flores
132.	Negramina		Folhas
133.	Nim	<i>Azadiractha indica</i> A. Juss.	Folhas
134.	Noni	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Folhas e fruto
135.	Nozes da India		Fruto/Castanha
136.	Orégano		Folhas
137.	Oropronobis de espinho		Folhas
138.	Oropronobis		Folhas
139.	Ora-pro-nobis (de flor rosa)	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Folhas
140.	Pariparoba	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	
141.	Pariri	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verlot	
142.	Pata de Vaca		Folhas
143.	Pimenta de macaco		Fruto
144.	Pinecilina		Folhas
145.	Poejo		Folhas
146.	Quebra pedra		Raízes
147.	Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Fruto
148.	Sabugueiro /Sabugueira		Folhas e flores
149.	Sairão ou folha Santa		Folhas e flores
150.	Sangra D'Água		Folhas e flores
151.	Salsa		Folhas e raízes
152.	Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L.	Folhas
153.	Sucupira		Semente
154.	Taioba		Folhas e talo
155.	Tansagem (transage)	<i>Plantago major</i>	Folhas
156.	Terramicina		Folhas
157.	Tomilho		
158.	Urtiga vermelha		Raízes
159.	Urtiga	<i>Urtica sp.</i>	Raízes
160.	Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Semente
161.	Uva	<i>Vitis vinifera</i> L.	Fruto
162.	Valeriana	<i>Valeriana officinalis</i>	Folhas
163.	Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Folha e Botão floral
164.	Vitex	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Folhas

Plantas da farmacopeia do cerrado

1	Barbatimão	<i>Stryphnodendron</i>	Casca
2	Algodãozinho do cerrado		Polvilho e flor
3	Pacari	<i>Lafoensia pacari</i> St.-Hil.	Semente
4	Rufão		Casca e folha, semente

5	Pé de Perdiz		
6	Batata de Pulga		Bulbo
7	Ipê Roxo		Casca e flor
8	Buriti		Polpa
9	Velame		Batatinha

APÊNDICE D - QUADRO 4 - SUBCATEGORIAS DA AFROTERNIDADE

(continua)

	Subcategorias da afroternidade	Discursos representativos nas oficinas
Categoria 1	Segurança procedimental: turnos em que sujeitos demonstrem a necessidade de precauções com a segurança uma da outra na produção dos fitoterápicos da coleta até o processamento.	<p>Turno 33 - Nina diz: Que as pessoas que integrar é importante que depois dê continuidade nesse aprofundamento de cuidar da plantinha... de poder mesmo que você não pode ter na sua casa, amanhã você pode disseminar essa informação e ajudar outras pessoas.</p> <p>Turno 359 - Nina Diz: Sucupira ela age... é antibiótico né. Ela é um anti-inflamatório então a gente coloca ela para ajudar tirar inflamação... Se você tem o algodão bem limpinho sempre você coloca ela no algodão para poder amassar ela. Aí você coloca ela dentro do remédio com um algodão porque aquele óleo vai liberar o princípio ativo todo. Então por isso que tem que ser o algodão esterilizado algodão para você amassar ela porque senão se você amassar ela em cima de mesa ou de uma banca ou no pano, o óleo vai tudinho para ele, então a gente vai perder o princípio ativo. Agora no algodão você pode colocar no remédio. E assim a gente usa ela também para infecção de garganta; então para dores musculares tudo a gente usa Sucupira por isso que ela é o ingrediente desse remédio que é para ajudar a limpar infecção... entendeu.</p> <p>Turno 489 - Clara Diz: pergunta Nina qual é a melhor forma de armazenar as folhas secas das ervas é em saco ou vidros?...</p> <p>Turno 490 - Nina Diz: você coloca dentro saco de plástico e depois no papelão...saco de papelão, saco de pão você compra o pacote, é baratinho aí depois, aí põe dentro do Saco de papelão fecha e põem dentro do vidro.</p> <p>Turno 493 - Clara diz: E quanto tempo dura?</p> <p>Turno 494 Nina Diz: Podê durar mais ou menos você deixar ela inteira dura até 6 meses se você triturar o pó a duração é 4 meses.</p> <p>Turno 99 - Enedina Diz: ... e, uma das coisas que a gente não pode fazer, não faça, mesmo que seja fitoterápico. Toma cuidado! Né... pra depois não falar assim: foi ela que mandou a gente tomar isso, não! Cada caso é um caso! Inclusive acho que foi você, a Bairros que mandou um documento lá falando de umas plantas, e quando eu li o estudo não fala nada de anemia falciforme, então a gente tem que ter esse cuidado, por que aquele ferro, aquela receita que ta falando lá, ela não pode pra quem tem anemia falciforme. Quem escreveu simplesmente não olhou a questão de raça, da questão genética das pessoas negras principalmente as que são portadoras de anemia falciforme, às vezes eu tô tentando curar anemia, mas eu tô estragando o baço, o fígado um monte de outra coisa, isso que ta acontecendo agora na pandemia. É... Você toma um remédio</p>

		<p>pensando que é bom pra uma coisa e ele ta afetando outra, então esses cuidados nós vamos ter que ter, também no nosso processo aqui de farmacinha. Um remédio que é bom pra mim não é bom pro outro...</p>
<p>Categoria 2</p>	<p>Horizontalidade de saberes: turnos em que os sujeitos da pesquisa demonstrem cuidado com a forma como se refere aos conhecimentos tradicionais.</p>	<p>Turno 18 - Bairros diz: Eu queria também dar uma outra sugestão Enedina... nessa linha pra os outros momentos, que quando você sugeriu que a gente vai estudando plantas por plantas ne?! Minha proposta é: quando a gente vai estudar. Hoje já indicar pra nós que planta vai estudar no próximo encontro, pra que quem tiver condições e possibilidade estudar sobre essa planta, por que hoje graças a Deus nós temos muitos estudos sobre plantas, ne?! Então o próprio baru que você tava se referindo, a própria universidade daqui de Goiás tem um bom estudo, a UNICAMP também já tem um estudo sobre essa planta, então pra de fato a gente ir se informando, tendo conhecimento dessa planta, pra que serve... o que ela pode tratar... se tem algum estudo ou não, por que eu acho que isso que você fala é de fato muito importante a gente precisa sim ter essas informações pra que a gente não vá tomar coisa a mais do que precisa.</p> <p>Turno 65 - Augusta Diz: Estamos no mês das mulheres e eu acho muito importante né, nós fazemos esse trabalho, principalmente nós mulheres negras.... E se ela falou aí a questão do chá e do sumo aí ela disse 10 g e 20 g né, traduzindo Nina esse 10 g é também, a gente tem assim, é pessoas como “raizeiras” né, nossas conhecedoras do assunto, sabedoras, é falado “punhado” né, aquele punhado para fazer um chá, aquele punhado para fazer principalmente para o chá né, então queria que você explicasse?</p> <p>Turno 72 - Nina Diz: se organizar em pensar na Vigilância sanitária, porque você fala para ele um “punhado” ela vai falar assim aí, o quanto é que vale esse “punhado”? Então pra eles tem um linguajar que não é o nosso né, então o que que a gente faz? A gente está começando a nos adequar nesses moldes para a gente ter um sonho, acho que vocês também têm esse sonho de 1 dia a gente ter uma farmácia de medicina caseira que a gente possa estar fazendo parte com a Secretaria de Saúde. Então por isso a gente já começa a se organizar, já fala em vez de punhado diz a peça escolhida, para saber quantas gramas que é que vale um punhado e nisso a gente espera além de disso desenvolver outras técnicas. Porque tem pessoas que não tem uma balança para pesar, mas ela tem uma colher de sopa, ela vai picar a folha bem picadinha, então 4 colheres de sopa da planta verde bem picado equivale a se for planta seca bem picadinha, 2 colheres bem cheias que vale a 10 g.</p> <p>Turno 449 - Nina Diz: Isso é muito importante porque a gente não correr risco de alguém passar mal, né, com o remédio que a gente ensinou, né. Realmente é bom a gente ter certeza que a pessoa tem sintoma, né fazer toda uma conversa. Eu falo assim a gente nem tem que pensar ...tanto. já Passar Remédio para os outros, a gente tem que pensar que em primeiro lugar cuidar da nossa família, e da gente, né. Para a gente viver melhor, então nós ...tenha cuidado de si mesmo, para depois quando você estiver ...não, agora eu tenho segurança, que eu já usei o remédio para ansiedade, eu já usei para minha família, foi bom, a pergunta pessoa que... que é o sintoma que ela sentiu quando tomou... se teve algum, algum efeito, se melhorou. E aí assim de ter se cuidado, né. Porque a planta é</p>

natural, mas ela mata também, né. Então a gente pode levar uma pessoa para o médico, para levar uma pessoa à óbito, se você dá uma planta errada, né. Então tem que ter certeza que essa planta mesmo... que é a planta mesmo, que você quer.... Especialmente quando a gente... fala da planta do Cerrado é que a planta nativa ela tem várias parecida, tem várias da mesma família, mas que tem o princípio ativo que a gente pode usar talvez ela tem três espécies, mas a gente só usa uma. Então a gente tem que ter certeza daquela que não vai ter risco de vida né. E quando tem uma planta que a gente sabe que ela é perigosa é melhor nem indicar. Tem que ter muito cuidado que ela é venenosa então é melhor a gente nem usar se quiser faça no uso próprio da gente ou então a gente prepara aquele remédio com dose certinha para você passar para o outro. Para não pôr seu serviço em risco, né, então a gente tem que ter muito cuidado né, de conhecer, de saber os horários também né, de colher as folhas, tem que levantar de madrugada para quem vai é 5h30... tem muito importante né. Que você tenha um bom remédio é o horário da coleta da planta e como depois você lavar você tentar então todos os cuidados que a gente tem que ter é que você tenha um bom princípio ativo ali, tá no seu remédio. Outra coisa quando a gente vai colher no Cerrado, não colher na beira da estrada, onde tem contaminação, procurar um lugar sempre mais dentro da mata para você colher.

Turno 133 - Bairros diz: o que que você fez experiência para que a gente tem primeiro baru ele é anti-inflamatório né e os homens adoram porque diz que é estimulante sexual na experiência de indicação de baru. Essas são as respostas que as pessoas trazem para nós guardar, **Enedina** ficou doente para mim foi um grande desafio a preocupação de poder ajudá-la a se cuidar que eu acho que todos sabem que passou por um processo de problema na coluna é muito sério né, de ajuda para ir ao banheiro. E uma enfermeira amiga nossa lá do Tocantins ela tem um amigo médico aqui em Goiânia que é ortopedista. Aí ela falou eu falei com ela perguntando o que que ela indicaria para coluna de plantas naturais a imediatamente ela falou do baru para mim, aí eu falei com a **Enedina** se ela queria fazer experiência e ela me respondeu: qualquer remédio que me tira desse lugar eu posso aceitar né também para disso mas a sua fala né E aí eu e uma comadre fizemos a trituração da semente do baru e a **Enedina** fez uso quase um ano né **Enedina** que você usou o barulho que a gente usou a semente do baru inteira triturada não é fácil de triturar, é muito difícil, a gente é muito dura a semente, né, mas aí a gente conseguiu triturador de ração animal e foi ali naquele lugar que foi triturado para gente triturou mais ou menos uma lata de baru, semente de baru secou e a **Enedina** fez uso dessa, dessa mistura da semente(Coco) inteira na verdade que essa casca de fora a e a semente... Enedina do fruto do baru depois colocava no vinho e tomava duas vezes ao dia... Depois foi reduzido, né E aí a **Enedina** tá isso para todo mundo a gente vê e agradece bem, né, que a coluna praticamente ficou curada **Enedina** agora fala você que passou pela experiência **Enedina** então. nossa.... esse mês e seu médico ortopedista ele fez um estudo sobre a eficiência do Baru para tratar a coluna problema de coluna...

Turno 194 - Bárbara Diz: mas eu vendo vocês falarem sobre o Baru a minha mãe, a minha família passou por isso também minha

		<p>mãe tinha reumatismo Marta e era muito sério, doloroso e ensinaram essa receita do baru no vinho, e a inflamação baixou e foi melhorando. Ela foi buscar essas castanhas de baru muito longe e tomou por alguns meses esse remédio do Baru e o reumatismo dela cedeu. Então realmente é verdade mesmo nós passamos por isso...</p>
<p>Categoria 3</p>	<p>Engajamento político: turnos de fala em que há a discussão explícita sobre racismo, sexismo, antirracismo, antissexismo etc. Citações de textos dessa natureza.</p>	<p>Turno 1 - Enedina Diz: Na aula da professora, ela professora cedeu uma aula lá de 15 em 15 dias para eles, para os meninos e eles dava aula mostrando experiências de químicas experiências que podem ser feita como mexer com o cabelo, descolorir o cabelo, falar do cabelo, da comunidade negra, falar do cabelo de forma geral. Experiências com o pó de café...pegavam de 3 a 4 ônibus para poder chegar lá.</p> <p>Turno 19 - Enedina Diz o surgimento do Afrocientista que é um filhote, né do Investiga Menina! Projeto Afrocientista ele surge com projeto que era para Goiânia mas Sônia sendo a presidente da ABPN sendo uma Dandara ela achou interessante que esse projeto ele fosse a nível nacional, então para 100 alunos, beneficiados e que puderam fazer suas escolhas com a mesma linha da pesquisa do Investiga, só que aí já era uma amplitude maior que era o Afrocientista e dentro desse projeto Sônia sempre envolve todos os estudantes Independente se é doutorado se é mestrado se é graduação, todos para elas têm o mesmo patamar e a gente tem um grupo de estudo que é dentro do LPEQI que é o Coletivo Ciata.</p> <p>Turno 151 - Enedina Diz: Se Deus quiser logo a gente vai estar junto. E mesmo que hoje é véspera do Dia Internacional da Mulher, a gente queria vir e trazer essa fala do autocuidado, e a sua fala que é muito importante pra nós e para as mulheres negras. O mundo inteiro tá reunido né? Discutindo a questão mulher e da igualdade racial e a gente sabe os desafios que as comunidades quilombolas tem. Você tem um saber tão importante, tão grande e você não tem o espaço e as condições necessárias pra contribuir nesse momento de repassar as suas informações, o seu conhecimento por falta de tecnologia. E a gente fala que esse projeto, ele buscou trabalhar um pouco isso, justamente pra trazer um pouco esse conhecimento que você tem a tantas outras mulheres. O que na verdade não dá pra colocar todo esse conhecimento assim tão rápido. E eu fico muito agradecida de você estar conosco neste momento tão importante trilhando esse sonho, da esperança e da continuidade. O sonho da história oral, que não foi escrita por ninguém, mas que Sempre... a gente tem uma outra que não está podendo participar também ...não está aqui hoje era para estar e a gente sente falta, né das colegas, né que é muita gente queria estar participando desse momento, da sua fala, da sua contribuição, mas nós vamos ter mais momentos juntas né se Deus quiser.</p> <p>Turno 359 - Nina mas você sabe que a calêndula é uma planta que ela é, trabalha também isso... a gente usa ela no hormônio natural né que para fazer reposição hormonal que ela é uma planta que a gente até chama ela de planta da mulher. Então vale aquelas plantas do hormônio são plantas mais ligada no feminino, né e a calêndula é uma planta que ela trabalha também Suas Emoções, ela desfaz as emoções, as tensão né que quando a mulher entra na menopausa ela perde várias coisas... Cada planta daquela vai agir numa parte do nosso corpo para então...lembra de uma planta que ela vai trabalhar a nossas emoções e desfazer isso nesse período da</p>

	<p>passagem da menopausa...</p> <p>Turno 393 - Bairros Diz: eu quero falar um pouquinho da minha experiência com a calêndula eu uso muita calêndula para tratar alergia né Para mim tem um resultado fantástico para tratar alergia eu falo do lugar que sou alérgica a 10 coisas diferentes que desde que eu descobri a calêndula graças a Deus minhas crises são bem controlados, fraca, quando eu sinto que eu vou ter crise eu já recorri a minha tintura de calêndula ou o Chás...</p> <p>Turno 429 - Nina diz: a cavalinha é uma planta que ela é diurética Por que, que a gente coloca uma planta diurética na receita Por que tudo aquilo que é impureza que vai sair, ela vai passar no nosso rim, então a função da cavalinha nessa receita é para purificar nosso rim e a cavalinha tem colágeno e a colágeno ela faz muito bem para nós principalmente para nós mulheres então a função da cavalinha é essa limpeza do nosso corpo e nos fortalecer nosso colágeno que é uma coisa que a gente perde quando na parte quando chega na menopausa a pele fica muito flácida que tá muito flácida então a cavalinha vai ajudar nesse processo pode fortalecer a pele para pele não ficar flácida por isso que ela é colocada nessa receita aí também o ipê roxo todo mundo já sabe o potencial que tem o ipê roxo né então é uma planta que a gente usa então eu uso em todas as formas que eu faço aquela que nós estudamos a ...sabe que e ela cura mau de parquison, aumento dos glóbulos vermelhos ela tem uma série de coisas dentro do Ipê roxo e ela é uma planta que eu uso dela em toda a receita que eu faço e esse essa, essa receita aí vocês não tem noção quanto de gente que usa essa receita então tem vários ginecologista aqui que já pede para as mulheres me procurar esses que tem mais uma noção de coisa de produtos naturais ele já pede para procurar... Engraçado que a gente pede para depois a pessoa depois de 30 dias já começar medir a taxa de hormônio a gente vê o quanto a pessoa fica bem tipo tem muitas mulheres que quando me procure já tá o ressecamento de vagina então Quanto tempo daqui 30 dia esses sintomas praticamente já sumiu tudo por que essa esse conjunto de planta ele vai trazer aquela força aí tem que trabalhar todos os órgãos do nosso corpo então mulher está com um pouco de libido que me procura aumentou Isso é uma função quais os sintomas que vai ficar aparecendo depois do uso e a gente vai passando né na ficha da pessoa nesse acompanhamento...</p> <p>Turno 502- Lima diz: eu ajudava minha avó ela era benzedeira, curandeira, ali no Guapó-GO, Abadia de Goiás, tinha um quilombolo ali.... E ela sempre, eu ia com ela, uma coisa que eu não esqueci foi a carobinha. Ela era mais difícil de achar e ela sempre procurava o carapiazinho, né, então a gente ia para lá para carregar um sacão, ela mais velhinha carregava um sacão de raízes então eu quero agradecer... muito importante esse Resgate aí, porque eu ajudava minha vó só que eu não lembro hoje o que... raízes em que a carobinha sentando novinha trepando mais só que eu não lembro mais o quê remédio para quê? Porque ela não falava para gente. Para que que é ajudava ela levar fazer garrafada. Foi maravilhoso, porque eu sempre gostei quero somente agradecer a vocês, viu, esse projeto, não sei Nina você, Enedina, com as meninas aí, que agora que eu tô conhecendo Magda Então para mim é um presente de Deus, muito obrigado,...</p> <p>Turno 513 - Nina deixa eu te falar um pouquinho o Carrapiá ela é uma planta que a gente usa para sinusite e rinite alérgica e a</p>
--	---

Carobinha é depurativo do sangue, quando tá saindo muita pereba muita ferida no corpo aí o chá Carobinha na garrafada para limpar o sangue é um dos melhores depurativo....

Turno 546 - Mazama Primeiro agradecer a **Enedina** que colocou o convite no grupo da Rede de Mulheres Negras Goiana. Fiquei conhecendo hoje. Estou achando fantástico, como algumas meninas colocou ali no Chat...agradecer a **Nina**. Orgulho de te conhecer... Prazer de conhecê-la **Nina**, prazer em conhecer você e as outras meninas, que participam ...Fantástico é uma coisa eu pessoalmente né gosto disso e eu com mulher negra, sabendo deste resgate, sabendo que vem de uma comunidade quilombola, que os conhecimentos de algumas plantas vêm dos nossos ancestrais, já trazem esse conhecimento...do continente africano.... Importância histórica também... agora quando fala assim perguntar para os avós. Eu já não tenho, minha mãe tem 88 anos e mais eu posso perguntar para ela pois nos curou com remédios...agora quando fala de conhecer uma farmácia eu infelizmente eu não tenho conhecimento e se é de referência eu não sei...não conheço... eu mesma não sei manipular... eu não sei... Como vou ter esse saber. Talvez se tivesse essa farmácia seria muito melhor. Mas por conta da pandemia eu sei dessa dificuldade. Estou aqui pensando Gente, imaginando eu queria fazer todos esses remédios como eu já estou no climatério e problema de coluna...fico imaginando se a **Nina** tivesse uma referência aqui em Goiânia. Um lugar sério seria interessante nos indicar..., mas também tem outra questão que a **Nina** pode nos falar ...porquê... eu assisti uma Live com uma terapeuta da Bahia falando sobre remédios. Eu vou lá vou comprar... e que nem tudo é para todo mundo. **Enedina** no início da oficina refletiu sobre isso. Quais os remédios são para todo mundo? Isso ascendeu mais uma luzinha amarela ...acho que vermífugo, alguns remédios para uma coisa ou outra..., mas quando são remédios para cuidar do emocional, né que a **Matilde**, ela falou que é do Mato Grosso...eu tenho a questão emocional, mas de repente a questão que desencadeou o emocional em mim..não é o mesmo da outra pessoa... estava falando dos remédios para alergias, mas cada remédio e pessoas são diferentes. Por isso pedi o telefone da **Nina**, pois já quero fazer um monte de ´tratamento completo das coisas que está me atrapalhando aqui. Por isso fico me perguntando quais medicamentos vamos ter na farmacinha que será de uso geral e os específicos...porque nessa Live que fui fazia se uma pergunta se alecrim é para todo mundo usando? tava falando sobre isso. Tem já trata a questão da religiosidade...da ancestralidade. A questão da árvore **Nina** eu achei maravilhosa a referência. Eu tenho muito contato com pessoas da religião de Matriz africana, esse contato com a natureza ... essa questão da árvore maravilhosa...

Turno 647 - Dalva Diz: Ou... **Enedina** muito obrigada, por poder participar deste grupo...realmente sou uma mulher negra crua no assunto, mas eu tenho muito interesse e hoje em dia eu ando trabalhando e aprendendo a fazer os cursos de terapia principalmente de Cultura de música, música.... Tenho interesse em aprender trabalhar Remédio caseiro com plantas medicinais...que eu vou mudar para chácara né aqui eu tô pensando agora.... E aí interessante da questão funcional da gente né envolve muito porque a gente sente isso lá ver nossa pensa e as pernas dói as costas. o que é a mudança do.. porque eu não tenho nada...é a

mudança do nosso corpo... Uma mulher que mulher Eu raciocinei nada agora no momento né quantas mulheres trabalham as outras então Acho que sim nós mulheres maravilhosas né... Ansiedade e doenças verdade vai fazer com que não são as mulheres mas toda a população pode contribuir né a melhorar as pessoas que tinha compromisso com a energia como Despertar a nossa reunião preocupar muito com essa energia desses saberes é uma renovação é um momento de renovar e eu tô ...preocupada com o pós pandemia muito contente temos compromisso com a energia e estou muito contente de ter encontrado... Contato Muito obrigado

Turno 19 - Bairros Diz: Isso vamos aprendendo...o vídeo faz o resgate...Que a gente acaba achando que o Brasil tá desligado né aí para mim Argentina nem imaginava que tinha toda essa experiência afro...sabe porque a gente não escuta que fala de falar né E aí para mim Outra coisa que me veio na hora que o filme acontecia é desse lugar que a gente vê que tá registrado na nossa memória na memória da maioria da população não sou brasileira mas da América Latina em aonde tem negro né aonde a gente rotuliza onde esta á a figura da mulher negra sobretudo...registro na nossa memória... O branco mais inclusive Nós também mulheres negras né reforçamos nesse lugar de mulher negra colocar na cozinha tá ligada a questão da prostituição, em e nós somos muito mais que isso eu acho que o filme vem para mim mexer lá tá mente nesse lugar e eu fazer esse Resgate ninguém diz para nós que o Tango é uma dança Afro.

Turno 39 - Bairros a gente é o que a gente é...Aquele cara disse que ele é casado com uma mulher branca que que o filho dele é né eu me coloco no lugar dele Por que que meus filhos eles são o que eu representar, significa para ele

Turno 42 - Enedina A sociedade vai dizer para eles não... A questão da melanina muita das vezes ela determina o seu lugar né Quanto mais você tem mais você é caracterizado Quando menos você tem menos... você que é caracterizada mas no momento que você é e não tem como

Turno 45 - Bairros eu acho que o filme trás as questões das camuflagens... Dr Chocolate a gente se tende né querer se camuflar com essas novas palavras para não ser negra..

Turno 50 Enedina também eu falo isso porque aqui uma vez teve uma festa ali na casa das jovens quilombolas e tava todo mundo lá então quilombolas né todo mundo preto, preto, preto, aí nós temos uma irmã que ela era Branca aí ela foi para festa ai que as pessoas percebem... aí ela ficou branca ...as minorias na universidade E a maioria nos olhos da sociedade....a maioria nos ônibus em outro lugar de força de trabalho mas a gente não é reconhecida ainda alguns desafios que nós ainda tem pela frente e ontem eu participava de discussão do PL 02 falando sobre a questão das políticas antirracistas nas escolas... Continua ignorante sem saber a história e aí olha nos livros didáticos muito pouca a história do povo negro da história das pessoas que têm são negras, indígenas os livros da história da questão da questão da homossexualidade isso sempre existiu e Sempre existirá mais os livros não pode trabalhar pode trabalhar produtivo com isso quando alguém joga uma criança fora todo mundo culpa essa pessoa.... Por que uma mulher só faz um aborto com uma mulher só joga uma criança na rua porque ela não tá bem de saúde ou ela está depressiva ou ela

		<p>não tenha acolhimento em lugar nenhum...e a gente as Condena... todas as quem tem um bebezinho fica lá ai mas essa mãe é uma Coitada dessa cidade.... Comunidade.... Esses dias aí menina o negócio que alguém jogou um bebê fora aí eu falei mas será que ninguém nunca viu essa menina nunca deu carinho para ela quando ela estava grávida né.... Escola por não ter dinheiro ou muita das vezes não vai para escola porque lá ela foi discriminado.... Uma reflexão ampla para a gente entender como é que é o processo deles afroagentinoss porque não é fácil ser um afro, gente se organizaram e resistiram. E aí quem mais quer falar...</p> <p>Turno 90 - Jurema seu microfone tá fechado embaixo que aí ele tá...</p> <p>Turno 90 - Enedina Então ninguém mais quer falar nada eu ia mandar para você mas pesa muito no celular o texto claro que fala aqui ele fala que sobre identidade e uma das falas eu vou só ler aqui para vocês tá bom Aí tem que dar a identificação e a autodeclaração racial é um processo individual uma vez que envolve uma percepção de si próprio e do outro muitas vezes o resultado de uma reflexão de auto descoberta construída com base em fatores que vão além da cor da pele e podem envolver origem classe social sentimentos a pensadora brasileira a Lélia González nos apresenta os conceitos de América, Americalandina The American Dad... que trazem uma abordagem mais Ampla e que levam em consideração a inter... que envolve a união da população negra e o reconhecimento da sua influência na formação histórico-cultural do continente americano como um todo no Brasil país com a maior população negra do continente Essa é a forma de coleta de informações sobre cor e Raça oficial do IBGE mostra o....</p>
Categoria 4	<p>Conhecimento científico: denota discursos tipicamente científicos da biologia e da química que aparecem nos extratos.</p>	<p>Turno 87 - Katemari Diz: na casa da outra minha irmã que já trabalhava com essas plantas que essas coisas e as meninas não queria que o projeto 1001 Ervas & Sabores que era o projeto da Minha Irmã que a gente tinha um projeto saúde natural que chamava 1001 Ervas & Sabores. Aí também esse projeto era mais coisas naturais, remédios naturais, comida, essas coisas...</p> <p>Turno 27 - Enedina pergunta: Que planta é essa?</p> <p>Turno 27 - Katemari Diz: Aqui é a babosa</p> <p>Turno 28 - Enedina Diz: É aqui a gente queria ver além da planta, as potencialidades dela. Você quer falar um pouquinho sobre essa planta?</p> <p>Turno 55 - Nina Diz: A Salsa é uma planta que ela faz uma coisa. Ela faz uma limpeza geral vai estar em toda a parte do nosso corpo né, principalmente essa parte mais feminina né. A gente fala que a salsa ela é a planta da saúde da mulher, é uma planta que é mais usada pelas mulheres.</p> <p>Turno 60 - Nina Diz: Todo sumo a validade dele é 12 horas e todo chá a validade dele também é 12 horas, se você for fazer da planta verde é 20 g se você for fazer da planta seca é 10 g para 1 L.</p> <p>Turno 89 - Nina diz: Mais assim quando você faz esse processo pra fazer o sumo, que a folha é batida, é esse processo aí que eu tô chamando da validade, você vai fazer isso daí, bater pra deixar esse tanto de dia, ela perde o princípio ativo, porque todo sumo que a gente faz o princípio ativo de sumo dura 12 horas. Então se passar das 12 horas a senhora não vai ter remédio com princípio ativo aí. Agora se a senhora fizer uma infusão aí é diferente. A senhora vai pegar a folha colocar dentro da água sem bater e deixa de infusão</p>

aí dá pra usar uma semana. É diferente de quando faz com o sumo porque usa todas as partículas da planta aí ela é quebrada e quando quebra ela a validade é menor. Então ela vale 12 horas.

Turno 224 - Nina Diz: Porque quando o nosso organismo rejeita alguma coisa porque cada planta ela tem uma substância e ela tem dentro daquela informação dela qual é o DNA da planta. Então o que que a gente tem que ver no caso a gente vai fazer um biótipo... ver o que que seu organismo suporta... simplesmente pegar que cada um de nós tem o nosso DNA cada um de nós tem a nossa formação nossa da célula do nosso corpo, então por isso que lá na clínica quando eu atendo eu simplesmente eu faço um atendimento faço a consulta faço avaliação e vou peço pra voltar no outro dia porque eu vou falar através daquela data ali eu vou fazer o equilíbrio do corpo dela para mim saber qual é a planta que eu vou colocar naquele remédio dela então assim eu não vou pegar a formulação pronta e te entregar porque cada um de nós tem o nosso DNA...

Turno 72 - Magda Diz: Acontece igual essas informações que eu encontrei a respeito da colônia isso tá registrado na farmacopeia brasileira Então significa que isso foi estudado por alguém né E que realmente ela tem essas características mas igual outras características igual você falou é de fazer de outras partes da planta e tudo mais Talvez isso ainda não tem esse resultado né não tenha sido viu lá no laboratório como que faz qual que é a quantidade adequada Qual o tanto que faz bem né. Então é por isso que é importante a gente fazer esse processo né para saber mesmo a quantidade certinha para que que serve se tem outras utilidades serve para tratar outras doenças e outras coisas né.

Turno 91 - Ciata Diz: Recebi o convite para entrar...,mas sobre a colônia a eu tenho experiência muito interessante com elacom óleo principalmente mesmo óleo essencial da folha que a gente já destilou, E casos de pessoas que teve derrame né para fazer a massagem diluir um pouco do óleo essencial com óleo de gergelim e massagear e os movimentos voltarem mais rápido a gente acompanha os casos bem interessante sabe de fazer a massagem na pessoa que tava com paralisia por causa do derrame e melhorou..., como não sei se já falaram Antes também dela para questão de pressão ela já é bem conhecida também né o chazinho da folha, da flor para pressão. Mas em outros lugares utiliza a raiz... não sei como fazer ele né.

Turno 54 - Magda Diz; Ciata tá bom. E aí nesses estudos que a gente foi lá tentar entender um pouco melhor para saber para quê que serve e o que que é esse algodãozinho. Encontrei algumas informações que tá na própria farmacopeia né, do cerrado. E as partes utilizadas desse algodãozinho vai desde a folha dele, as flores é os frutos. Ok então! Então... como eu estava dizendo né, as partes utilizadas desse algodãozinho vão desde as flores, as folhas, os frutos e até mesmo a batata dele. E aí eu fui dá uma estudada a respeito dos usos medicinais que até muitas de vocês devem conhecer também né é... então eu encontrei algumas informações a respeito do pó ou do polvilho feito desse algodãozinho tá?! Esse algodãozinho tem duas variedades o algodãozinho que ele é o amarelo e o algodãozinho que ele é o roxo e quando fizer o polvilho dele né, desse pó dele tem que ter cautela no pó desse quem vem do roxo porque ele é mais forte. Então a

	<p>quantidade que vai ter que utilizar é menor né. Então na hora que a Nina chegar ela vai poder tá explicando pra gente esses valores que podem ser utilizados né. A gente não vai falar sobre isso agora isso a Nina vai falar pra nós. É... então ele deve ser utilizado em doses menores, a garrafada que é feita desse algodãozinho né, ele pode tratar várias doenças principalmente</p> <p>Turno 79 - Magda diz: Então a recomendação, os cuidados que a gente deve ter a respeito desse algodãozinho é justamente na quantidade, usar somente a dose recomendada né. Pra evitar a qualquer tipo de intoxicação, apesar de lá na farmacopeia do cerrado eles não informam nenhum caso de intoxicação por algodãozinho né, mas mesmo assim a gente precisa de ter cautela aí no uso dele, tá? Agora então Enedina você quer comentar alguma coisa? E as outras meninas também?</p> <p>Turno 284 - Nina Diz:... . E nenhuma planta a gente, não tem um uso prolongado por muito tempo. Igual no caso quando a gente faz aquela tintura do alecrim a gente coloca 9 gotinhas...é o que nosso corpo então e aí depois dá uma parada com 15 dias...depois de usar mais 30 dias, se você ainda não melhorou o suficiente. Então vai fazendo essa alternância. Porque nenhuma planta a gente usa ela três meses quatro meses direto. A gente dá uma pausa para o nosso organismo limpar aquela toxina que a planta tem para depois a gente voltar a tomar. Se a gente não curou do problema durante os 15 a 30 dias então toda planta medicinal a gente faz essa alternância de uso. Muitas vezes que tem de usar com 30 dias e não melhorou você pode tá usando a Melissa que ela faz o mesmo efeito do alecrim. Então a gente procura usar a mesma planta que vai trabalhar, mas não a mesma planta durante um mês seguindo então os cuidados que a gente tem é isso e também, a gente usa também na alimentação. Em vez de você fazer o chá ou você tomar a tintura, você pode colocar ele na sua alimentação, no seu tempero que é uma forma também da gente prevenir...cuidando da nossa saúde dentro da alimentação. Então tem várias pessoas que orienta colocar na alimentação, em vez de fazer o chá, que às vezes a pessoa não gosta de tomar a chá, que tem gente que não gosta. E aí ela acha melhor colocar ele no tempero, e ela usa na alimentação dela, na salada, ou coloca ele dentro do azeite, a maioria orienta assim: colocar os galhinhos verde dentro do azeite ou do vinagre e na hora que for temperar a salada, ela usa ele na salada, que a maioria orientam assim colocar o galho dele Verde e deixa curtir uns dias, então a gente usa também dessa forma...</p> <p>Turno 5 - Magda diz: né para os usos medicinais mas eu encontrei algumas outras informações que eles também que ele também pode ser utilizado com para tratar feridas, as Cistite, cólica, doenças respiratórias, feridas na boca ou no estômago, prisão de ventre, na digestão diz que seria fraqueza, problemas na próstata, tosse, laringite, enfim há uma série de coisas que ele tem propriedades, só que aí como que a gente vai utilizar ele, só, aí gente precisa da Nina para nos confirmar tá. Então ele tem propriedades adstringente, antibacteriana e antifúngica, anti-inflamatória, antioxidante, descongestionante, diurético, expectorante, enfim é uma série de propriedades que esse Jatobá tem E aí na receitinha que eu encontrei dele precisamos confirmar, né, diz que pode ser utilizado a folha dele, a casca e a semente Tá mas a gente precisa confirmar certinho para a gente não fazer nada de forma incorreta,</p>
--	---

		<p>até porque a gente precisa saber a quantidade certa né, como que usa essa casca, como que usa essa folha, para gente não fazer uma receita, aí uma quantidade de errada, alguma coisa nesse sentido. Então esse foi o Jatobá. Aí deixa eu ver aqui, oh, Enedina, já posso falar sobre a outra planta...</p> <p>Turno 42 - Enedina diz: Não, para ai. Aí nesse estudo não falou sobre a resina e na receita que a Nina inclusive deu fala sobre a resina. Aí a gente precisa aprofundar muito sobre uma planta. O Jatobá principalmente...</p> <p>Turno 44 Bairros Diz: ... Além da resina tem o vinho de Jatobá que é um líquido que sai do tronco da árvore, que ele é usado muito no interior</p> <p>Turno 46 - Enedina Diz óleo de pau?</p> <p>Turno 46 - Bairros diz: Não. Vinho de Jatobá, ele é o depurativo do sangue, como saiu o óleo copaíba, no Jatobá também sai esse líquido...</p> <p>Turno 56 - Bairros Diz: para ajudar a complementação a farinha de Jatobá que é comercializada, tem uma médica aqui em Goiânia ginecologista que ela indica quando a gente entra no processo da menopausa, ela indica a farinha de jatobá para fazer o equilíbrio hormonal. Eu compro também farinha de Jatobá dessas casas que vende produtos naturais é comercializado inclusive....</p> <p>Turno 580 - Nina Não falando com ela quando ela falou de fazer algum remédio que a gente vai quando a gente vai fazer algum remédio ligado ao emocional e o praticamente todos os remédios que eu vou fazer eu gosto de fazer depois que eu aprendi a pessoa porque eu gosto de muito observar que a energia que a pessoa tá vibrando aquele momento quando eu vou fazer eu vou conversar com ela porque assim como eu trabalho nessa parte mais de energia então eu gosto de fazer o remédio depois que eu faço avaliação depois que eu converso depois que eu sinto um tranco como que a pessoa tá aí que eu gosto de fazer o remédio que cada pessoa tem um DNA diferente então às vezes ele tem o alecrim que eu passei para uma pessoa tomar eu já vou passar Melissa porque depende da energia que tá vibrando ela naquele momento do atendimento e também Além disso eu também gosto de fazer avaliação das plantas para mim fazer o remédio as pessoas muitas vezes tem pessoas que não fazer o remédio com 10 plantas com Deus eu vou fazer eu vou fazer confete então eu trabalho com pêndulo na avaliação da planta vibrando a energia que tá na pessoa naquele momento então eu gosto de fazer avaliação ...as plantas o remédio depois eu eu conheço a pessoa por telefone, pela voz como conversar, pelo tempo pessoalmente eu gosto de fazer avaliação Para depois eu fazer um remédio porque cada ser é diferente um do outro...</p> <p>Turno 597 - Enedina Por isso aquela ficha que pedimos para todo mundo responder ela tem uma dessas funções...Mas além dessa ficha quando vai se fazer de atendimento passar uma medicação Mazama é muito importante essas avaliações ...aqui no grupo nós temos Nina que faz esse acompanhamento né e a Bairros também ela faz acompanhamento mas ela faz com outra linha né mas também muito importante ela como que chama Bairros?</p>
Categoria 5	Didática do espaço não formal de	Turno 122 - Enedina Diz:... nós fomos parar nos quilombos né E daí ajudamos a organizar as mulheres do Quilombo se hoje tem muita gente na faculdade eu digo que nós temos um pedaço da

<p>ensino: turnos em que os conceitos científicos são explicados levando em conta o grupo social para os quais são apresentados.</p>	<p>contribuição da Dandara principalmente na organização das associações quilombolas do Estado... A Augusta também participou e ajudou muito no projeto de formação muito grande... A Bairros grávida de 7 meses... e fazendo Trança,... esse foi um projeto nosso inicial, ... e eu penso assim nossas rodas de conversa foi muito além disso né... ele gerou muitas outras opções para essas mulheres ... até Bairros ela com aquele barrigão até o cara da Furnas dizer? Mulher você nem pode ir na frente porque você tá grávida você não tem medo desse bebê nascer. E na verdade Bairros virou e disse: não lá no mato tem muitas Parteias se ela quiser chegar, ela chega. Bairros não vai... porque a preocupação da sociedade é diferente da nossa participação se a criança quiser chegar ia chegar na mão das parteiras né. Então Bairros não tinha medo então isso é a Dandara... a gente subir em cima de um caminhão vir daqueles Quilombos até aqui em Goiânia, é umas coisas assim que... A gente escrever nossa história é muito grande.</p> <p>Turno 176 - Bairros Eu queria falar com ela dentro dessa proposta da formação e afirmação das mulheres quantas mulheres negras né. Acho que Dandara fez um trabalho assim de resgate não gosto muito desta palavra Resgate, mas depois que me vem na memória agora das mulheres negras em Goiás e aí eu entendo isso acho que na região centro-oeste inteira quando a gente tem Goiás sobre tudo, as comunidades onde se iniciava a expectativa de se tornar um quilombo eu acho que a Dandara foi responsável por isso né. E com isso resgatar dentro de cada mulher ou de cada pessoa desses espaços de cada pessoa o que tem de bonito de ser negra e afirmar isso com toda a identidade aqui essa palavra carrega né acho que isso foi responsabilidade foi um trabalho da Dandara. E aí eu falo que toda pesquisa que você fez Enedina registrando cada quilombo em Goiás, Eu acho que isso precisava ser de fato documentado e divulgado mais né. Eu acho que eu tenho toda certeza e as pessoas quando afirma que Dandara faz muita coisa mais as vezes registra pouco isso é real. Mas isso é primeiro porque as nossas pernas são curtas para fazer tudo né, se eu falasse das rodas que a gente fazia de conversa que era parte da tranças, que foi uma metodologia que a Dandara, criou para poder chegar em um lugar de auto cuidado com essas mulheres negras eu acho que nós ... Fantástico. Isso foi um projeto e tanto né, que a gente saiu daqui ficava 15 dias rodando as Comunidades Quilombolas de Goiás. Então a Dandara tá na estrada já um tempo nessa preocupação do auto cuidado né. E aí quando se fala do autocuidado se estende ao cuidado com as plantas, com a sobrevivência né, a autonomia Econômica dessas mulheres, que é superimportante. Então acho que a Dandara precisa mesmo, acho que a gente tem que se preocupar com esse registro, porque o registro é o que fica dentro da história</p> <p>Turno 207 - Augusta Diz Então né a gente tá assim né de falando de cabelos clareados que vai mudando o tempo mas eu fiz agora uma viagem aí para Goiás viajei para Dandara, né Enedina a gente tem... a gente tem uma história no Fórum Nacional de Mulheres Negras... contribuimos no fórum, na Dandara né. Que bom que a Katemari bem lembrou a história do Fórum Estadual de Mulheres Negras que tem história..... e a nossa marca ficou no Fórum Nacional de Mulheres Negras, que até hoje a gente vê, aqui nossa, não sei o que aconteceu essa parte é Desafio. Desafio, mais muito</p>
--	---

		<p>enriqueceu Mato Grosso do sul e Goiás né...Resistimos. Fizemos a diferença e para mim foi um grande aprendizado mais do que Pesquisa, mais do que experiência, né vivenciar junto ao Dandara a execução de projeto, enfrentar a estrada, a gente conhecer Kalunga. Nossa olha eu fiz agora ,...eu viajei aí eu já nem tô mais aqui eu viajei. O trabalho que o Dandara realizou. Isso foi um dos projetos. Ne´ Dandara?.....</p> <p>Turno 216 - Enedina.... Esse o foco foi a Lei nº 10.639/2003 resgate da 10.639. O que você fez com a gente. né</p> <p>Turno 216 - Augusta então e aí o quando você contextualiza que saiu do Malunga E cria o Dandara com geração de renda né Então olha só a visão. sabe ...o Dandara nasce Enedina com A.... idealização né de vocês. Você que criou ele, ele nasce com uma perspectiva visionária.</p> <p>Turno 410 - Dias Diz: sou Dandara desde a formação do grupo, do pensamento em formar o grupo e a concretização. Faço parte de comunidade de igreja né, mas pra mim a melhor coisa que fiz até hoje é ser Dandara, por que me descobri quanto mulher negra e mulher livre, posso falar e expor meu pensamento. Estou feliz por voltar por que faz tempo que eu estava afastada, não por que eu quisesse, queria sim poder ta La todos os dias, mas a vida da mulher negra tem muitos contratemplos e a gente precisa acudir tudo ao mesmo tempo. O sonho da farmacinha as Dandara já traziam, eu hoje trabalho no administrativo da educação e faço parte de vários e vários grupos... Pra mim o importante é ser mulher, mulher negra e livre. O Dandara é um grupo que é forte é saudável, a mudança ta ai, eu preciso fazer, e como fazer? Feliz em ta no meio de vocês.</p> <p>Turno 420 - Marcia Diz: diz: faço parte da Dandara no cerrado, trabalho na Comurg, faço parte do coletivo de mulheres, faço parte das mulheres que transformam lixo em lucro. Eu aprendi a ser negra, me aceitei a ser negra depois que entrei na Dandara no cerrado, aprendi muita coisa boa.</p> <p>Turno 334 - Nina Diz: mas assim a tira a gente não tem muito uso com a casca da fruta a gente tem um uso com a polpa da fruta porque assim ainda não tem um estudo quanto se a toxicidade da casca da fruta então assim a gente não tem usa assim se eu te falasse aqui dentro da comunidade da minha avó, dos estudos que a gente já fez a gente não tem uso da casca da fruta da polpa da fruta e assim você falando assim a gente tem toda uma técnica de tirar a casca a gente não tira a casca da madeira a gente não galho a gente tira a casca Por que não precisa você tirar no . Manejo de colheita né E aí você pode curar aquele aquela cicatriz onde você tirou aquele galho que é um galho dá para fazer remédio 6 meses porque você vai pegar 10 graminha ali depois de ser que deve da minha da minha caceta né então tem toda uma técnica do manejo, de Colheita quando eu falo assim ficando um pouco porque Jatobá jatobá é uma madeira que a gente tem que cuidar por causa daquela madeira de lei que o povo derruba muito nesses grandes do Cerrado aí daqui a pouco não tem porque hoje você vai pensar o tira para fazer tábua né pessoalmente para o Mato Grosso então tem uma quantidade de árvore mas a gente tem que começar a pensar na gente proteger elas mais...</p>
Categoria 6	Ancestralidade: turnos ou	Turno 41 - Enedina Diz: Então por isso que eu trouxe essa fala, porque essa fala da memória, ela é muito importante porque esse

	<p>expressões que denotem tratamento diferenciado pelas mais velhas.</p>	<p>auto cuidado, quando Bairros ela colocou lá atrás e o autocuidado, ele já vem aí desse processo que a gente vai fazendo há anos na Dandara, é esse autocuidado da gente não ir só para ensinar uma coisa mas ir, para conviver para fazer com que essas mulheres, né posso levantar Quantas vezes a Bairros ela ficou escutando as mulheres e também os homens da comunidade a Katemari, ..., eu não consigo falar porque se for nomear pessoa,.. ... Augusta, a Bairros, a Katemari quer falar alguma coisa? Quer falar alguma coisa a Bairros quer falar mais alguma coisa em relação a isso?</p> <p>Turno 497 - Nina Diz: Conversar com as avós as pessoas mais vó, tios, o que que eles usavam, como que eles usavam, esse eu gosto muito de pedir para meus alunos da UnB fazer isso e se faz cada coisa assim para a gente sentir dentro da própria família isso é muito importante... Enedina essa foi uma das falas que a gente usou muito buscar nos Antepassados das pessoas mais velhas nas pessoas da comunidade o que realmente me conhece...</p> <p>Turno 160 - Enedina Diz: gostava muito de trabalhar com plantas naturais ... como ela adotou uma criança e ela tinha já 6 anos e foi descoberto que estava com tuberculose ...Então aí minha irmã já tinha um pouco de conhecimento em plantas medicinais ...Não. minha irmã investiu no hortelã, na Rapadura e o agrião... esqueci o buriti...</p> <p>Turno 107 - Nina Diz: ... É um sonho meu e da minha família, passar esses conhecimentos pra outras pessoas, como dizia minha vó, “a gente só tem certeza que um aprendizado não vai morrer se a gente ensinar pra outras pessoas”, então eu nunca esqueci disso que ela falou. Então esse é meu sonho.</p> <p>Turno 215 - Augusta diz: Nina eu tenho uma pergunta é quando é esse aprendizado né esse conhecimento através da oralidade que foi que foi repassado né para algumas pessoas né eu acho que foram assim você é uma delas que está seguindo o que tua vó deixou e eu sou neta de uma, minha avó era raizeira ...ela tomava.... Ensinou a gente colher café, né catar, escolher as raízes e qual era a função...</p> <p>Turno 302 - Nina Diz: eu sou toda a comunidade quilombola do Cedro município de Mineiros Goiás e o Eu sou neta do homem que eu admiro ele muito né que é o Chico Muleque que é o fundador da nossa comunidade a minha comunidade hoje tem 150 anos e assim eu me espelho muito nele e tudo que eu faço sobre a luta dele a lealdade um homem forte um homem determinado e também da esposa dele que é minha tataravó eu sou eu trabalho com plantas medicinais desde os meus 5 anos de idade né com a minha avó porque ela era parteira, benzedeira e raizeira depois eu comecei 1985 eu comecei aí na Pastoral da Criança e comecei a estudar planta né hoje eu sou mestra em plantas medicinais Sou professora na UnB e na UFMG na UnB uma dando matéria que chama encontro de saberes e também eu trabalho com a professora Laila com alguns alunos pós graduação de farmácia e trabalho também com na UFMG numa disciplina que chama curas e cuidados na UFMG. Sou Geoterapeuta hoje coordenadora da Articulação Pacari... de plantas medicinais do Cerrado, sou do Conselho da Rede Cerrado e presidente do comitê de DGMICIP Brasil ... Esse é um pouco do que eu faço e também estou muito feliz de poder estar participando com você segundo momento né conhecer um pouco da história de cada um E também e contribuindo com aquilo que eu puder aí eu deixar eu vou deixar para vocês fazer as perguntas</p>
--	--	--

de acordo com o que você quer saber se eu tenho conta der responder...

Turno 5 - Magda diz: O nome desse Jatobá ele vem do Tupi, tá, que significa que é uma árvore que tem frutos duros e no passado ele era uma fruta que foi muito utilizada pelos povos indígenas, né, nos momentos de meditação. Então esse Jatobá gente ele é considerado um patrimônio sagrado brasileiro e aí eu encontrei muitas utilizações dele como alimentos, né, a farinha dele, seja na forma natural ou na forma de pães biscoitos, bolos ou misturada com outros ingredientes para fazer vitaminas de frutas, essas coisas. Eu também encontrei que ele tem um crescimento que considera-se que é lento, mas mesmo assim essa árvore do Jatobá, ela pode chegar até 40 m de altura e o tronco dele pode ter quase 1 m de diâmetro e a Madeira dele também é muito utilizada para construção de vigas, portas, Tábuas e em outras coisas também, peças decorativas, móveis de luxo e por esse motivo é uma das madeiras mais valiosas do mundo

Turno 243 - Nina diz: A Resina Ela tá no jatobá quando a Gente corta no Jatobá na árvore ela solta um líquido é aquele que fica cristalizado parecendo uma pedra é um cristal, aí, eu fiquei resina você tinha ele sai de dentro do Jatobá em forma tipo uma pedra é que a gente chama de resina de jatobá porque, porque ela, calcifica o osso, então no caso da sua mãe que tá com ela, ela vai ajudar a fortalecer o osso, cicatrizado tipo quando a pessoa quebra a gente massa ela colocar a clara do ovo e aplica no braço da pessoa, quando ela solta um braço para cicatrizado. Então esse é uma forma que acha que minha avó tinha de curar quebrado...

Turno 288 - Mazama Diz: um pouco para te conhecendo orgulhosa de saber que você está aqui em Goiás com esse trabalho que é tão importante. eu tenho acompanhado algumas lives esses dias teve uma reportagem falando dessa medicina e aí foi Acho que eles foram só nas Comunidades Quilombolas, mas assim riquezas falando de vários problemas que estão resolvidos ali na comunidade mesmo há muitos anos né gente e é sabedoria do nosso povo não é especialmente que ninguém dava muita atenção às pessoas que não fazem essa referência né de onde vem quem são e que sabedoria é essa que é importante resgatar também...

Turno 295 - Nina Diz: porque a gente nunca pode deixar os nossos ancestrais os nossos antepassados porque eles não tivesse vindo antes de nós mas não estaria aqui hoje conversando né então é muito importante a gente cuidar bem essa energia deles para junto da gente cada vez que a gente tá fazendo um trabalho que é uma herança que a gente tem deles né que a gente carrega deles dessa herança ela é multiplicada mas também a gente nunca pode deixar de referendar eles que nos trouxe aqui hoje né....

Turno 318 - Enedina diz: Nossa mulher, Nossa mulher preta com toda essa sabedoria ela não era reconhecido aqui na nossa estado foi por isso que a gente trouxe a Nina para a gente falar mais dela nesse projeto de pesquisa e publicar um pouco mais sobre a sabedoria que ela tem é porque é só assim que as pessoas vai conhecimento vai preservar essa memória né É muito bom ouvir todos os dias mas ouvimos ela no Investiga Menina quando a gente estava e a gente prometeu que a gente Gostaria de continuar com ela e por isso hoje ela é minha coorientadora... está né no projeto de pesquisa na UFG que vem da comunidade quilombola ela é uma

		Griô coorientanda uma mestranda...Então é isso que a gente quis fazer com Nina traze-la e publicizar mais o trabalho que ela realiza trazendo ela para dentro da UFG.
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

